

UM



JOGOS OLÍMPICOS MODERNOS: ESBOÇO DE HISTÓRIA
Volume III 1948 - 1956

ROSTO EM AGONIA

Sérgio Marinho Barbosa

MOBRAL

387

PRESIDENTE DA REPUBLICA

João Figueiredo

MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Eduardo Portella

PRESIDENTE DO MOBRL

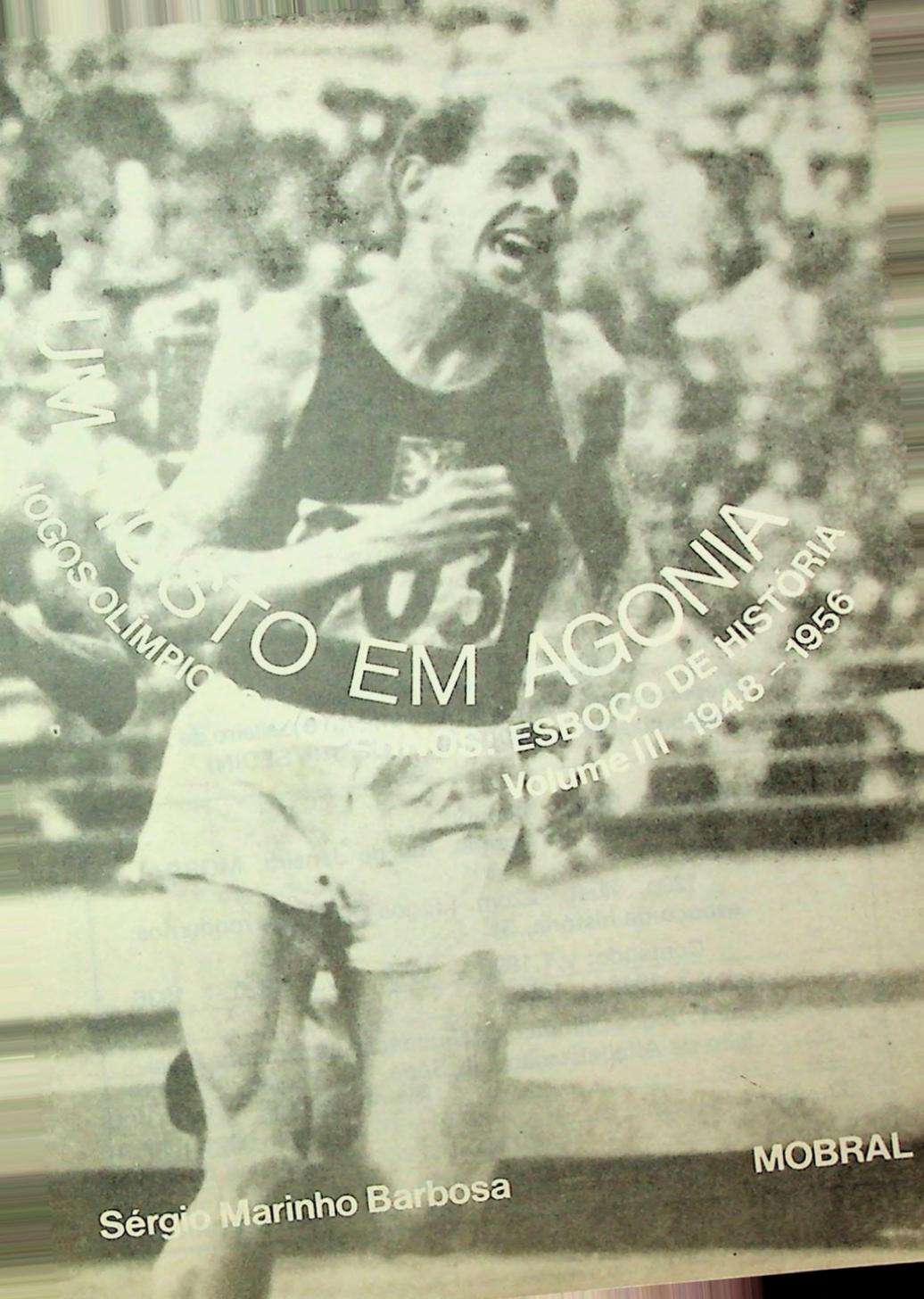
Arlindo Lopes Corrêa

SECRETÁRIO EXECUTIVO DO MOBRL

Marília Santos da Franca Vellozo

SECRETÁRIO EXECUTIVO ADJUNTO DO MOBRL

Rosa Maria Teixeira Basto O'Shea



JUN

JOGOS OLÍMPICOS

103 TO ESTO EM AGONIA

ESBOÇO DE HISTÓRIA
Volume III 1948 - 1956

Sérgio Marinho Barbosa

MOBRAL

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pela Fundação Movimento Brasileiro de
Alfabetização — MOBRAL — GERAP/SEDIN)

B 212 Barbosa, Sérgio Marinho

Um rosto em agonia. Rio de Janeiro, MOBRAL,
1980.

120p. ilustr. 22cm. (Jogos Olímpicos modernos:
esboço de história, 3)

Conteúdo: v.1. 1896 — 1912 — v.2. 1920 — 1936
— v.3. 1948 — 1956.

1. Jogos Olímpicos. I. Fundação Movimento Brasi-
leiro de Alfabetização. II. Série. III. Título.

cdd: 796

cdu: 796.092 (100)

80—19

APRESENTAÇÃO DO AUTOR

Este livro é o resultado de um trabalho desenvolvido durante os últimos anos de minha vida profissional, em especial, durante os anos de 1948-1956, quando fui responsável pela seleção e organização das provas olímpicas de atletismo realizadas no Brasil. Este trabalho foi desenvolvido em conjunto com o Sr. João de Deus, então diretor do Departamento de Esportes do Ministério da Educação e Cultura, e com o Sr. João de Deus, então diretor do Departamento de Esportes do Ministério da Educação e Cultura.

Este livro é o resultado de um trabalho desenvolvido durante os últimos anos de minha vida profissional, em especial, durante os anos de 1948-1956, quando fui responsável pela seleção e organização das provas olímpicas de atletismo realizadas no Brasil. Este trabalho foi desenvolvido em conjunto com o Sr. João de Deus, então diretor do Departamento de Esportes do Ministério da Educação e Cultura, e com o Sr. João de Deus, então diretor do Departamento de Esportes do Ministério da Educação e Cultura.

Este livro é o resultado de um trabalho desenvolvido durante os últimos anos de minha vida profissional, em especial, durante os anos de 1948-1956, quando fui responsável pela seleção e organização das provas olímpicas de atletismo realizadas no Brasil. Este trabalho foi desenvolvido em conjunto com o Sr. João de Deus, então diretor do Departamento de Esportes do Ministério da Educação e Cultura, e com o Sr. João de Deus, então diretor do Departamento de Esportes do Ministério da Educação e Cultura.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
CAPÍTULO XII (CORRA, MAMÃE)	6
CAPÍTULO XIII (UM ROSTO EM AGONIA)	34
CAPÍTULO XIV (NO PAÍS DOS CANGURUS)	64
PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS MODERNOS (2ª PARTE 1948-1956)	91

APRESENTAÇÃO DO VOLUME III

O retrato era de agonia. Uma corrida sofrida, um corpo se torcendo dentro do uniforme vermelho. Cabeça, língua, rosto, tudo compondo a máscara de desespero que parecia sugerir que o próximo movimento seria o último. Mas os pulmões e as pernas eram magníficos e, em 1952, levaram-no a um desempenho nos Jogos Olímpicos de Helsinki que, até hoje, permanece único.

No espaço de oito dias, Emil Zatopek venceu os 10.000 metros, os 5.000 metros e, depois, a Maratona. Um feito que desafia o tempo mas que - na Tcheco-Eslováquia atual - não confere ao herói o direito à homenagens de todos.

A extraordinária força de vontade que o fez correr acima dos limites conhecidos o fez, também, no verão de 1968, a desafiar abertamente os tanques russos que rolavam pelas ruas de Praga para esmagar o socialismo liberal de Dubcek.

Depois, Zatopek perdeu sua patente de coronel, sua posição no Ministério de Defesa, seu trabalho como treinador e seu passaporte. E hoje, as marcas em suas mãos testemunham o trabalho pesado dos últimos anos, limpando ruas, recolhendo lixo e desentupindo ralos.

Com o Jim Thorpe do nosso primeiro volume, o herói do terceiro é evidência de uma intolerância que o esporte visa atenuar mas que acaba atingindo, com maior peso, os seus grandes campeões. Que talvez por isso, como Zatopek, mesmo no momento das grandes vitórias, não deixava transparecer no rosto o seu triunfo.

No novo renascimento que o mundo experimentou, depois da 2.ª Guerra, os Jogos Olímpicos voltaram com mais força e vitalidade do que nunca. Esta força e esta vitalidade, entretanto, armaram também os despeitados e os prepotentes.

E puderam criar a agonia da vitória.

Capítulo XII

CORRA, MAMÃE!

— 1 —

É após uma interrupção de 12 anos que os Jogos Olímpicos vão conhecer uma nova ressurreição. Como em 1920, o palco será uma cidade-mártir, Londres, bastante castigada pela Luftwaffe, durante a 2ª Guerra. Evidentemente, a austeridade vivida pela Inglaterra naqueles dias de após-guerra vai se refletir na organização. Mas muito pouco.

Lord Burghley, o barreirista campeão de antes da guerra, era o Presidente do Comitê Olímpico Britânico, e sua organização efetuou um trabalho magnífico. Para a maior parte, os ingleses utilizaram instalações já existentes. O país não podia prescindir nem do dinheiro nem dos materiais necessários para a construção de uma Vila Olímpica. Portanto, os homens se instalaram em uma unidade do exército, em Uxbridge, e as mulheres ficaram em dormitórios na Universidade de Southlands.

Após o lapso de 12 anos, a sedução das Olimpíadas mostrou-se mais forte do que nunca. Um total sem precedentes de 59 países inscreveram 4.030 homens e 438 mulheres nos Jogos Olímpicos de Verão, em 1948. O Rei George VI presidiu a cerimônia de abertura, perante o estádio lotado (83.000 espectadores), e a bandeira olímpica voltou a tremular no seu mastro. Notáveis ausências dos Jogos foram a Alemanha e o Japão, por razões óbvias. A China, por outro lado, está presente: aquela de Chang-Kai-Chek, que será derrubado, um ano mais tarde, por Mao-Tse-Tung e seu Exército Vermelho.

— 2 —

Muitos campeões brilharam em Londres, alguns de forma fora do comum. Nenhum deles, entretanto, conseguiu igualar a espetacular performance de uma dona de casa holandesa, de 30 anos de idade, a fantástica Fanny Blankers-Koen.

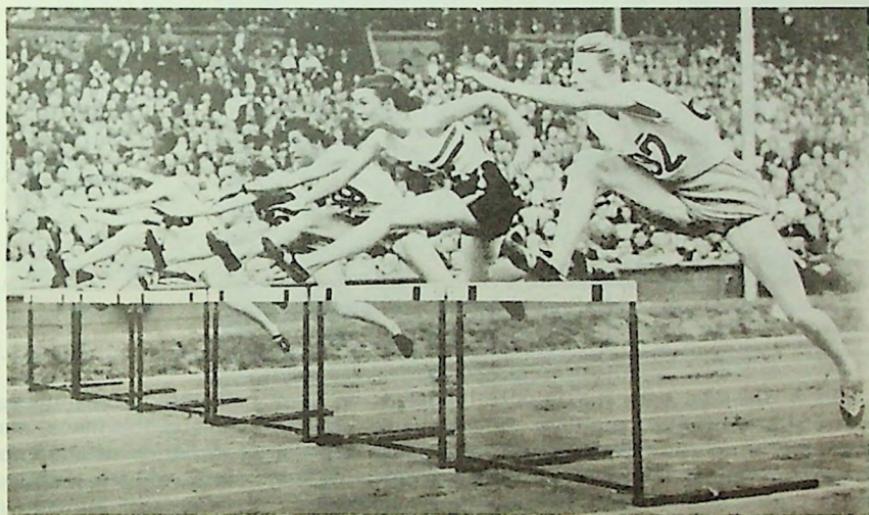
Quando tinha 17 anos de idade, em 1935, Fanny começou a brincar com a idéia de ser campeã olímpica. "Eu decidi me dedicar ao esporte", explicou a um técnico holandês de natação, "mas não sei qual escolher — natação ou atletismo".

O treinador recomendou o atletismo. "Já temos muitos nadadores bons", justificou.

Ela já estava presente aos Jogos de Berlim, em 1936, empatando em 6º lugar no salto em altura. Também fez parte da equipe holandesa para o revezamento 4 x 100, que obteria o 5º lugar.

Voltando para casa, teve que esperar 12 anos para ter outra oportunidade olímpica. Mas não perdeu tempo, tendo adquirido marido e dois filhos.

Em 1948, no estádio de Wembley, Fanny Blankers-Koen construiu o melhor registro feminino da história olímpica. No dia 2 de agosto, participa da final dos 100 metros rasos, onde se defronta com algumas grandes concorrentes, como a britânica Dorothy Manley e a australiana Shirley Strickland. Esta última já havia sido batida nitidamente por Fanny nas semi-finais, mas todos esperam uma grande disputa. Ledo engano. Com uma facilidade que deixa o público estupefato, ela ganha, com 3 metros de vantagem.

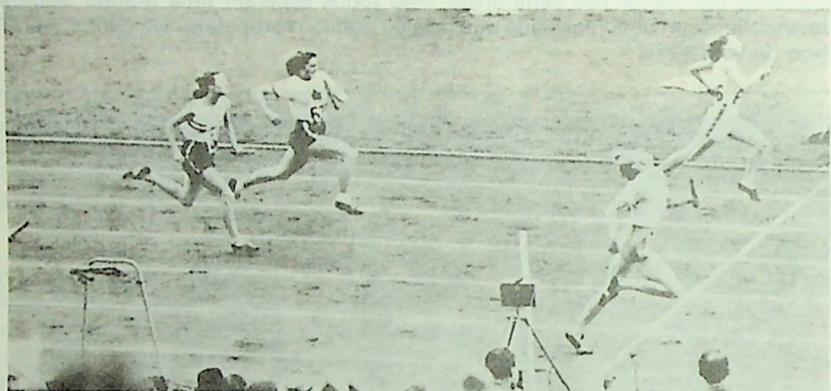


Na primeira barreira da final dos 80 metros com barreiras, Fanny Blankers-Koen é a primeira, à direita.

No dia 4 de agosto, ela participa da final dos 80 metros com barreiras, prova na qual divide o recorde mundial com a italiana Testoni, desde 1942; seu novo recorde, de 11,0s. estabelecido pouco antes dos Jogos, ainda não havia sido reconhecido oficialmente. Esta final é um dos grandes momentos dos Jogos de 1948, com Maureen Gardner, da Grã-Bretanha, liderando na primeira barreira e ultrapassando cada obstáculo com precisão milimétrica, até ser batida por centímetros, no final. O tempo das duas é o mesmo, 11,2 segundos, novo recorde olímpico. Shirley Strickland, como nos 100 metros rasos — fica em terceiro.

Em 6 de agosto, Fanny volta a ganhar, com extrema facilidade, a final dos 200 metros rasos. E o seu sorriso, já famoso, volta a se desenhar nos seus lábios.

No dia seguinte, finalmente Fanny lidera a equipe holandesa na sua vitória no revezamento 4 × 100. Apesar das colocações subseqüentes serem da Commonwealth (Austrália, Canadá e Grã-Bretanha, respectivamente), o estádio fica em delírio. Fanny havia conseguido igualar o feito do inesquecível Jesse Owens, com quatro medalhas de ouro nas competições de atletismo de uma mesma Olimpíada. E não fez mais porque ela, como Didrikson, 16 anos antes, estava limitada a participar em apenas três eventos individuais. Desta forma, Fanny não pôde participar do salto em altura ou do salto em distância — embora fosse a recordista mundial das duas modalidades!



F. Blankers-Koen, com um final impressionante, fecha o revezamento 4 × 100 e obtém sua segunda medalha de ouro.

De volta à Holanda, com suas quatro medalhas de ouro, milhares de holandeses recepcionaram-na em Amsterdam. Ao lado de seu marido e de seus dois filhos, ela desfilou em um carro aberto, puxado por quatro cavalos brancos, da estação de trem até a prefeitura. "Tudo que eu fiz foi correr rápido", surpreendia-se Fanny. "Não vejo porque fazer tanto barulho por causa disso".

— 3 —

Outro conto de fadas é personificado, em Londres, por Robert Bruce Mathias. Em março de 1948, Bob Mathias era completamente desconhecido fora de sua vizinhança. Cinco meses depois, quando ele representou os Estados Unidos no Decatlo Olímpico, passou a ser conhecido mundialmente.

Após os três primeiros eventos do decatlo, o oficial do exército argentino Enrique Kisienmacher estava no primeiro lugar, com o francês Ignace Heinrich em segundo, poucos pontos à frente de Mathias. O quarto evento seria o salto em altura.



*Bob Mathias,
vencedor do
decatlo — aos 17
anos de idade — no
arremesso do
disco.*

Para se manter no páreo, Mathias sabia que teria que pular mais de 1m80. Mas quando o sarrafo estava, ainda, a 1m75, ele falhou na sua primeira tentativa e, novamente, na segunda. Ficou com apenas uma última chance.

O ar estava pesado, no Estádio de Wembley, e o chão estava úmido. Enquanto esperava por seu salto final, Mathias se preocupava e pensava, até que, subitamente, chegou a uma decisão final.

— Esqueça tudo — disse para si mesmo — apenas pule por cima daquela barra.

Aí, ao invés de tomar uma posição lateral em relação à barra, como normalmente o fazia, colocou-se de frente para ela. Respirou fundo, correu e pulou. E ultrapassando o sarrafo, prosseguiu na competição até ter obtido, nesta prova, 1m85.

Um dos espectadores, Brutus Hamilton, treinador da Universidade da Califórnia e

antigo competidor olímpico do decatlo, profetizou: "o garoto vai vencer esta prova".

E o garoto venceu.

Contrariando toda a lógica, Bob Mathias venceu o decatlo olímpico de 1948, em Londres. Desde o tempo de Jim Thorpe, o decatlo havia sido o teste supremo da habilidade e da versatilidade atléticas. Por uma espécie de reconhecimento comum, o homem que vence o decatlo, em uma olimpíada, é considerado o maior atleta do mundo. No caso, entretanto, o homem ainda era um garoto. De apenas 17 anos de idade!

Mathias não era apenas jovem. Ele não tinha praticamente nenhuma experiência. Quatro meses antes das Olimpíadas, ele nunca tinha posto suas mãos em um dardo, ou saltado com vara, ou competido em 1.500 metros. Só muito raramente havia participado de corridas rasas ou de salto em distância. Era apenas um atleta talentoso, de nível colegial, com uma queda para as barreiras, o salto em altura e o disco, quando o técnico de seu colégio, Virgil Jackson, sugeriu-lhe o decatlo.

— Acho uma "barbada" você entrar na equipe olímpica de 1952 — previu.

Mas Mathias progrediu mais rapidamente do que seu técnico, ou qualquer outra pessoa, poderia sonhar. Com um mês, apenas, de treinamento, participou de um decatlo pela primeira vez. Competindo contra vários astros universitários, obteve o primeiro lugar. Duas semanas depois, venceu o campeonato dos Estados Unidos. E dali a 6 semanas, estava participando dos Jogos Olímpicos.

— 4 —

Mesmo com sua bela exibição no salto em altura, Mathias terminou o primeiro dia no terceiro lugar, ainda atrás de Kistenmacher e de Heinrich. No dia seguinte, levantou-se às 7 horas, comeu um bife às 8 e às 10.30 estava competindo nos 110 metros com barreira, primeira prova do segundo dia.

Antes da corrida, Kistenmacher aproximou-se dele e tentou uma guerra de nervos.

— Matematicamente — disse o argentino — eu já calculei que você não pode me vencer.

Mas o argentino estava errado. Matematicamente.

Depois das barreiras e do disco, Mathias tomou o primeiro lugar. E aumentou a margem no salto com vara e no arremesso do dardo. Pouco depois das 11 horas da noite, depois de mais de 12 horas de competição e pressão intensas, na presença apenas de um pequeno punhado de espectadores, Mathias completou os 1.500 metros e tornou-se o mais jovem campeão do Decatlo na história dos Jogos.

— Nunca me dediquei a nada, tão longe e tão seriamente, em toda a minha vida — desabafou —. Não faria isto de novo por nada neste mundo!

Mas Mathias fez aquilo de novo. E de novo. E de novo. Ele ganhou os campeonatos americanos de Decatlo em 1949 e 1950. Após um afastamento, no ano de 1951, onde se dedicou ao futebol americano — com bastante sucesso, por sinal —, voltou a ganhar o Campeonato de Decatlo dos Estados Unidos em 1952. Ainda naquele ano, competiu nas Olimpíadas de Helsinki, onde venceu o Decatlo por mais de 900 pontos, a maior diferença registrada em todos os Jogos. Prova por prova, ele ultrapassou as marcas de Jim Thorpe, em 1912, em todas, exceto os 1.500 metros.

Bob Mathias abandonou o atletismo, depois de 1952. Foi ator durante um certo tempo e, depois, foi eleito para o Congresso. Sua passagem pelo esporte ficou indelével. Em toda a sua vida, nunca foi derrotado em uma competição de Decatlo.

— 5 —

No atletismo masculino, ainda o núcleo central dos Jogos, o assalto aos records olímpicos foi bastante modesto. Nos vinte e dois eventos principais (excluindo as duas marchas, cujas distâncias variavam muito, no passado), apenas sete records foram batidos. A explicação mais lógica para isto é que, durante a guerra, o número de atletas e de competições havia diminuído sensivelmente e o esporte havia sido prejudicado em seu desenvolvimento normal. Além disso, as condições de Londres foram terríveis, com chuvas praticamente todos os dias.

Os Estados Unidos demonstraram convincentemente que, secos ou molhados, seus atletas ainda compunham a melhor equipe de atletismo do mundo. Significativamente, porém, mais países, que em qualquer época anterior, produziram astros individuais: 10 nações diferentes contribuíram com campeões. Os Estados Unidos venceram 11 provas; a Suécia 5 (incluindo as duas marchas), seu melhor desempenho desde os Jogos de 1912, em Estocolmo; e 8 outros países, 1 cada. A Jamaica, a Bélgica e a Tcheco-Eslováquia conquistaram suas primeiras vitórias atléticas; e foram o belga Gaston Reiff, nos 5.000 metros rasos e o tcheco Emil Zátopek, nos 10.000, que encerraram o longo reinado finlandês nas provas de fundo. Na realidade, a Finlândia foi inteiramente batida nas corridas (pela primeira vez, desde 1908), tendo vencido apenas uma prova de campo — o arremesso do dardo — com Tapio Rautayaara.

Pela primeira vez na história olímpica, nenhum homem triunfou em mais de um evento individual. Mas lutas dramáticas foram disputadas, e de cada drama, emergiram heróis.

— 6 —

Mel Patton era a principal esperança dos Estados Unidos nos 100 metros rasos. No dia 5 de maio de 1948, ele havia corrido as 100 jardas em 9s3/10, um recorde

mundial que resistiria durante 6 anos. Patton era um competidor extremamente tenso. "Antes de uma corrida", disse uma vez, "eu me sinto sempre muito fraco. Cansado até para fazer o aquecimento, acabo me aquecendo pouco". Durante as corridas, entretanto, toda a sua tensão se transformava em velocidade até que, depois, normalmente, ele desaparecia da vista do público para poder vomitar.

Patton sabia que sua maior oposição na prova viria do panamenho Lloyd La Beach e do americano Barney Ewell. La Beach era o recordista anterior da prova de 100 jardas e Ewell, apesar de seus 31 anos de idade, havia batido Patton e vencido a eliminatória americana dos 100 metros rasos, em 10s2/10, marca superior ao recorde olímpico de Jesse Owens.



O sensacional final dos 100 metros rasos. Dillard (59) surpreende Ewell (70), que comemoraria a vitória, antes de saber o resultado.

Dois ingleses, Alistair Mc Corquodale e Emmanuel Mc Donald-Bailey, e outro americano, Harrison Dillard, também haviam se classificado para a final, mas nenhum dos três parecia ter chance de superar o trio de favoritos. Dillard, infelizmente, parecia estar competindo na prova errada. Ele era um negro de Cleveland que havia idolatrado Jesse Owens, em sua infância, e a quem o General Patton uma vez se referiu como "o melhor atleta que eu já vi"; e era, sem dúvida, o melhor barreirista do mundo. Entre 1947 e 1948, ele venceu 82 corridas consecutivas, algumas de velocidade, mas, a maior parte, por sobre as barreiras. Nas eliminatórias olímpicas dos 110 metros com barreiras, contudo, Dillard chocou-se tão duramente com uma barreira que escorregou e caiu, não podendo completar a prova. Salvou a viagem a Londres, colocando-se em um terceiro distante, para Ewell e Patton, nos 100 metros rasos.

Na final, em Londres, Patton, Ewell e La Beach correram nas raias 1, 2 e 3, respectivamente; depois, vinham os dois ingleses e, na raia externa, Dillard.

Dillard partiu magnificamente. Além disso, não tendo as complicadas barreiras para

desacelerá-lo, ele — quase que literalmente — voou. Entre os 30 e os 80 metros, adquiriu mais velocidade que em qualquer outro momento de sua vida, antes ou depois.

Enquanto isso, uma batalha titânica estava sendo travada nas três raias internas, onde cada atleta, compreensivelmente, julgava que a corrida seria decidida. Ewell se desvencilhou de Patton e, depois, despachou La Beach. Ele nunca soube sobre Dillard; nunca o viu. Quando ultrapassou a linha de chegada deu o salto da vitória e começou a dançar.

— Bem, eu acho que ganhei esta — disse alegremente, para Dillard.

— Eu não tenho certeza — respondeu Dillard — vamos esperar e ver.

Ewell não demoraria muito a verificar o seu erro. O grande barreirista, fora de sua melhor prova, havia vencido os 100 metros rasos.

Quatro anos mais tarde, nos Jogos Olímpicos de 1952. Dillard experimentaria outro grande momento, ao vencer, em sua especialidade, os 110 metros com barreira, obtendo mais uma medalha de ouro para sua coleção.

— 7 —

Patton terminou em um desapontante quinto lugar nos 100 metros, mas teve uma nova oportunidade de se reabilitar. Três dias depois, atingiu a final dos 200 metros rasos. Uma vez mais, teria que enfrentar Ewell e La Beach. Dillard não havia participado, mas Herb Mc Kenley, da Jamaica, era outro desafio poderoso.

Pouco antes do início da corrida, Marshall Smith, editor de esportes da revista Life, visitou Patton no vestiário.

— Olá, Mel — disse Smith.
Patton ficou em silêncio.

— Qual é o problema? — Smith insistiu.
Patton começou a olhar para o teto.

— O que aconteceu nos 100 metros?
Patton, finalmente, olhou para Smith:

— Acho que eu me enrolei — murmurou.

Smith verificou que Patton ainda estava “enrolado” e, a menos que relaxasse logo, iria perder, também, os 200 metros.

— Depois da corrida, você ainda tem alguma coisa para fazer em Londres? — perguntou Smith.

— Tenho o revezamento, amanhã.

- Ótimo. Eu vou para Paris depois de amanhã e você vai comigo.
- Não posso. Estou sem dinheiro.
- Esqueça o dinheiro. Estou com bastante. Vamos para um fim de semana sensacional, cheio de garotas. Você deve estar louco para parar de treinar.
- Pela primeira vez, depois de sua derrota, Patton se iliminou:
- Vai ser sensacional. Obrigadão!

Poucos minutos depois, na final dos 200 metros rasos, Patton explodiu desde a largada e — embora Barney Ewell o tenha ameaçado fortemente nos últimos 20 metros — ganhou de ponta a ponta. Ewell terminou em segundo, La Beach em terceiro e Mc Kenlev em quarto.



A Jamaica brilha nos 400 metros rasos, com Wint batendo McKenley por margem escassa.

— 8 —

Mac Kenley não ficou particularmente aborrecido por não ter obtido uma medalha nos 200 metros. Ele sabia — e todos sabiam — que era considerado o melhor corredor do mundo na sua especialidade, os 400 metros rasos. Era o recordista mundial, tanto dos 400 metros (45,9s) como das 440 jardas (46,0s), e a ele se referiu Jesse Abramson, do Herald Tribune, como “o tipo mais forte de favorito, a mais certa das certezas desses Jogos”.

Mac Kenley ficou muito bem posicionado no sorteio. O americano Bolen ficou com a raia 6, a mais exterior e a menor invejada por dar menor visão ao atleta e por acrescentar, pela maior curvatura, possibilidades extras de derrapagem. A melhor posição, normalmente, é pela raia 2. E para lá foi Herb Mc Kenley.

"Desde que eu entre na reta final em primeiro, ninguém me ganha", tinha ele comentado, certa vez. Não se vangloriando, mas como uma exposição objetiva de fatos.

E, nas Olimpíadas de Londres, Mc Kenley entrou na reta final 4 metros à frente do segundo. Parecia que ninguém ia ameaçá-lo.

Aí, com passadas enormes, outro jamaicano, Arthur Wint, começou a descontar.

Mc Kenley e Wint eram velhos amigos e velhos rivais. Tinham sido colegas de colégio na Jamaica e, nos últimos cinco anos, pelo fato de Mc Kenley estar residindo e estudando nos Estados Unidos, não se viam com muita frequência.

E que maneira de reencontrar um amigo! A vinte metros da fita, Wint emparelhou com Mc Kenley, e acabou suplantando-o por uma de suas longas passadas.

Quatro dias antes da prova, Mc Kenley havia comentado com repórteres que ele não era "barbada"; que podia perder para Wint. "Agora", perguntou Mc Kenley depois da corrida, "você acreditam em mim?"

Em Helsinki, quatro anos depois, Wint e Mc Kenley duelaram outra vez na final dos 400 metros. Wint não pôde superar seu velho rival, mas este foi batido por um terceiro jamaicano, George Rhoden. Mc Kenley, entretanto, acabou por obter sua medalha de ouro, no revezamento 4 x 400 de 1952, juntamente com Wint, Rhoden e Leslie Laing.



Henry Eriksson, da Suécia, lidera os 1.500 metros.

Depois de Mc Kenley, o maior favorito dos Jogos de 1948 era o sueco Lennart Strand, nos 1.500 metros.

Strand já havia corrido a distância em três minutos e quarenta e três segundos, tempo que só seria superado em 1954. Como Mc Kenley, entretanto, Strand fracassou em Londres. Sob chuva e correndo sobre lama, outro sueco, Henry Eriksson, um bombeiro de 29 anos que havia feito sua carreira correndo atrás de Strand, terminou vencendo a prova. Ironicamente, três grandes favoritos — Patton, nos 100 metros; Mc Kenley, nos 400; e Strand nos 1.500 — foram todos batidos por um colega de equipe.

Outras estrelas brilharam no atletismo masculino — Mal Whitfield, sargento da Força Aérea dos Estados Unidos, quebrou o recorde mundial dos 800 metros; Adolfo Consolini, o gigante italiano, bateu o recorde olímpico no arremesso do disco — mas outros esportes, menos divulgados, apresentaram também grandes heróis. A Dinamarca apresentou um brilhante iatista de 20 anos de idade, Paul Elvstrom. Em 1948, Elvstrom venceu na classe "Firefly"; quando, posteriormente aos Jogos de Londres, esta classe foi retirada do programa, Elvstrom passou para o Monotipo Finn e obteve vitórias olímpicas em 1952, 1956 e 1960. Ninguém melhor do que ele para simbolizar a época tratada por este volume.

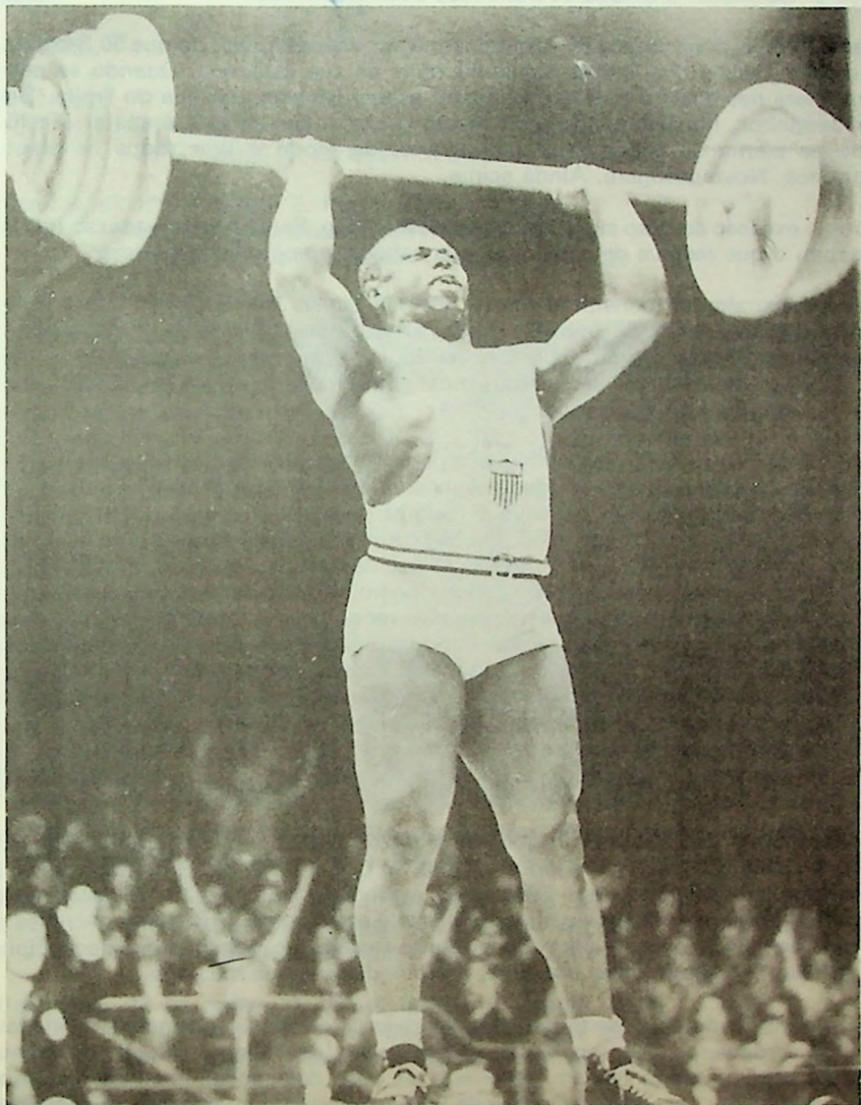
Mas tão grande quanto ele foi o mestre da canoagem, o sueco Gert Fredriksson, que também fez sua primeira aparição olímpica em 1948, quando obteve duas vitórias. Posteriormente, iria obter mais uma medalha de ouro em 1952, duas em 1956 e uma em 1960!

Fredriksson ajudou a Suécia a obter a segunda colocação na apuração oficiosa dos Jogos. Os suecos obtiveram 17 medalhas de ouro, conta 38 dos Estados Unidos. Para os americanos, três homens de tamanho extremamente variado contribuíram significativamente. Um era largo, com 100 quilos e 1m75; outro era altíssimo (2m13) e o terceiro, pequenino (1m56).

O pequenino era o Dr. Sammy Lee, de origem coreana, que servia como otorrinolaringologista no Exército. Ele também era um especialista em mergulho, tendo vencido a prova de plataforma de 1948 e, após um abandono temporário do esporte, bisado seu título em Helsinki.

O "arranha-céu" era Bob Kurland que, naturalmente, jogava como pivô na equipe de basquetebol. Com Kurland e vários futuros astros profissionais, como Alex Groza, Ralph Beard e Vince Boryla, os americanos não tiveram nenhuma dificuldade em vencer o campeonato. Como, aliás, nunca iriam ter — até 1972. De 1936 a 1968 inclusive, os americanos venceram todas as partidas de basquetebol que disputaram em Olimpíadas. A única derrota, até hoje, foi na tumultuada final de 1972, contra a União Soviética.

A "baleia" era John Henry Davis, mecânico de automóveis no Brooklyn, que reinava — por aclamação — como o homem mais forte do mundo. Davis venceu, no halterofilismo, o campeonato de pesos pesados, tanto em 1948 como em 1952.



John Henry Davis, o homem mais forte do mundo.

Davis não tinha, entretanto, o monopólio dos músculos, nas Olimpíadas de 1948. Dois boxeadores de primeira puderam apresentar uma excelente combinação de força e habilidade. E ambos tiveram seus aborrecimentos.

Pascual Perez, peso mosca da Argentina, não podia pesar mais do que 50,8 kg, para se manter dentro dos limites regulamentares de sua categoria. Quando se pesou para a luta nas quartas-de-final, seu peso estava um pouco acima do limite. Seus companheiros, imediatamente, começaram a cortar seu cabelo, a aparar a calosidade na planta de seus pés e a escová-lo, de modo a tirar todos os objetos estranhos. Nova pesagem. Ainda acima.

Como o excesso de peso significava desclassificação, Perez teve um acesso de fúria e raspou o que restava de cabelo em sua cabeça, aos gritos de protesto.

De repente, alguém constatou que a balança estava desregulada; Perez estava dentro do peso desde o início. Ele partiu, então, para vencer a luta e, no final, o campeonato. Posteriormente, profissionalizou-se e tornou-se campeão do mundo, bem como um dos maiores pesos-mosca de todos os tempos. Seu cabelo, eventualmente, voltou a crescer...

Laszlo Papp, da Hungria, também quase perdeu seus cabelos nas Olimpíadas. Mas, no seu caso, a causa teria sido idade avançada. Em 1948, ele venceu o campeonato dos pesos médios; em 1952, obteve a medalha de ouro na categoria dos meio-médios e manteve este título em 1956. Ele foi o primeiro pugilista da história olímpica a obter 3 medalhas de ouro, mas, mesmo assim, não estava satisfeito. Todos os seus melhores adversários dos primeiros anos tinham se tornado profissionais e Laszlo queria fazer o mesmo; mas a Hungria não reconhecía o profissionalismo, como todos os países comunistas. Para Papp, contudo, os húngaros fizeram uma exceção. Em 1957, aos 31 anos de idade, Papp começou sua nova carreira. No final de 1963, aos 37 anos, ele ainda se mantinha invicto, depois de cerca de 25 lutas profissionais. E era o campeão da Europa dos meio-médios.

Uma sombra pairou sobre os Jogos Olímpicos de 1948; a imensa sombra russa. Em 1947, a União Soviética havia sido admitida no Comitê Olímpico Internacional. Eles poderiam ter competido em 1948, mas preferiram não fazê-lo. Simplesmente, enviaram observadores para estudar técnicas e estilos de outros países. Através da Cortina de Ferro, os russos estavam juntando suas forças. Não queriam decepcionar na estréia. O objetivo deles era 1952, e pretendiam ser os melhores.

Com alguns sentimentos de trepidação, ao invés de convicção normalmente inabaláveis, os verdadeiros olímpicos começaram a aguardar Helsinkí. Alguns dos atletas tchecos e húngaros já haviam desertado de suas delegações em Londres, recusando-se a voltar para trás da Cortina de Ferro. E perturbadoramente, a Finlândia se localizava muito próximo de um dos extremos da mesma. Poderia a cortina ser levantada a tempo? Os verdadeiros olímpicos podiam apenas esperar — e rezar...

LONDRES — 1948 — RESULTADOS

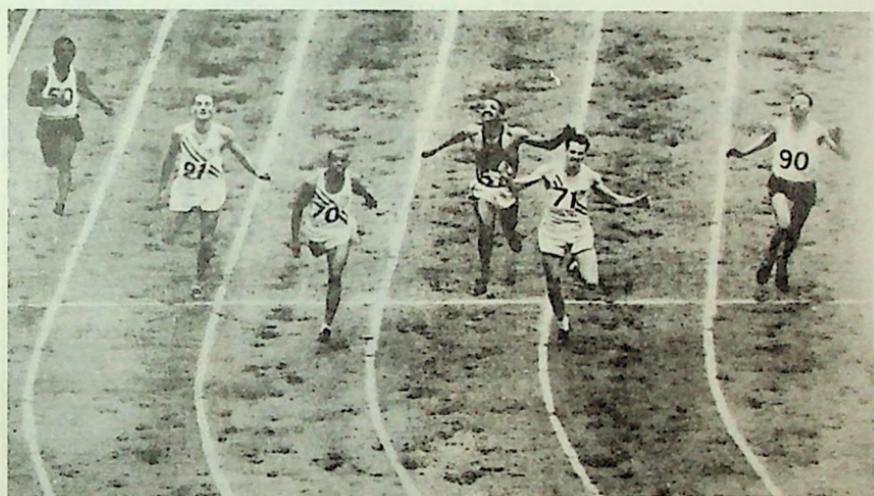


ATLETISMO

HOMENS

100 m rasos 1º — W. Harrison Dillard (EUA) — 10,3s
2º — H. Norwood Ewell (EUA) — 10,4s
3º — Lloyd B. La Beach (Panamá) — 10,4s.

200 m rasos 1º — Melvin E. Patton (EUA) — 21,1s.
2º — H. Norwood Ewell (EUA) — 21,1s
3º — Lloyd B. La Beach (Panamá) — 21,2s



Final dos 200 metros rasos, vencido pelo americano Patton (71), com Ewell em segundo (70).

400 m rasos 1º — Arthur S. Wint (Jamaica) — 46,2s.
2º — Herbert McKenley (Jamaica) — 46,4s
3º — Malvin G. Whitfield (EUA) — 46,6s

800 m rasos 1º — Malvin G. Whitfield (EUA) — 1min. 49,2s
2º — Arthur S. Wint (Jamaica) — 1min. 49,5s
3º — Marcel Hansenne (França) — 1min. 49,8s

1.500 m rasos 1º — Henry Eriksson (Suécia) — 3min. 49,8s.
2º — Lennart Strand (Suécia) — 3min. 50,4s
3º — Willem Slijkhuis (Holanda) — 3min. 50,4s

5.000 m rasos 1º — Gaston E. G. Reiff (Bélgica) — 14min. 17,6s
2º — Emil Zátopek (T-Eslováquia) — 14min. 17,8s
3º — Willem Slijkhuis (Holanda) — 14min. 26,8s

10.000 m rasos 1º — Emil Zátopek (T-Eslováquia) — 29min. 59,6s
2º — Alain Mimoun-o-Kacha (França) — 30min. 47,4s
3º — Bertil Albertsson (Suécia) — 30min. 53,6s

Maratona 1º — Delfo Cabrera (Argentina) — 2h 23min. 51,6s
2º — Thomas Richards (GB) — 2h 35min. 07,6s
3º — Etienne Gailly (Bélgica) — 2h 35min. 33,6s



O argentino Cabrera, vencedor da Maratona.

110 m c/barreiras 1º — William F. Porter (EUA) — 13,9s.
2º — Clyde L. Scott (EUA) — 14,1s
3º — Craig K. Dixon (EUA) — 14,1s

400 m c/barreiras 1º — Roy B. Cochran (EUA) — 51,1s
2º — Duncan White (Ceilão) — 51,8s
3º — Rune Larsson (Suécia) — 52,2s

- 3.000 m c/ barreiras 1º — Tore Sjostrand (Suécia) — 9min. 04,6s
 2º — Erik Elmsater (Suécia) — 9min. 08,2s
 3º — Göte Hagström (Suécia) — 9min. 11,8s
- Salto em altura 1º — John A. Winter (Austrália) — 1,98m
 2º — Bjorn Paulsen (Noruega) — 1,95m
 3º — George Stanich (EUA) — 1,95m
- Salto c/ vara 1º — O. Guinn Smith (EUA) — 4,30m
 2º — Erkki O. Kataja (Finlândia) — 4,20m
 3º — Robert Richards (EUA) — 4,20m
- Salto em distância 1º — William S. Steele (EUA) — 7,82m
 2º — Thomas Bruce (Austrália) — 7,55m
 3º — Herbert P. Douglas (EUA) — 7,54m
- Salto triplo 1º — Arne Ahman (Suécia) — 15,40m
 2º — George G. Avery (Austrália) — 15,36m
 3º — Ruhi Sarialp (Turquia) — 15,02m
- Arremesso de peso 1º — Wilbur M. Thompson (EUA) — 17,12m
 2º — F. James Delaney (EUA) — 16,68m
 3º — James E. Fuchs (EUA) — 16,42m
- Arremesso de disco 1º — Adolfo Consolini (Itália) — 52,78m
 2º — Giuseppe Tosi (Itália) — 51,78m
 3º — Fortune Gordien (EUA) — 50,77m
- Arremesso do martelo 1º — Imre Németh (Hungria) — 56,07m
 2º — Ivan Gubijan (Iugoslávia) — 54,27m
 3º — Robert Bennett (EUA) — 53,73m
- Arremesso do dardo 1º — K. Tapio Rautavaara (Finlândia) — 69,77m
 2º — Steve A. Seymour (EUA) — 67,56m
 3º — József Várszegi (Hungria) — 67,03m
- Decatlo 1º — Robert B. Mathias (EUA) — 6.826 pts
 2º — Ignace Heinrich (França) — 6.740 pts
 3º — Floyd M. Simmons (EUA) — 6.711 pts
- Revezamento 1º — EUA (H. Norwood Ewell, Lorenzo Wright, W. Harrinson
 4 x 100 Dillard, Melvin Patton) — 40,6s
 2º — GB — 41,3s
 3º — Itália — 41,5s
- Revezamento 1º — EUA (Arthur Harnden, Clifford Bourland, Roy B. Cochran,
 4 x 400 Malvin G. Whitfield) — 3min. 10,4s
 2º — França — 3min. 14,8s
 3º — Suécia — 3min. 16,3s

MOÇAS

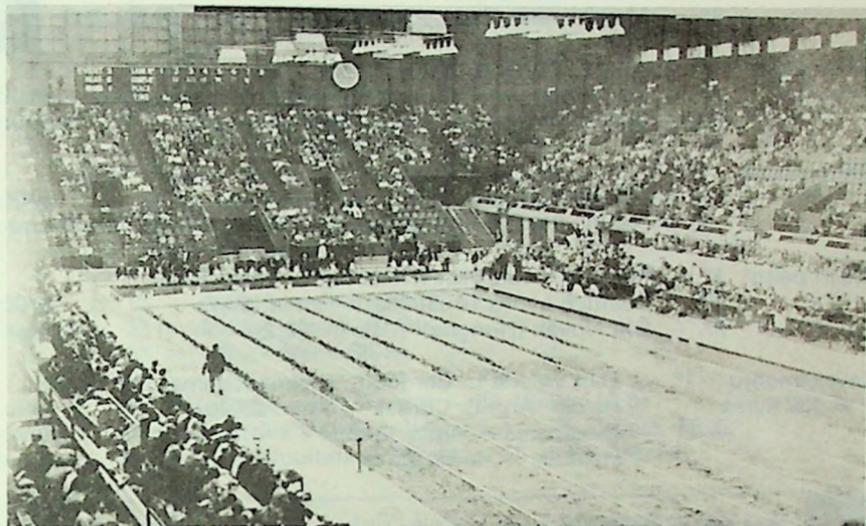
- 100 m rasos 1º — Francina Blankers-Koen (Holanda) — 11,9s
2º — Dorothy G. Manley (GB) — 12,2s
3º — Shirley Strickland (Austrália) — 12,2s
- 200 m rasos 1º — Francina Blankers-Koen (Holanda) — 24,4s
2º — Audrey Williamson (GB) — 25,1s
3º — Audrey Patterson (EUA) — 25,2s
- Salto em altura 1º — Alice Coachman (EUA) — 1,68m
2º — Dorothy B. Tyler (GB) — 1,68m
3º — Micheline O. Ostermeyer (França) — 1,61m
- Salto em distância 1º — V. Olga Gyarmati (Hungria) — 5,69m
2º — Noemi Simonetto de Portela (Argentina) — 5,60m
3º — B. Ann-Britt Leyman (Suécia) — 5,57m
- Arremesso de peso 1º — Micheline O. Ostermeyer (França) — 13,75m
2º — Amelia Piccinini (Itália) — 13,09m
3º — Ina Schaffer (Áustria) — 13,08m
- Arremesso de disco 1º — Micheline O. Ostermeyer (França) — 41,92m
2º — Edera C. Gentile (Itália) — 41,17m
3º — Jacqueline Mazcas (França) — 40,47m
- Arremesso de dardo 1º — Herma Bauma (Áustria) — 45,57m
2º — Kaisa V. Parviainen (Finlândia) — 43,79m
3º — Lily L. Caristedt (Dinamarca) — 42,08m
- 80 m c/barreiras 1º — Francina Blankers-Koen (Holanda) — 11,2s
2º — M. Gardner (GB) — 11,2s
3º — Shirley Strickland (Austrália) — 11,4s
- Revezamento 1º — Holanda (Xenia Stad-de-jong, Jeanette Witziers-Timmers,
4 x 100 Gerda Van der Kade Koudjij, Francina Blankers-Koen
— 47,5s
2º — Austrália — 47,6s
3º — — Canadá — 47,8s



NATAÇÃO

HOMENS

- 100 m livres 1º — Walter Ris (EUA) — 57,3s
2º — Alan Ford (EUA) — 57,8s
3º — Géza Kádas (Hungria) — 58,1s



Vista geral do estádio de natação.

- 400 m livres 1º — William Smith (EUA) — 4min. 41,0s
 2º — James Mc Lane (EUA) — 4min. 43,4s
 3º — John B. Marshall (Austrália) — 4min. 47,7s
- 1.500 m livres 1º — James Mc Lane (EUA) — 19min. 18,5s
 2º — John B. Marshall (Austrália) — 19min. 31,3s
 3º — Gyorgy Mitró (Hungria) — 19min. 43,2s
- 100 m costas 1º — Allen Stack (EUA) — 1min. 06,4s
 2º — Robert Cowell (EUA) — 1min. 06,5s
 3º — Georges Vallerey (França) — 1min. 07,8s
- 200 m peito 1º — Joseph Verdeur (EUA) — 2min. 39,3s
 2º — Keith Carter (EUA) — 2min. 40,2s
 3º — Robert Sohl (EUA) — 2min. 43,9s
- Revezamento 1º — EUA (Walter Ris, James Mc Lane, Wallace Wolf, William
 4 × 200 livres Smith) — 8min. 46,0s
 2º — Hungria — 8min. 48,4s
 3º — França — 9min. 08,0s

MOÇAS

- 100 m livres 1º — Greta M. Andersen (Dinamarca) — 1min. 06,3s

- 2º — Ann E. Curtis (EUA) — 1min. 06,5s
 3º — Marie-Louise Vaessen (Holanda) — 1min. 07,6s
- 400 m livres 1º — Ann E. Curtis (EUA) — 5min. 17,8s
 2º — Karen-Margrete Harup (Dinamarca) — 5min. 21,2s
 3º — Catherine Gibson (GB) — 5min. 22,5s
- 100 m costas 1º — Karen-Margrete Harup (Dinamarca) — 1min. 14,4s
 2º — Suzanne Zimmermann (EUA) — 1min. 16,0s
 3º — Judy-Joy Davies (Austrália) — 1min. 16,7s
- 200 m peito 1º — Petronella van Vliet (Holanda) — 2min. 57,2s
 2º — Beatrice Lyons (Austrália) — 2min. 57,7s
 3º — Éva Novák (Hungria) — 2min. 60,2s
- Revezamento 1º — EUA (Marie L. Corridon, Thelma Kalama, Brenda M.
 4 × 100 livres Helser, Ann E. Curtis) — 4min. 29,2s
 2º — Dinamarca — 4min. 29,6s
 3º — Holanda — 4min. 31,6s



SALTOS ORNAMENTAIS

HOMENS

- Trampolim 1º — Bruce Harlan (EUA) — 163,64
 2º — Miller Anderson (EUA) — 157,29
 3º — Samuel Lee (EUA) — 145,22
- Plataforma 1º — Samuel Lee (EUA) — 130,05
 2º — Bruce Harlan (EUA) — 122,30
 3º — Joaquim Pérez (México) — 113,52

MOÇAS

- Trampolim 1º — Victoria Draves (EUA) — 108,74
 2º — Zoe Ann Olsen (EUA) — 108,23
 3º — Patricia Elsener (EUA) — 101,30
- Plataforma 1º — Victoria Draves (EUA) — 68,87
 2º — Patricia Elsener (EUA) — 66,28
 3º — Birte Christoffersen (Dinamarca) — 66,04



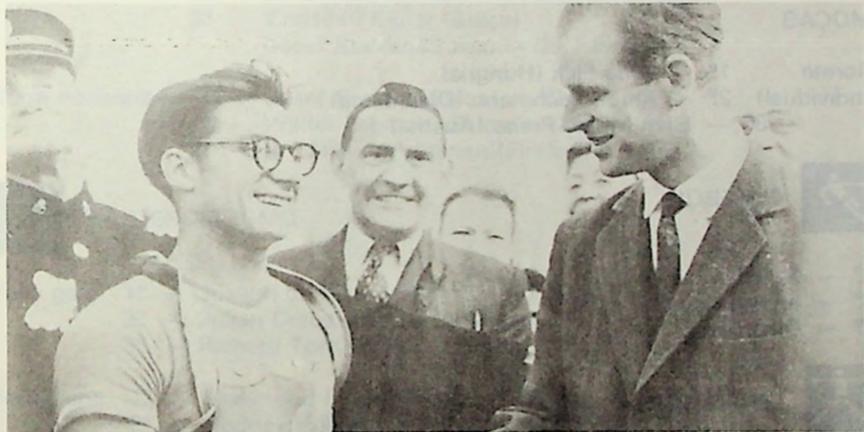
BASQUETE

- 1º — EUA
 2º — França
 3º — Brasil



CICLISMO

- 1.000 m velocidade
- 1º — Mario Ghella (Itália) — 12,0s
 - 2º — Reginald Harris (GB)
 - 3º — Axel Schandorff (Dinamarca)
- 1.000 m contra relógio
- 1º — Jacques Dupont (França) — 1min. 13,5s
 - 2º — Pierre Nihant (Bélgica) — 1min. 14,5s
 - 3º — Thomas Godwin (GB) — 1min. 15,0s
- 4.000 m perseguição
- 1º — França — 4min. 55,8s
 - 2º — Itália — 4min. 57,8s
 - 3º — GB — 5min. 36,7s
- Estrada (individual) 194,63 km
- 1º — José Beyaert (França) — 5h 18min. 12,6s
 - 2º — Gerardus Voorting (Holanda) — 5h. 18min. 16,2s
 - 3º — Lode Wouters (Bélgica) — 5h 18min. 16,2s



O Duque de Edinburgo cumprimenta o vencedor da prova de Estrada, J. Beyaert (França).



ESGRIMA

HOMENS

- Florete (individual)
- 1º — Jean Buhán (França)
 - 2º — Christian d'Oriola (França)
 - 3º — Lajos Maszlay (Hungria)

- (equipes) 1º — França
2º — Itália
3º — Bélgica

- Espada 1º — Luigi Cantone (Itália)
(individual) 2º — Oswald Zappelli (Suíça)
3º — Edoardo Mangiarotti (Itália)

- (equipes) 1º — França
2º — Itália
3º — Suécia

- Sabre 1º — Aladár Gerevich (Hungria)
(individual) 2º — Vincenzo Pintor (Itália)
3º — Pál Kovács (Hungria)

- (equipes) 1º — Hungria
2º — Itália
3º — EUA

MOÇAS

- Florete 1º — Ilona Elek (Hungria)
(individual) 2º — Karen Lachmann (Dinamarca)
3º — Ellen Müller-Preiss (Áustria)



FUTEBOL

- 1º — Suécia
2º — Iugoslávia
3º — Dinamarca



GINÁSTICA

HOMENS

- Equipes 1º — Finlândia — 1.358,3 pts
2º — Suíça — 1.356,7 pts
3º — Hungria — 1.330,3 pts

- Exercícios 1º — A. Veikkö Huhtanen (Finlândia) — 229,7
combinados 2. — Walter Lehmann (Suíça) — 229,0
(individual) 3º — Paavo Aältonen (Finlândia) — 228,8

- Competição de solo 1º — Fércenc Pataki (Hungria) — 38,7

- 2° — János Mogyorósi-Klencs (Hungria) — 38,4
 3° — Zdenek Ruzicka (T-Eslováquia) — 38,1

- Cavalo 1° — Paavo Aaltonen (Finlândia)
 A. Veikkö Huhtanen (Finlândia)
 Heikki Savolainen (Finlândia) — 38,7 (tríplice empate)
 2° — Luigi Zanetti (Itália) — 38,3
 3° — Guido Figone (Itália) — 38,2

- Argolas 1° — Karl Frei (Suíça) — 39,60
 2° — Michael Reusch (Suíça) — 39,10
 3° — Zdenek Ruzicka (T-Eslováquia) — 38,50

- Cavalo 1° — Paavo Aaltonen (Finlândia) — 39,10
 (salto) 2° — Olavi Rose (Finlândia) — 39,00
 3° — János Mogyorósi-Klencs (Hungria)
 FÉrenc Pataki (Hungria)
 Leos Sotornik (T-Eslováquia) — 38,50 (tríplice empate)

- Barras paralelas 1° — Michael Reusch (Suíça) — 39,5
 2° — A. Veikko Huhtanen (Finlândia) — 39,3
 3° — Christian Kipfer (Suíça)
 Josef Stalder (Suíça) — 39,1 (empate)

- Barra horizontal 1° — Josef Stalder (Suíça) — 39,7
 2° — Walter Lehman (Suíça) — 39,4
 3° — A. Veikko Huhtanen (Finlândia) — 39,2



HALTEROFILISMO

- Peso galo 1° — Joseph de Pietro (EUA) — 307,5 kg
 2° — Julian Creus (GB) — 297,5 kg
 3° — Richard Tom (EUA) — 295 kg

- Peso-pena 1° — Mahmoud Fayad (Egito) — 332,5 kg
 2° — Rodney Wilkes (Trinidad) — 317,5 kg
 3° — Jaffar Salmassi (Iran) — 312,5 kg

- Peso leve 1° — Ibrahim H. Shams (Egito) — 360 kg
 2° — Attia Hamouda (Egito) — 360 kg
 3° — James Halliday (GB) — 340 kg

- Peso médio 1° — Frank Spellman (EUA) — 390 kg
 2° — Peter George (EUA) — 382,5 kg
 3° — Sung-Jŏp Kim (Coréia) — 380 kg

- Peso pesado-leve 1° — Stanley Stamczyk (EUA) — 417,5 kg
 2° — Harold Sakata (EUA) — 380 kg

3° — Gosta Magnusson (Suécia) — 375 kg

Peso pesado 1° — John Davis (EUA) — 452,5 kg
2° — Norbert Schemansky (EUA) — 425 kg
3° — Abraham Charité (Holanda) — 412,5 kg



HIPISMO

Prêmio das nações (individual) 1° — Humberto M. Cortés (México)
2° — Rubén Uriza (México)
3° — Jean F. D'Orgeix (França)



Humberto Mariles Cortes, do México, vencedor individual da prova das nações.

(equipes) 1° — México (Cortés, Uriza, Valdés)
2° — Espanha
3° — GB

Adestramento (individual) 1° — Hans Moser (Suíça)
2° — André Jousseume (França)
3° — Gustaf-Adolf Boltensern Jr. (Suécia)

- (equipes) 1º — França (Jousseau, Paillard, Buret)
2º — EUA
3º — Portugal

- Evento dos 3 dias (individual) 1º — Bernard Chevalier (França)
2º — Frank Henry (EUA)
3º — J. Robert Selfelt (Suécia)

- (equipes) 1º — EUA (Henry, Anderson, Thomson)
2º — Suécia
3º — México



HOCKEY NA GRAMA

- 1º — Índia
2º — GB
3º — Holanda



PENTATLO MODERNO

- 1º — William Grut (Suécia)
2º — George Moore (EUA)
3º — Gösta Gardin (Suécia)



PUGILISMO

- Peso mosca 1º — Pascoal Perez (Argentina)
2º — Spartaco Bandinelli (Itália)
3º — Soo-Ann Han (Coreia)

- Peso galo 1º — Tibor Csik (Hungria)
2º — Giovanni Zuddas (Itália)
3º — Juan Venegas (Porto Rico)

- Peso pena 1º — Ernesto Fomenti (Itália)
2º — Denis Shepherd (África do Sul)
3º — Aleksey Antkiewicz (Polônia)

- Peso leve 1º — Gerald Dreyer (África do Sul)
2º — Joseph Vissers (Bélgica)
3º — Svend Wad (Dinamarca)

- Peso médio ligeiro 1º — Julius Torma (T-Eslováquia)
2º — Horace Herring (EUA)

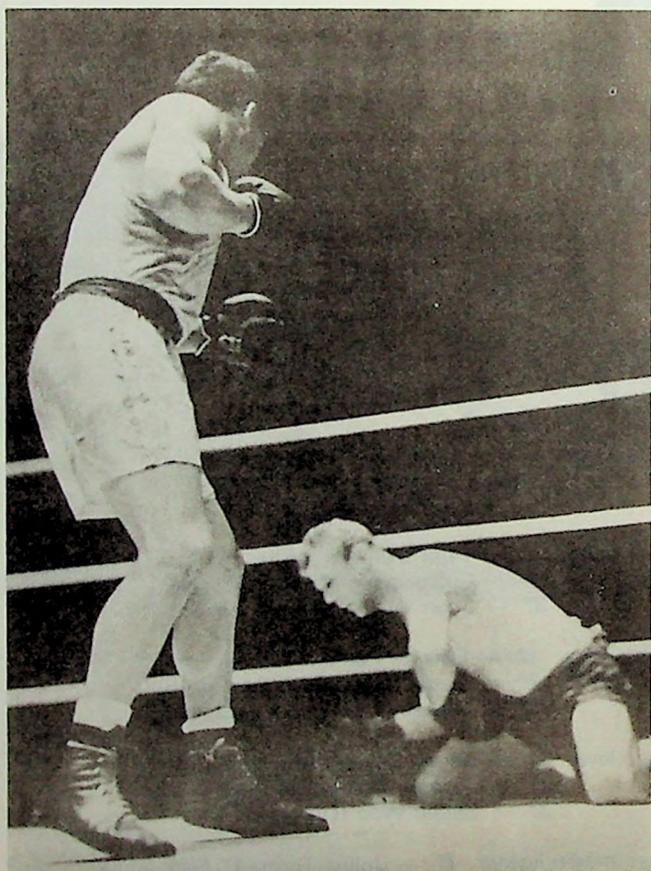
3° — Alessandro d'Otavio (Itália)

Peso médio 1° — László Papp (Hungria)
2° — John Wright (GB)
3° — Ivano Fontana (Itália)

Peso meio pesado 1° — George Hunter (África do Sul)
2° — Donald Scott (GB)
3° — Maurio Cia (Argentina)

Peso pesado 1° — Rafael Iglesias (Argentina)
2° — Gunnar Nilsson (Suécia)
3° — John Arthur (África do Sul)

*O argentino
Rafael Iglesias
batendo o
sueco Nilsson,
na final dos
Pesos Pesados.*





TIRO

Pistola livre (50 m) 1º — Edwin Vazquez Cam (Peru) — 545
2º — Rudolf Schnyder (Suíça) — 539
3º — Torsten Ullmann (Suécia) — 539

Carabina (deitado) 1º — Arthur Cook (EUA) — 599
2º — Walter Tomsen (EUA) — 599
3º — Jonas Jonsson (Suécia) — 597

Carabina (3 posições) 1º — E. Grunig (Suíça) — 1.120
2º — P. Janhonen (Finlândia) — 1.114
3º — W. Roegeberg (Noruega) — 1.112



Grunig, da Suíça, vencedor da prova de Carabina.

Pistola tiro rápido 1º — Károly Takács (Hungria) — 580
2º — Carlos Sáenz Valiente (Argentina) — 571
3º — Sven Lundqvist (Suécia) — 569



WATER POLO

1º — Itália
2º — Hungria
3º — Holanda



IATISMO

Classe de 6 m 1º — H. Whiton (EUA)

Classe dragão 1º — T. Thorvaldsen (Noruega)

Classe Star 1º — H. H. Smart (EUA)

Classe Swallow 1º — S. Morris (GB)

Classe Firefly 1º — P. Elvstrom (Dinamarca)



REMO

Single-Sculls 1º — Mervyn Wood (Austrália);
2º — Eduardo Risso (Uruguai)
3º — Romolo Castata (Itália)



Eduardo Risso, do Uruguai, medalha de prata nos "single-sculls", cumprimenta o australiano Wood, vencedor da prova.

Double Sculls 1º — GB (B. Herbert Bushnell e Richard Burnell)
2º — Dinamarca
3º — Uruguai

2 sem patrão 1º — GB (John T. Wilson e William G. R. Laurie)
2º — Suíça
3º — Itália

- 2 com patrão 1º — Dinamarca (Tage Henriksen e Finn Pedersen)
2º — Itália
3º — Hungria
- 4 sem patrão 1º — Itália (Franco Faggi, G. Invernizzi, Elio Morille, G. Muioli)
2º — Dinamarca
3º — EUA
- 4 com patrão 1º — EUA (G. Giovanelli, Robert Eill, Robert Martin, W. Westlund)
2º — Suíça
3º — Dinamarca
- Oito 1º — EUA (J. Stack, J. Smith, D. Brown, L. Butler, G. Ahlgren, J. Hardy, D. Turner, I. Turner)
2º — GB
3º — Noruega

UM ROSTO EM AGONIA

— 1 —

Observar Emil Zátopek correndo era testemunhar uma tortura prolongada. Ele sofria a cada passo; tremia a cada esforço; morria a cada volta. "Ele corre", disse dele um admirador, "como um homem que acabou de ser apunhalado no coração".

Nascido em Koprivince, na Tcheco-Eslóvaquia, o pequeno e fibroso filho de um carpinteiro pobre, Emil Zátopek, fez da agonia a sua marca registrada. À medida em que corria — 5.000 metros, 10.000 metros ou mais — seu rosto se avermelhava, sua língua saía da boca, suas mãos se contraíam e toda sua expressão denunciava dor.

A parte mais estranha de todas estas contorções, entretanto, era que, na realidade, Zátopek não sentia nenhuma dor. Suas pernas o traíam. Batendo no chão, em passadas curtas e rápidas que quase nunca variavam, elas revelavam o seu segredo. Seu olhar torturado era apenas uma dissimulação, como os gemidos de um ator representando uma cena de morte.

Zátopek podia ser Lear, em um momento, e Falstaff, no outro. Adorava uma brincadeira. Uma vez, em uma série eliminatória de uma Olimpíada, enquanto seus rivais se extenuavam, Zátopek, cuidadosamente, acelerava e desacelerava, mudando de marcha, até que ficou ao lado do último colocado. "Rápido, ou você vai perder o ônibus", gracejou. E partiu para a frente, de novo, rapidamente.

Emil Zátopek era um perfeccionista. Roger Bannister, o primeiro homem a correr a milha em menos de 4 minutos, chamou-o: "sem dúvida, o maior atleta do mundo, no após-guerra". Sua grandeza derivava da dedicação. Militar de carreira, Zátopek se levantava diariamente às 6 horas da manhã, durante seus anos de competição, e treinava todos os dias, correndo pelo menos 15 quilômetros.

Em 1948, em Londres, Zátopek — na época com 25 anos de idade — venceu os 10.000 metros rasos e se colocou em 2º nos 5.000.

Em 1952, em Helsinkí, perante uma platéia condicionada à excelência nas corridas de fundo e que incluía Paavo Nurmi e Hannes Kolehmainen, Zátopek encenou a demonstração mais impressionante de resistência de toda a história das Olimpíadas.



Final dos 5.000 metros: Zátópek à frente de Mimoun e Schade. Observa-se o inglês Chattaway caldo no chão.

Competiu, inicialmente, nos 10.000 metros rasos. No primeiro quarto da corrida, manteve-se no fundo do pelotão. Depois de 3.000 metros, seu rosto contorcido de angústia, Zátópek tomou a ponta. A partir daí, ninguém pôde ultrapassá-lo. Eventualmente, ele dava a impressão de estar à beira de um colapso, mas, rapidamente, acelerava para desencorajar os perseguidores. Ele venceu a prova em 29min. 17s, 42 segundos mais rápido do que o seu próprio recorde olímpico.

“Estou desapontado”, reclamou, posteriormente “meu tempo não foi bom. Tentarei me sair melhor nos 5.000 metros”.

Desde 1912, quando Kolehmainen venceu os 5.000 e os 10.000 metros rasos, ninguém havia vencido ambas as provas, em uma mesma Olimpíada. Para se igualar a Kolehmainen, Zátópek tinha que superar um campo ameaçador, liderado por Herbert Schade, da Alemanha, que havia estabelecido um novo recorde olímpico nas séries eliminatórias (14min. 15,4s).

Durante os primeiros 4.000 metros, Schade manteve-se na liderança. Ai Zátópek tomou o comando, abruptamente. A 800 metros do fim, Schade e o britânico Chris Chattaway ultrapassaram-no; mas, 400 metros depois, Zátópek voltou à ponta. Na

entrada da reta oposta, contudo, Zátópek foi novamente ultrapassado por Schade, por Chattaway e pelo francês-argelino Alain Mimoun. Na última curva, um engarrafamento de 3 homens causou a queda de Chattaway no chão. Zátópek irrompeu por sobre os seus rivais e, ultrapassando o recorde olímpico de Schade, venceu a prova. Mimoun chegou em segundo, em um papel que ele conhecia bem, já que havia chegado segundo para Zátópek nos 10.000 metros de 1948 e de 1952.

Poucos minutos após a prova, a família Zátópek capturou outra medalha de ouro. A esposa de Emil, Dana, venceu o arremesso do dardo, naturalmente estabelecendo um novo recorde olímpico.

Para celebrar suas vitórias, Emil Zátópek anunciou que dali a três dias, iria disputar a Maratona. Poucos achavam que ele teria qualquer chance nesta prova, principalmente porque nunca havia disputado uma Maratona, anteriormente. Zátópek, contudo, pensava diferente. "Se eu não pensasse que posso vencer, não me teria inscrito".

25 quilômetros depois da partida desta prova de pouco mais de 42 quilômetros, Zátópek, Gustav Jansson (Suécia) e Jim Peters (Grã-Bretanha) estavam bem à frente dos demais. Zátópek, que falava cinco idiomas, diminuiu um pouco e permitiu que Peters — o favorito da prova — se igualasse com ele. "Perdão", disse o tcheco, em inglês fluente. "Eu nunca corri numa Maratona antes, mas você não acha que deveríamos correr um pouco mais rapidamente?"

Dana Zátopková vencendo o lançamento de dardo, no mesmo dia que seu marido venceu os 5.000 m rasos.





*O café da manhã
dos Zátópek.*

Zátópek poderia estar pedindo um conselho, mas é provável que ele estivesse apenas gracejando. Poucos quilômetros depois, Peters, incapaz de acompanhar Zátópek, teve que abandonar a prova, com câibras. Calmo, e rapidamente esquecendo parte de seus gemidos e caretas, Zátópek partiu para a vitória, quebrando o recorde olímpico por mais de 6 minutos e batendo o 2º colocado por mais de 2 1/2 minutos, a maior margem desde 1924. "A Maratona", disse aos repórteres, "é uma corrida muito chata".

— 2 —

No início do ano olímpico de 1952, os esportistas ocidentais estavam extremamente preocupados com a participação da União Soviética.

Por mais de meio século, o movimento olímpico parecia ter vivido, sonhadora e idealisticamente, em um microcosmo, um pequeno mundo próprio. E este mundo pairava bem acima do supranacionalismo, do provincialismo e do chauvinismo. Não apenas era um mundo inteiramente divorciado da política, mas chegava a ser cego à existência dela.

Era impossível, entretanto, continuar a ignorar o comunismo vermelho e aquela fraternidade esportiva começou a se perguntar: o que os russos vão fazer?

A União Soviética havia expressado um interesse moderado nos Jogos de 1948, chegando a enviar observadores a Londres e a St. Moritz (sede dos Jogos de Inverno). E o desenvolvimento esportivo, dentro de suas fronteiras, havia se

acentuado entre as duas Olimpíadas. Os russos se filiaram a um número cada vez maior de federações esportivas, para obter a elegibilidade olímpica. Chegaram até a fazer algumas excursões ao ocidente, para participar de competições esportivas, depois do enclausuramento que se seguiu à embaraçante experiência do Campeonato Mundial de Halterofilismo de 1946, em Paris.

Os russos se inscreveram em um Campeonato Mundial de Pugilismo (Turim, 1951) e, já no local, ficaram sentados em seus lugares, recusando-se inexplicavelmente a competir. Eles haviam participado do Campeonato Europeu de Atletismo (Bruxelas, 1950) e venceram, graças — principalmente — à atuação de suas mulheres.

Ainda assim, um estranho incidente ocorreu em Bruxelas. Uma série eliminatória de um revezamento foi anulada, por confusão de raias, e mandada correr de novo. Os corredores soviéticos recusaram-se a participar da nova corrida, enquanto não pudessem se consultar com o Kremlin! Aparentemente, contudo, eles receberam o sinal verde, já que correram e ganharam. Nada de parecido, todavia, havia ocorrido, anteriormente, em uma competição esportiva, e as autoridades não podiam deixar de se sentir inquietas e perplexas.

Era impossível prever o comportamento dos russos e era impossível pensar nas próximas Olimpíadas sem voltar ao corolário inevitável: o que os russos vão fazer?

— 3 —

Se devesse existir uma nação que pudesse sentir preocupação particular com os soviéticos, esta só poderia ser a valente e voluntariosa Finlândia. Os finlandeses eram os anfitriões dos Jogos e se situavam na beirada da Cortina de Ferro; eles haviam lutado contra os invasores russos, poucos anos antes; estavam pagando, religiosamente, as pesadíssimas e injustificadas indenizações de guerra exigidas pelos vermelhos.

Mas os finlandeses não demonstravam essa preocupação. Do seu modo tranqüilo e eficiente, eles se preparavam, sem juntar suas vozes aos lamentos das Cassandras.

A Finlândia é a terra abençoada do esporte, cuja mágica cobre o país como uma fonte de alegria e santidade. O mundo inteiro conhece e prestigia seus nomes lendários: Ritola, Jarvinen, Larvo, Kolehmainen, Salminen, Iso-Hollo e, sobretudo, o legendário Paavo Nurmi, cuja figura, em bronze, pontifica na entrada do estádio. Talvez, neste santuário, as coisas pudessem correr mais facilmente...

Nem tanto. Os finlandeses, planejando o caminho de Olímpia a Helsinki, solicitaram formalmente ao governo soviético que a tocha olímpica pudesse atravessar uma pequena parte da Estônia, de modo que milhares de quilômetros pudessem ser economizados. Era um pedido simples e razoável, inclusive porque os russos fariam passar a tocha usando seus próprios homens.

“Nada feito”, disseram os russos, por alguma razão obscura; e os finlandeses, meramente, levantaram os ombros e planejaram um caminho alternativo por sobre o círculo ártico.

Depois de iniciar o ano esportivo, recusando-se a participar das Olimpíadas de Inverno, em Oslo, os russos acabaram confirmando inscrição nos Jogos de Helsinki. Mas anunciaram que seus atletas não se hospedariam na Vila Olímpica e sim, utilizariam uma ponte aérea especial de e para Leningrado.

Eventualmente, os russos abandonaram esse esquema aéreo. Mas criaram uma Vila Olímpica especial para a Cortina de Ferro em Otaniemi, perto da base naval soviética de Porkkala, em território finlandês. Cercada por arame farpado, era absolutamente fechada para visitantes.

Uma vez, contudo, que os russos se instalaram e começaram a compartilhar das instalações finlandesas de treinamento com os atletas ocidentais, a atitude deles começou a se suavizar. Gradualmente, o campo comunista se abriu, e o Leste e o Oeste se misturaram.

Certa vez, um remador soviético colocou um emblema da foice e do martelo no uniforme do remador americano Dick Murphy. Todos riram. Mas quando um dos dirigentes russos quis fazer a mesma coisa com o saltador Sammy Lee, o Major Lee não achou nenhuma graça.

— Não posso usar propaganda vermelha — censurou...

— 4 —

Do lado americano, a resposta do público a uma campanha de arrecadação de doações para o Fundo Olímpico estava decepcionante, apesar de uma violenta onda de chauvinismo que fazia com que a viagem a Helsinki se assemelhasse a uma cruzada. Do orçamento previsto, de cerca de 850.000 dólares, faltava meio milhão.

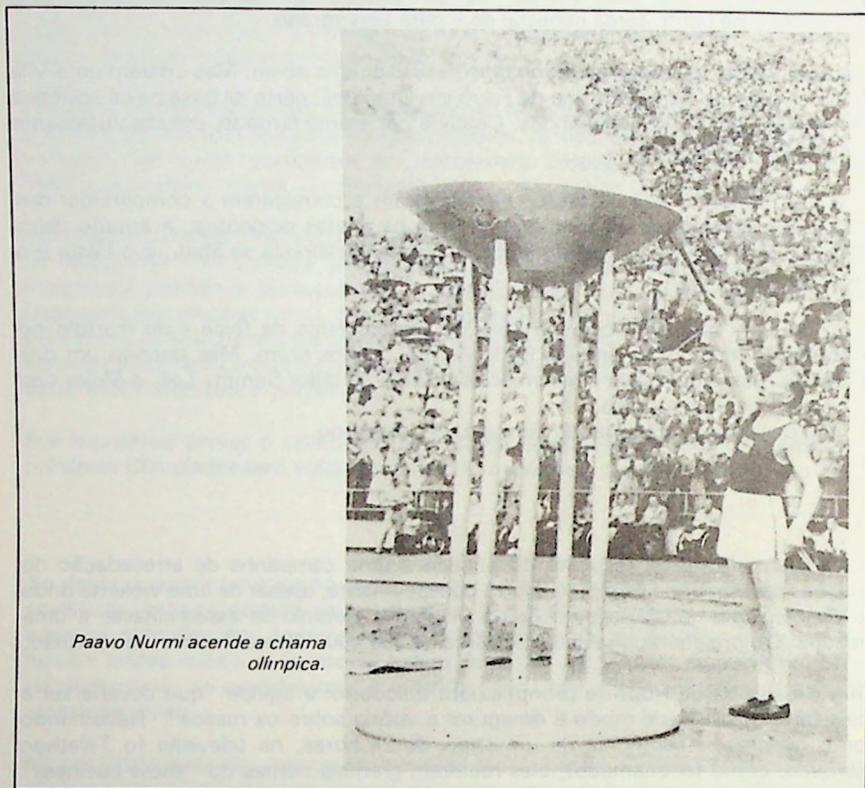
Bing Crosby e Bob Hope se prontificaram a socorrer a equipe "que deveria ser a mais forte possível, de modo a assegurar a vitória sobre os russos". Trabalhando como mestres-de-cerimônia de um show de 24 horas, na televisão (o Telethon Olímpico, como foi chamado), eles reuniram grandes nomes do "show-business" para atuar de graça e acabaram conseguindo cobrir o "déficit".

— 5 —

Helsinki, é claro, não pôde escapar dos reflexos da guerra fria. A Alemanha Oriental teve negado o seu pedido para participar dos Jogos; a Alemanha Ocidental foi aceita; a China Comunista foi aceita; a China Nacionalista se retirou. (Na realidade a equipe da China Comunista jamais apareceu em Helsinki).

Durante as cerimônias de abertura, depois do desfile de quase 5 mil atletas, de 69 países, o último homem do revezamento que trouxe, desde a Grécia, a tocha olímpica, entrou no estádio. Seu estilo era inconfundível. 55 anos de idade, os cabelos escasseando, mas ainda esbelto e elegante, Paavo Nurmi deu a volta na pista e, debaixo de calorosos aplausos, acendeu a chama olímpica. Ai, para dar mais clímax ao clímax, ele entregou a tocha a Hannes Kolehmainen, o herói de 1912.

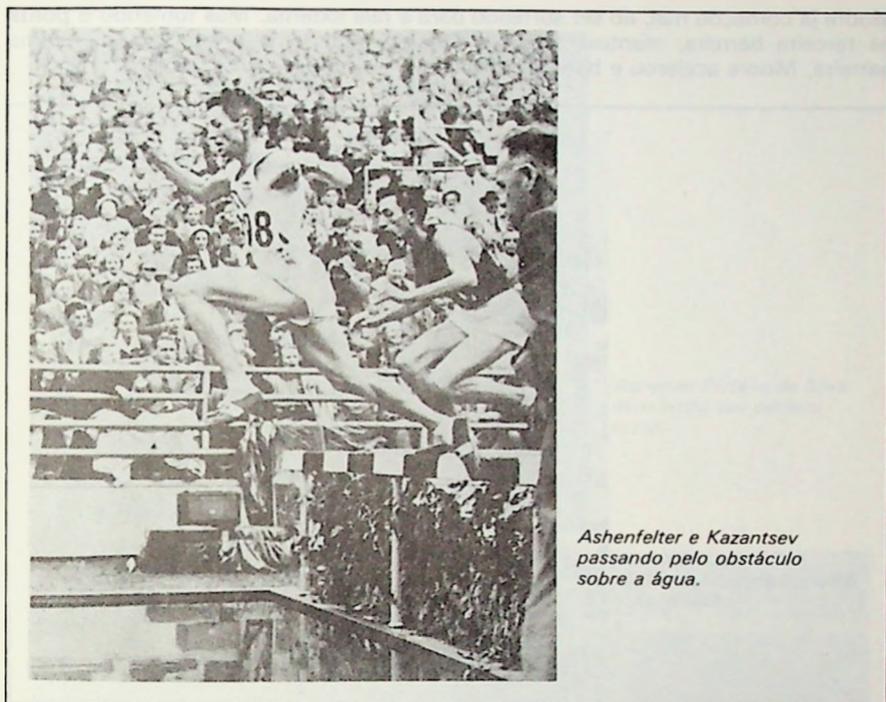
Kolehmainen subiu agilmente os degraus do estádio e acendeu uma segunda chama. Os Jogos Olímpicos de 1952 tinham começado.



— 6 —

Os soviéticos não nutriam falsas esperanças no atletismo masculino. Eles sabiam que ainda era cedo para competirem em condições de igualdade com os Estados Unidos. Mas esperavam vencer uma, duas ou até três medalhas de ouro neste segmento dos jogos. Nenhum atleta parecia ser uma aposta mais segura que Vladimir Kazantsev, de Kiev, recordista mundial dos 3.000 metros com obstáculos, com o tempo de 8 minutos e 46 segundos.

Horace Ashenfelter, dos Estados Unidos, era um agente do FBI que havia corrido a prova apenas 8 vezes, antes dos Jogos de 1952, e não parecia capaz de ameaçar Kazantsev. Nenhum americano jamais havia baixado dos 9 minutos, nesta prova. Surpreendentemente, porém, em sua série preliminar, Ashenfelter mostrou que podia ser uma ameaça, ao se classificar em 8 minutos e 51 segundos, 15 segundos à frente do seu melhor resultado.



*Ashenfelter e Kazantsev
passando pelo obstáculo
sobre a água.*

Na final, pouco antes da metade, Ashenfelter tomou a ponta, com Kazantsev em segundo, próximo. Eles mantiveram estas posições até a última volta. Ai, como esperado, Kazantsev assumiu a liderança. Tudo parecia decidido quando, no pulo sobre a água, Kazantsev escorregou e perdeu seu ritmo. Ashenfelter pulou o obstáculo, ultrapassou o russo e abriu frente. Ele venceu a prova em 8min. 45,4s, novo recorde mundial e olímpico.

Após o final, Kazantsev — que quase perdeu o segundo lugar para o britânico John Disley — abraçou calorosamente o vencedor. A atmosfera se encheu de esportividade e boa vontade. Até que um dirigente russo chegou e, com a cara fechada, retirou o derrotado.

— 7 —

Depois de Kazantsev, o mais forte candidato russo para uma medalha no atletismo era Yuri Lituyev, que tinha registrado o melhor tempo nas semifinais dos 400 metros com barreiras. O favorito da prova, no entanto, era o americano Charles Moore, que nunca havia sido derrotado nesta especialidade. Seu pai, Crip Moore, havia sido suplente na equipe olímpica americana de 1924; através do filho, ele tentaria chegar ao cume do monte a que nunca havia chegado.

Moore já começou mal, ao ser sorteado para a raia externa. Mas tomando a ponta na terceira barreira, manteve-a até o fim. Quando Lituyev apertou, na última barreira, Moore acelerou e bateu o russo decisivamente.



*Moore, vencedor dos 400
c/barreiras.*

Os atletas da União Soviética terminaram sem nenhuma medalha de ouro no atletismo masculino, mas puderam se consolar com quatro medalhas de prata — para Lituyev, Kazantsev, Leonid Shcherbakov e o revezamento 4 × 100. Shcherbakov quase chegou ao recorde mundial mas teve a infelicidade de competir contra o talento incrível do brasileiro Adhemar Ferreira da Silva, que quebrou o recorde mundial em quatro de suas seis tentativas.

Adhemar captava todos os olhares, quando corria para a caixa, e deixava a assistência fascinada, quando se atirava para o ar, calções verdes e camisa amarela, um jogo de cores e de movimento que ficariam para sempre.

— 8 —

Se a pressão deste primeiro teste olímpico pareceu embaraçar os atletas russos, a estréia soviética — sem dúvida nenhuma — inspirou os americanos. Os desempenhos em Helsinki foram, quase sempre, brilhantes, com 17 recordes olímpicos quebrados e 2 iguais, nos 22 eventos principais do atletismo masculino (excluindo as marchas); e os resultados dos americanos foram particularmente espetaculares, com 14 medalhas de ouro.



Adhemar Ferreira da Silva demonstra seu perfeito estilo.



Adhemar desfila, em triunfo, depois de vencer o salto triplo.



Bob Mathias (centro), Campbell e Simmons, os medalhistas do decatlo.

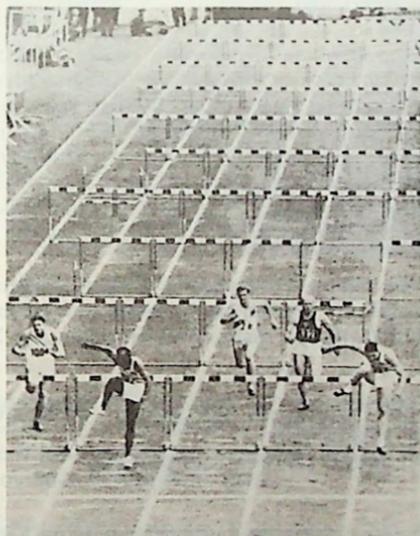
Três americanos que haviam ganho campeonatos, em 1948, obtiveram novas medalhas de ouro em Helsinque. Bob Mathias, é claro, repetiu sua vitória no decatlo, embora insistisse que "nunca me senti tão cansado na vida", no fim do primeiro dia, em novo recorde mundial. Mas Whitfield, que havia participado de 27 missões em bombardeio, na Coreia, desde a sua vitória de Londres, repetiu seu triunfo nos 800 metros rasos. Como em Londres, ele falhou em sua tentativa nos 400 metros rasos, chegando sexto para o jamaicano George Rhoden. E Harrison Dillard, o surpreendente vencedor dos 100 metros rasos, em 1948, venceu em sua especialidade os 110 metros com barreiras, em 1952. "As boas coisas vêm para os que sabem esperar", comentou Dillard alegremente.

Mais dois americanos, de maior sucesso na história olímpica, obtiveram suas primeiras medalhas de ouro em Helsinque: o saltador de vara Bob Richards, que havia tirado terceiro em 1948, e que venceria novamente em 1956; e o arremessador de peso Parry O'Brien, que, com 20 anos de idade em 1952, venceu a prova em Helsinque e Melbourne (1956), tendo chegado em segundo, em 1960, e quarto, em 1964. Por seus feitos olímpicos o Reverendo Richards e o bancário O'Brien tornaram-se imensamente populares na Rússia anticlerical e anticapitalista. "Em Moscou", escreveu um jornalista soviético, "todas as crianças de escola sabem quem são Bob Richards e Parry O'Brien."

Ironicamente, foi justamente em casa que, pela primeira vez desde 1912, a Finlândia não capturou nenhuma medalha de ouro. Mesmo no arremesso do dardo, prova vencida pelos finlandeses em quatro das seis vezes anteriores, os anfitriões tiveram

que se contentar com a medalha de bronze de Toivo Hyytinen. Cy Young, dos Estados Unidos, venceu esta prova, no dia do seu vigésimo quarto aniversário e tornou-se o primeiro americano a conquistar um campeonato olímpico na modalidade.

No disco, os favoritos eram Adolfo Consolini, da Itália, campeão de 1948, e o americano Fortune Gordien, ambos grandes mestres desta especialidade. Consolini que já era um discóbulo de renome, mesmo antes da guerra, competiu em quatro Jogos, depois dela; Gordien participou de três. Mas em 1952, Consolini teve que se contentar com o segundo lugar e Gordien com o quarto. O vencedor, Sam Inness, que havia sido contemporâneo de Bob Mathias no colégio (Tulare High School), quebrou o recorde olímpico em cada um dos seis arremessos. Depois, telegrafou para sua mulher: "Conseguimos. Amo você 1.000 vezes. Distância 180 pés 6,58 polegadas".



Dillard: a vitória de quem soube esperar.

Parry O'Brien arremessando o peso.



Em termos de dificuldade de prognóstico, nenhum evento conseguiu chegar ao nível dos 100 metros rasos. Não havia nenhum franco favorito, principalmente porque os três melhores velocistas do mundo — todos americanos — não participavam. Andy Stanfield preferiu se concentrar nos 200 metros (que ele venceu), Jim Golliday tinha se machucado antes das eliminatórias americanas e Art Bragg havia distendido um músculo durante as séries de classificação. O único, dentre os 6 finalistas, que já tinha experiência olímpica era o britânico Emmanuel Mc Donald-Bailey, sexto em Londres. Herb Mc Kenley, da Jamaica; Dean Smith, dos Estados Unidos e Vladimir Sukharyev, da União Soviética, já haviam corrido a distância em 10,3 segundos, a um décimo do recorde mundial. Os outros finalistas eram John Treloar (Austrália) e Lindy Remigino (EUA). Remigino, de 21 anos de idade, havia quase abandonado a equipe de sua Universidade, três meses antes, por se sentir como um estorvo. Após seu técnico tê-lo convencido a continuar, ele se classificou com dificuldades para a equipe americana.

Na final, entretanto, Remigino partiu com uma velocidade incrível e, nos 50 metros, já mantinha uma vantagem considerável sobre Smith e Mc Donald-Bailey. Nos últimos 10 metros, esses dois diminuíram a diferença e Mc Kenley se juntou ao trio. Os quatro romperam a linha final quase simultaneamente; o tempo de cada um deles foi de 10,4 segundos. Qual o vencedor? Ou Remigino ou Mc Kenley. Remigino contratou Mc Kenley, Sukharyev contratou Remigino e a fotografia oficial confirmou que o russo estava com a razão: Remigino, Mc Kenley, Mc Donald-Bailey e Smith terminaram nesta ordem.

— Eu pensei que Herb tivesse vencido — Remigino disse aos repórteres — outro metro, e ele teria acabado comigo. (A decepção de Mc Kenley foi agravada, quatro dias depois, quando ele perdeu a final dos 400 metros rasos, para Rhodes, por 30 centímetros).

Remigino era um homem modesto e franco. Perguntado, por alguém, se achava que poderia ter batido Stanfield e Golliday, respondeu:

— Você está brincando? Se eles tivessem corrido, eu nem estaria aqui!

Outro resultado inesperado aconteceu na final dos 1.500 metros rasos. Entre os muitos “azarões” desta prova, figuravam Joseph Barthel, de Luxemburgo, e Bob Mc Millan, dos Estados Unidos — Barthel já havia sido finalista, em Londres, nesta prova (chegou em 10º lugar), bem como semifinalista, também em 1948, nos 800 metros rasos. Seu melhor tempo para os 1.500 metros tinha sido 3min. 51s, até que obteve 3min. 50,4s na sua semifinal em Helsinki. Já Mc Millan tinha, em seu registro, apenas um último lugar em uma série eliminatória dos 3.000 metros com obstáculos, dos Jogos de 1948.

Mas foram exatamente esses dois que chegaram praticamente empatados no primeiro lugar, em 1952, no tempo de 3min. 45s 2. O alemão Lueg chegou em

terceiro, aparecendo em quarto o inglês Roger Bannister. Joseph Barthel tornou-se o primeiro e único representante de seu país a obter uma medalha olímpica de ouro, em qualquer época, Luxemburgo podia se orgulhar de ter obtido, em 1952, uma medalha de ouro por cada 300.000 habitantes, façanha que nenhum outro país poderia igualar.



O luxemburguês Barthel vence os 1.500 metros.

— 12 —

No atletismo masculino, com pontos não-oficiais sendo computados na base de 10-5-4-3-2-1, os americanos bateram os russos com facilidade: 215 x 49. Quando, contudo, os outros esportes foram sendo levados em consideração, a União Soviética começou a subir.

No atletismo feminino, enquanto os Estados Unidos conseguiram obter apenas uma vitória no revezamento, duas musculosas garotas russas — a arremessadora de disco Nina Romaschkova e a arremessadora de peso Galina Zybina — obtiveram suas medalhas de ouro. Na ginástica, com Viktor Chukarin capturando três medalhas de ouro (ele obteria duas mais, em 1956), a União Soviética esmagou os Estados Unidos, 188 x 0. A enorme vantagem que os Estados Unidos havia construído, no atletismo masculino, desapareceu rapidamente. Breve, os russos passaram à frente, primeiro por 323,5 pontos a 221; depois, por 496 1/2 a 376.

— 13 —

Apenas ocasionalmente, atletas de outros países compartilhavam as manchetes com a rivalidade russo-americana. Marjorie Jackson, da Austrália, venceu ambas as

provas de velocidade, no atletismo feminino; Henri St Cyr, da Suécia, foi o astro dos eventos hípicas; e um francês, Jean Boiteux, obteve a primeira vitória olímpica de seus país, na natação masculina, ao vencer os 400 metros, nado livre.

Boiteux foi um dos dois não-americanos a vencer uma final na natação masculina; o outro, o australiano John Davies, campeão nos 200 metros de peito. Esperava-se uma grande atuação dos japoneses, mas estes fracassaram totalmente. O grande astro da natação hipônica, Hironshi Furuhashi, terminou em último, na final dos 400 metros nado livre, obtendo o Japão, entretanto, três medalhas de prata (100 metros livres, 1.500 metros livres e revezamento 4 × 200). Os Estados Unidos conquistaram as 4 medalhas de ouro restantes; em duas delas, entretanto, com nadadores de descendência japonesa (Ford Konno e Oyakawa).

— 14 —

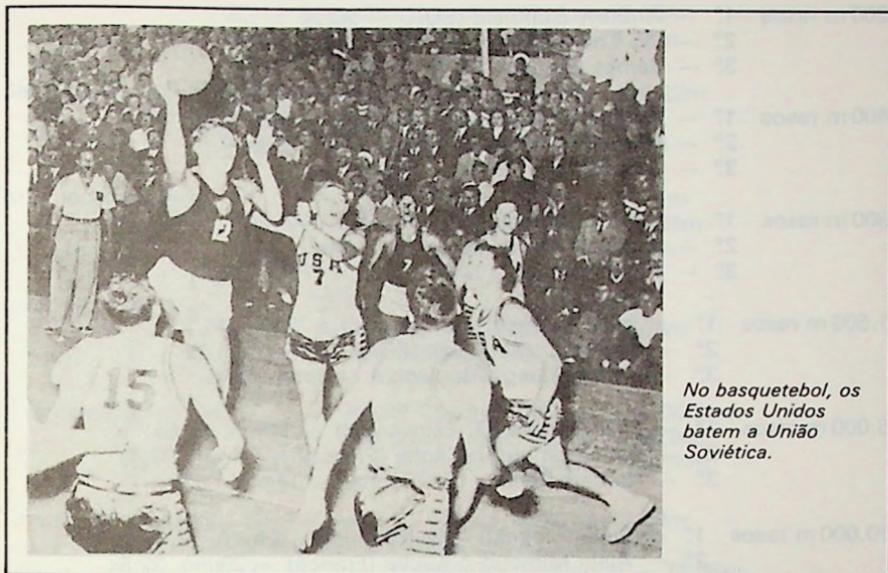
Vagarosamente, os Estados Unidos começaram a cortar a vantagem soviética. No halterofilismo, onde os favoritos russos conquistaram três medalhas de ouro, os americanos surpreenderam com quatro, apenas uma a menos que o total acumulado deste país até então. John Henry Davis, o campeão dos pesados em 1948, foi o único atleta americano em Helsinki que não teve que se prender às regras de treinamento. "Ele pode comer e beber à vontade e dormir na hora que quiser", dizia seu treinador, Bob Huffman. "Ele é o campeão mundial desde 1938 e não serei eu a lhe ensinar como agir". Davis manteve o seu título, mas teve que dividir os aplausos americanos com um jovem de vinte e dois anos de idade e rosto de colegial, chamado Tommy Kono.

Kono era um nipo-americano que havia nascido na Califórnia e havia passado parte da guerra em um campo de concentração americano. Era, também, um atleta extraordinário. Com menos de 1m 68, podia variar seu peso de 67 até 83 quilos, sem perder nenhuma força. Ele venceu o campeonato olímpico de pesos leves, em 1952, o campeonato de meio-pesados em 1956 e, em 1960, competindo nos pesos médios, obteve a medalha de prata. "O sucesso, neste esporte, não vem do corpo", disse certa vez, "vem da cabeça". Cada um pode levantar tanto peso quanto acredite que possa.

— 15 —

No basquetebol, surgiu o grande incidente dos Jogos de Helsinki. Pouco antes do fim do jogo entre Uruguai e França, que os franceses venciam por 68 × 66, o árbitro (o americano Vincent Farrell) assinalou uma falta contra o Uruguai.

Foi o bastante para que o estopim curto dos nossos vizinhos do sul pegasse fogo. Palaez acertou um soco em Farrell que deixaria o próprio Luis Angel Firpo — O Touro Selvagem dos Pampas — cheio de inveja. De todos os lados, saíram uruguaios. Todos movidos pelo mesmo objeto: pegar o juiz. E Farrell foi batido, pisado e cuspidos. Só a polícia conseguiu restabelecer a ordem, mas para Farrell o restabelecimento teve que ser feito na enfermaria americana.



No basquetebol, os Estados Unidos batem a União Soviética.

Ajudados pelo gigantesco Clyde Lovellette, Marcus Freiberger e Bob Kurland — este último veterano de 1948 — os Estados Unidos mantiveram sua invencibilidade olímpica nesse esporte. Patrícia Keller Mc Cormick, como Vicky Drayes em 1948, ganhou ambas as provas de saltos ornamentais para moças. Quatro anos depois, em Melbourne, ela manteria os dois títulos. Um resultado sem precedentes e nunca igualado depois.

Apesar do grande número de pontos obtidos pelos Estados Unidos no halterofilismo e na natação, na manhã do último dia da competição, a Rússia ainda liderava na contagem oficiosa 533 1/2 a 499. Neste último dia, iriam competir cinco pugilistas americanos, em lutas finais. E todos competiram e ganharam. O melhor desses pugilistas era um negro de 17 anos, lutador na categoria dos pesos médios, Floyd Patterson que, posteriormente, quando Rocky Marciano abandonasse as competições, seria o campeão mundial dos pesados. Com estas vitórias, os Estados Unidos superaram a URSS por 614 a 553 1/2.

HELSINKI — 1952 — RESULTADOS



ATLETISMO

HOMENS

- 100 m rasos 1º — Lindy Remigino (EUA) — 10,4s
 2º — Herbert Mc Kenley (Jamaica) — 10,4s
 3º — Emmanuel Mc Donald Bayley (GB) — 10,4s

- 200 m rasos 1º — Andrew Stanfield (EUA) — 20,7s
 2º — W. Thane Baker (EUA) — 20,8s
 3º — James Gathers (EUA) — 20,8s
- 400 m rasos 1º — V. George Rhoden (Jamaica) — 45,9s
 2º — Herbert Mc Kenley (Jamaica) — 45,9s
 3º — Ollie Matson (EUA) — 46,8s
- 800 m rasos 1º — Malvin Whitfield (EUA) — 1min. 49,2s
 2º — Arthur S. Wint (Jamaica) — 1min. 49,5s
 3º — Heinz Ulzheimer (Alemanha) — 1min. 49,7s
- 1.500 m rasos 1º — Josef Barthel (Luxemburgo) — 3min. 45,1s
 2º — Robert E. Mc Millen (EUA) — 3min. 45,2s
 3º — Werner Lueg (Alemanha) — 3min. 45,4s
- 5.000 m rasos 1º — Emil Zátopek (T. Eslováquia) — 14min. 06,6s
 2º — Alain Mimoun-o-Kacha (França) — 14min. 07,4s
 3º — Herbert Schade (Alemanha) — 14min. 08,6s
- 10.000 m rasos 1º — Emil Zátopek (T. Eslováquia) — 29min. 17,0s
 2º — Alain Mimoun-o-Kacha (França) — 29min. 32,8s
 3º — Aleksandr Anufriyev (URSS) — 29min. 48,2s
- Maratona 1º — Emil Zátopek (T. Eslováquia) — 2h. 23min. 03,2s
 2º — Reinaldo B. Gorno (Argentina) — 2h. 25min. 35,0s
 3º — Gustaf Jansson (Suécia) — 2h. 26min. 07,0s
- 110 m c/barreiras 1º — W. Harrison Dillard (EUA) — 13,7s
 2º — Jack W. Davis (EUA) — 13,7s
 3º — Arthur Barnard (EUA) — 14,1s
- 400 m c/barreiras 1º — Charles H. Moore (EUA) — 50,8s
 2º — Yuriy Lituyev (URSS) — 51,3s
 3º — John Mc F. Holland (N. Zelândia) — 52,2s
- 3.000 m c/barreiras 1º — Horace Ashenfelder (EUA) — 8min. 45,4s
 2º — Vladimir Kazantsev (URSS) — 8min. 51,6s
 3º — John I. Disley (GB) — 8min. 51,8s
- Salto em altura 1º — Walter F. Davis (EUA) — 2,04m
 2º — Kenneth Wiesner (EUA) — 2,01m
 3º — José Telles da Conceição (Brasil) — 1,98m
- Salto com vara 1º — Robert Richards (EUA) — 4,55m
 2º — Robert Gutowski (EUA) — 4,53m
 3º — Georgios Roubanis (Grécia) — 4,50m
- Salto em distância 1º — Jerome C. Biffle (EUA) — 7,57m

- 2° — Meredith Gourdine (EUA) — 7,53m
 3° — Odon Foldessy (Hungria) — 7,30m

- Salto triplo 1° — Adhemar Ferreira da Silva (Brasil) — 16,22m
 2° — Leonid Shcherbakov (URSS) — 15,98m
 3° — Arnoldo Devonish (Venezuela) — 15,52m

- Arremesso de peso 1° — W. Parry O'Brien (EUA) — 17,41m
 2° — C. Darrow Hooper (EUA) — 17,39m
 3° — James E. Fuchs (EUA) — 17,06m

- Arremesso de disco 1° — Sim G. Iness (EUA) — 55,03m
 2° — Adolfo Consolini (Itália) — 53,78m
 3° — James Dillion (EUA) — 53,28m

- Arremesso do martelo 1° — József Csermák (Hungria) — 60,34m
 2° — Karl Storch (Alemanha) — 58,86m
 3° — Imre Németh (Hungria) — 57,74m

- Arremesso do dardo 1° — Cyrus C. Young (EUA) — 73,78m
 2° — William Miller (EUA) — 72,46m
 3° — Toivo Hyytiainen (Finlândia) — 71,89m

- Decatlo 1° — Robert B. Mathias (EUA) — 7.731 pts.
 2° — Milton Campbell (EUA) — 7.132 pts.
 3° — Floyd M. Simmons (EUA) — 7.069 pts.

- Revezamento 1° — EUA (F. Dean Smith, W.H. Dillard, Lindy Remigino,
 4 × 100 Andrew Stanfield) — 40,1s
 2° — URSS
 3° — Hungria

- Revezamento 1° — Jamaica (Arthur Swint, Leslie Laing, Herbert Mc Kenley,
 4 × 400 V.G. Rhoden) — 3min. 03,9s
 2° — EUA
 3° — Alemanha

MOÇAS

- 100 m rasos 1° — Marjorie Jackson (Austrália) — 11,5s
 2.º — Daphne Hasenjager (África do Sul) — 11,8s
 3° — Shirley Strickland (Austrália) — 11,9s

- 200 m rasos 1° — Marjorie Jackson (Austrália) — 23,7s
 2° — Bertha Brouwer (Holanda) — 24,2s
 3° — Nadyezhda Khnykina (URSS) — 24,2s

- Salto em altura 1º — Esther Brand (África do Sul) — 1,67m
 2º — Sheila Lerwill (GB) — 1,65m
 3º — Alexandra Chudina (URSS) — 1,63m
- Salto em distância 1º — Yvette Williams (N. Zelândia) — 6,24m
 2º — Alexandra Chudina (URSS) — 6,14m
 3º — Shirley Cawley (GB) — 5,92m
- Arremesso de peso 1º — Galina Zybina (URSS) — 15,28m
 2º — Marianne Werner (Alemanha) — 14,57m
 3º — Klavdia Tochenova (URSS) — 14,50m
- Arremesso do disco 1º — Nina Romashkova (URSS) — 51,42m
 2º — Yelizaveta Bagryantseva (URSS) — 47,08m
 3º — Nina Dumbadze (URSS) — 46,29m
- Arremesso do dardo 1º — Dana Zátopková (T. Eslováquia) — 50,47m
 2º — Alexandra Chudina (URSS) — 50,01m
 3º — Yelena Gorchakova (URSS) — 49,76m
- 80 m c/barreiras 1º — Shirley Strickland (Austrália) — 10,9s
 2º — M. Golubitshnaja (URSS) — 11,1s
 3º — Maria Sander (Alemanha) — 11,1s
- Revezamento 1º — EUA (Mae Faggs, Barbara Jones, Janet Moreau, Catherine
 4 x 100 Hardy) — 45,9s
 2º — Alemanha — 45,9s
 3º — GB — 46,2s



NATAÇÃO

HOMENS

- 100 m livres 1º — C. Clarke Scholes (EUA) — 57,4s
 2º — Hiroshi Suzuki (Japão) — 57,4s
 3º — Goran Larsson (Suécia) — 58,2s
- 400 m livres 1º — Jean Boîteaux (França) — 4min. 30,7s
 2º — Ford Konno (EUA) — 4min. 31,3s
 3º — Per-Olof Ostrand (Suécia) — 4min. 35,2s
- 1.500 m livres 1º — Ford Konno (EUA) — 18min. 30,0s
 2º — Shiro Hashizume (Japão) — 18min. 41,4s
 3º — Tetsuo Okamoto (Brasil) — 18min. 51,3s
- 100 m costas 1º — Yoshinobu Oyakawa (EUA) — 1min. 05,4s
 2º — Gilbert Bozon (França) — 1min. 06,2s
 3º — Jack Taylor (EUA) — 1min. 06,4s



Os três medalhistas dos 1.500 metros, nado livre. À direita, o brasileiro Tetsuo Okamoto, 3º colocado.

- 200 m peito 1º — John Davies (Austrália) — 2min. 34,4s
 2º — Bowen Stassforth (EUA) — 2min. 34,7s
 3º — Herbert Klein (Alemanha) — 2min. 35,9s

- Revezamento 1º — EUA (Wayne Moore, W. Woolsey, Ford Konno, J. Mc
 4 x 200 livres Lane) — 8min. 31,1s
 2º — Japão — 8min. 33,5s
 3º — França — 8min. 45,9s

MOÇAS

- 100 m livres 1º — Katalin Szoke (Hungria) — 1min. 06,8s
 2º — Johanna Termeulen (Holanda) — 1min. 07,0s
 3º — Judit Temes (Hungria) — 1min. 07,1s
- 400 m livres 1º — Valéria Gyenge (Hungria) — 5min. 12,1s
 2º — Éva Novák (Hungria) — 5min. 13,7s
 3º — Evelyn Kawamoto (EUA) — 5min. 14,6s

- 100 m costas 1º — Joan Harrison (África do Sul) — 1min. 14,3s
 2º — Geertje Wielema (Holanda) — 1min. 14,5s
 3º — Jean Stewart (N. Zelândia) — 1min. 15,8s
- 200 m peito 1º — Éva Székely (Hungria) — 2min. 51,7s
 2º — Éva Novák (Hungria) — 2min. 54,4s
 3º — Helen Gordon (GB) — 2min. 57,6s
- Revezamento 1º — Hungria (Ilona Novák, Judit Temes, Éva Novák, Katalin
 4 × 100 livres Szöke) — 4min. 24,4s
 2º — Holanda — 4min. 29,0s
 3º — EUA — 4min. 30,1s



SALTOS ORNAMENTAIS

HOMENS

- Trampolim 1º — David Browning (EUA) — 205,29
 2º — Miller Anderson (EUA) — 199,84
 3º — Robert Clotworthy (EUA) — 184,92
- Plataforma 1º — Samuel Lee (EUA) — 156,28
 2º — Joaquim Pérez (México) — 145,21
 3º — Günther Haase (Alemanha) — 141,31

MOÇAS

- Trampolim 1º — Patricia Mc Cormick (EUA) — 147,30
 2º — Madeleine Moreau (França) — 139,34
 3º — Zoe Ann Jensen (EUA) — 127,59
- Plataforma 1º — Patricia Mc Cormick (EUA) — 79,37
 2º — Paula Myers (EUA) — 71,63
 3º — Juno Irwin (EUA) — 70,49



BASQUETE

- 1º — EUA
 2º — URSS
 3º — Uruguai



CICLISMO

- 1.000 m velocidade 1º — Enzo Sacchi (Itália) — 12,0

- 2° — Lionel Cox (Austrália)
 3° — Werner Potzernheim (Alemanha)

- 1.000 m contra relógio 1° — Russel Mockridge (Austrália) — 1min. 11,1s
 2° — Marino Morettini (Itália) — 1min. 12,7s
 3° — Raymond Robinson (África do Sul) — 1min. 13,0s

- 4.000 m perseguição 1° — Itália — 4min. 42,2s
 2° — África do Sul — 4min. 46,1s
 3° — GB — 4min. 53,6s

- Estrada (individual) 190,4 km 1° — André Noyelle (Bélgica) — 5h. 06min. 03,4s
 2° — Robert Grondelaers (Bélgica) — 5h. 06min. 51,2s
 3° — Edi Ziegler (Alemanha) — 5h. 07min. 47,5s



ESGRIMA

HOMENS

- Florete (individual) 1° — Christian d'Oriola (França)
 2° — Edoardo Mangiarotti (Itália)
 3° — Manlio di Rosa (Itália)

- Equipes 1° — França
 2° — Itália
 3° — Hungria

- Espada (individual) 1° — Edoardo Mangiarotti (Itália)
 2° — Dario Mangiarotti (Itália)
 3° — Oswald Zappelli (Suíça)

- Equipes 1° — Itália
 2° — Suécia
 3° — Suíça

- Sabre (individual) 1° — Pál Kovács (Hungria)
 2° — Aladár Gerevich (Hungria)
 3° — Tibor Berczelly (Hungria)

- Equipes 1° — Hungria
 2° — Itália
 3° — França

MOÇAS

- Florete (individual) 1° — Irene Camber (Itália)
 2° — Ilona Elek (Hungria)
 3° — Karen Lachmann (Dinamarca)



O time húngaro após sagrar-se campeão de futebol.



FUTEBOL

- 1º — Hungria
- 2º — Iugoslávia
- 3º — Suécia



GINÁSTICA

HOMENS

- Equipes
- 1º — URSS — 574,4 pts.
 - 2º — Suíça — 567,5 pts.
 - 3º — Finlândia — 564,2 pts.

- Exercícios combinados (individual)
- 1º — Viktor Chularin (URSS) — 115,70
 - 2º — Grant Shaginiyan (URSS) — 114,95
 - 3º — Josef Stalder (Suíça) — 114,75

- Competição de Solo
- 1º — William Thorensson (Suécia) — 19,25
 - 2º — Tadao Uesako (Japão)
 - Jerzy Jokiel (Polônia) — 19,15 (empate)

Cavalo 1º — Viktor Chukarin (URSS) — 19,50
2º — Yevgeniy Korolkov (URSS)
Grant Shaginiyan (URSS) — 19,40 (empate)

Argolas 1º — Grant Shaginiyan (URSS) — 19,75
2º — Viktor Chukarin (URSS) — 19,55
3º — Hans Eugster (Suíça)
Dimitry Leonkin (URSS) — 19,40 (empate)

Cavalo (Salto) 1º — Viktor Chukarin (URSS) — 19,20
2º — Masao Takemoto (Japão) — 19,15
3º — Tadao Uesako (Japão)
Takashi Ono (Japão) — 19,10 (empate)

Barras Paralelas 1º — Hans Eugster (Suíça) — 19,65
2º — Viktor Chukarin (URSS) — 19,60
3º — Josef Stalder (Suíça) — 19,50

Barra Horizontal 1º — Jack Günthard (Suíça) — 19,55
2º — Josef Stalder (Suíça)
Alfred Schwarzmann (Alemanha) — 19,50 (empate)

MOÇAS

Exercícios combinados (individual) 1º — Maria Gorokhovskaya (URSS) — 76,78
2º — Nina Bocharova (URSS) — 75,94
3º — Margit Korondi (Hungria) — 75,82

Cavalo (Salto) 1º — Yekaterina Kalinchuk (URSS) — 19,20
2º — Maria Gorokhovskaya (URSS) — 19,19
3º — Galina Minaitscheva (URSS) — 19,16

Barras Assimétricas 1º — Margit Korondi (Hungria) — 19,40
2º — Maria Gorokhovskaya (URSS) — 19,26
3º — Ágnes Keleti (Hungria) — 19,16

Trave 1º — Nina Bocharova (URSS) — 19,22
2º — Maria Gorokhovskaya (URSS) — 19,13
3º — Margit Korondi (Hungria) — 19,02

Exercícios de Solo 1º — Ágnes Keleti (Hungria) — 19,36
2º — Maria Gorokhovskaya (URSS) — 19,20
3º — Margit Korondi (Hungria) — 19,00



HIPISMO

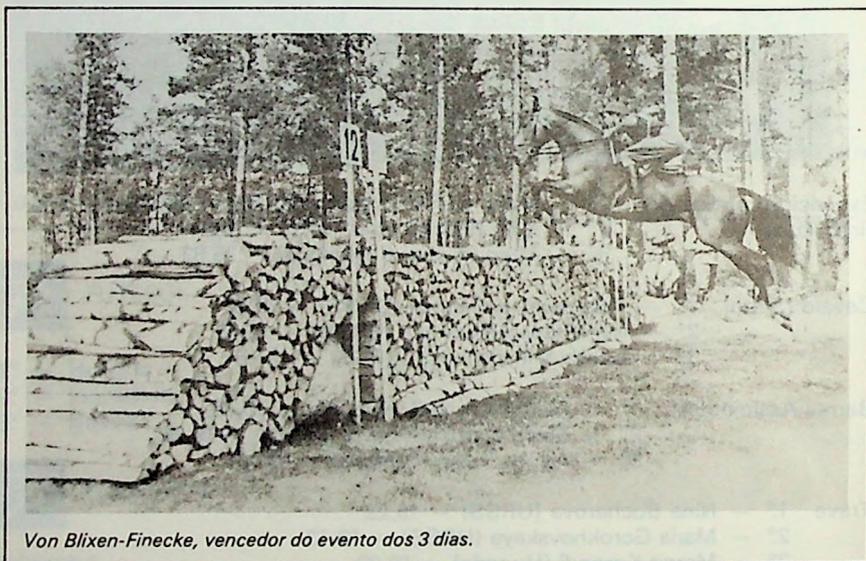
Prêmio das Nações (Individual) 1º — Pierre Jonquières d'Oriola (França)
2º — Oscar Cristi (Chile)
3º — Fritz Thiedemann (Alemanha)

Prêmio das Nações (Equipes) 1º — GB (D. Stewart, W.H. White, Harry Llewellyn)
2º — Chile
3º — EUA

Adestramento (Individual) 1º — Henry St. Cyr (Suécia)
2º — Lis Martel (Dinamarca)
3º — André Jouseaume (França)

Adestramento (Equipes) 1º — Suécia (St. Cyr, Boltensstern, Persson)
2º — Suíça
3º — Alemanha

Evento dos 3 dias (Individual) 1º — Hans Von Blixen-Finecke (Suécia)
2º — Guy Lefrant (França)
3º — Wilhelm Büsing (Alemanha)



Von Blixen-Finecke, vencedor do evento dos 3 dias.

Evento dos 3 dias (Equipes) 1º — Suécia (Von Blixen-Finecke, Stahre, Frolén)
2º — Alemanha
3º — EUA



HOCKEY NA GRAMA

1º — Índia
2º — Holanda
3º — GB



L. Hall, vencedor do Pentatlo Moderno, durante a corrida "cross-country".



PENTATLO MODERNO

- Individual 1º — Lars Hall (Suécia)
2º — Gábor Benedek (Hungria)
3º — István Szondi (Hungria)
- Equipes 1º — Hungria (Benedek, Szondi, Kovácsi)
2º — Suécia
3º — Finlândia



PUGILISMO

- Peso Mosca 1º — Nathan Brooks (EUA)
2º — Edgar Basel (Alemanha)
3º — Anatoly Bulakov (URSS)
William Toweel (África do Sul) (empate)

- Peso Galo 1º — Pentti Hamalainen (Finlândia)
 2º — John Mc Nally (Irlanda)
 3º — Grennadiy Garbuzov (URSS)
 Joon-Ho Kang (Coréia) (empate)
- Peso Pena 1º — Jan Zachara (T. Eslováquia)
 2º — Sergio Caprari (Itália)
 3º — Joseph Ventaja (França)
 Leonard Leisching (África do Sul) (empate)
- Peso Leve 1º — Aureliano Bolognesi (Itália)
 2º — Aleksey Antkiewicz (Polónia)
 3º — Gheorghe Fiat (Romênia)
 Erkki Pakkanen (Finlândia) (empate)
- Peso Médio Ligeiro 1º — Zygmunt Chychla (Polónia)
 2º — Sergey Schtscherbakov (URSS)
 3º — Victor Jorgensen (Dinamarca)
 Günther Heidemann (Alemanha) (empate)
- Peso Meio Médio 1º — László Papp (Hungria)
 2º — Theunis Van Schalkwyk (África do Sul)
 3º — Boris Tishin (URSS)
 Eladio Herrera (Argentina) (empate)
- Peso Médio 1º — Floyd Patterson (EUA)
 2º — Vasile Tita (Romênia)
 3º — Boris Nikolov (Bulgária)
 Stig Sjolin (Suécia) (empate)
- Peso Meio Pesado 1º — Norvel Lee (EUA)
 2º — Antônio Pacenza (Argentina)
 3º — Anotiliy Perov (URSS)
 Harri Siljander (Finlândia) (empate)
- Peso Pesado 1º — Hayes Edward Sanders (EUA)
 2º — —
 3º — Andries Nieman (África do Sul)
 Ilkka Koski (Finlândia) (empate)



TIRO

- Pistola Livre (50 m) 1º — Huelet Benner (EUA) — 553
 2º — Angel León de Gozalo (Espanha) — 550
 3º — Ambrus Balogh (Hungria) — 549
- Carabina (deitado) 1º — Iosif Sarbu (Romênia) — 400
 2º — Boris Andreyev (URSS) — 400
 3º — Arthur Jackson (EUA) — 399

Carabina (3 posições) 1.º — Erling Kongshaug (Noruega) — 1.164
2.º — Vilho Ylonen (Finlândia) — 1.164
3.º — Boris Andreyev (URSS) — 1.163

Pistola (Tiro rápido) 1.º — Károly Takács (Hungria) — 579
2.º — Szilárd Kun (Hungria) — 578
3.º — George Lichiardopol (Romênia) — 578

Fossa Olímpica 1.º — George P. Gagnéux (Canadá) — 192
2.º — Knut Holmqvist (Suécia) — 191
3.º — Hans Liljedahl (Suécia) — 190



WATER-POLO

1.º — Hungria
2.º — Iugoslávia
3.º — Itália



IATISMO

Classe Dragão 1.º — T. Thorvaldsen (Noruega)

Classe Star 1.º — A. Straulino (Itália)

Classe Monotipo 1.º — P. Elvstrom (Dinamarca)



REMO

Single Sculls 1.º — Yuri Tyukalov (URSS)
2.º — Mervyn Wood (Austrália)
3.º — Teodor Kocerka (Polônia)

Double Sculls 1.º — Argentina (T. Capozzo, E. Guerrero)
2.º — URSS
3.º — Uruguai

2 sem patrão 1.º — EUA (C. Logg e T. Price)
2.º — Bélgica
3.º — Suíça

2 com patrão 1.º — França (R. Salles e G. Mercier)
2.º — Alemanha
3.º — Dinamarca



Guarnição francesa, vencedora do dois com, tendo à esquerda o patrão Malivoire, de 14 anos.

- 4 sem patrão 1º — Iugoslávia (D. Bonacic, V. Valenta, M. Trojanovic, P. Segvic)
2º — França
3º — Finlândia
- 4 com patrão 1º — T. Eslováquia (K. Mejta, J. Havlis, J. Jindra, S. Lusk)
2º — Suíça
3º — EUA
- Oito 1º — EUA (F. Shakespeare, W. Fields, J. Dumbar, R. Murphy, H. Proctor, R. Detweiler, W. Frie e E. Stevens)
2º — URSS
3º — Austrália

Peso Pena 1º — Rafael Chimishkyan (URSS) — 337,5kg
2º — Nikolay Saksonov (URSS) — 332,5kg
3º — Rodney Wilkes (Trinidad) — 322,5kg

Peso Leve 1º — Thomas Kono (EUA) — 362,5kg
2º — Yevgeniy Lopatin (URSS) — 350kg
3º — Verne Barberis (Austrália) — 350kg

Peso Médio 1º — Peter George (EUA) — 400kg
2º — Gérard Gratton (Canadá) — 390kg
3º — Sung-Jip Kim (Coreia) — 382,5kg

Peso Pesado-Leve 1º — Trofim Lomakin (URSS) — 417,5kg
2º — Stanley Stanczyk (EUA) — 415kg
3º — Arkhady Vorobyov (URSS) — 407,5kg

Peso Meio-Pesado 1º — Norbert Shemansky (EUA) — 445kg
2º — Grigoriy Novak (URSS) — 410kg
3º — Lennox Kilgour (Trinidad) — 402kg

Peso Pesado 1º — John Davis (EUA) — 460kg
2º — James Bradford (EUA) — 437,5kg
3º — Humberto Selvetti (Argentina) — 432,5kg

NO PAÍS DOS CANGURUS

— 1 —

Os Jogos de Melbourne foram marcados para o final de novembro, pouco antes do verão australiano, e à medida em que a época se aproximava, o mundo se transformava em um barril de pólvora. Primeiro, a ocupação da faixa do Canal de Suez, por Israel, com ajuda francesa e britânica. Depois, os tanques russos esmagando, em Budapeste, a revolução húngara.

Desgraçadamente, dezessete membros da equipe olímpica da Hungria já estavam a caminho da Austrália, a bordo de um navio russo, o Gruzia. O restante da equipe estava reunido na Tcheco-Eslováquia esperando vaga, em avião, para Melbourne. Por um momento, estes húngaros de Praga consideraram abandonar as Olimpíadas e voltar para casa, para juntar-se à luta contra os russos. Como, entretanto, foram informados de que as fronteiras entre a Hungria e a Tcheco-Eslováquia estavam fortemente guardadas, passaram a temer pelas vidas de parentes e amigos; e decidiram competir em Melbourne.

Centenas de imigrantes húngaros que se haviam mudado, anteriormente, para a Austrália, fugindo do regime comunista, se aglomeraram no aeroporto de Essendon para recepcionar a equipe da Hungria. Nem mesmo a mais calorosa acolhida, entretanto, ao som do hino nacional de antes do comunismo, o "Istem Ald Meg a Magyar", serviu para levantar a moral do arrasado grupo de atletas. E estes não escnderam, em Melbourne, os seus sentimentos em relação aos russos. Eles retiraram a bandeira húngara de seus alojamentos, rasgaram o símbolo comunista e hastearam a bandeira de uma Hungria livre. Apesar de o contingente incluir alguns atletas destacados — particularmente grandes fundistas como Laszlo Tabori, Sandor Iharos e Istvan Rozsavolgyi — estes ainda estavam muito amargurados com as notícias de Budapeste para poderem apresentar um bom desempenho.

— Eu estou recuperando o controle da condição física deles — declarou o brilhante treinador Mihaly Igloi — mas suas cabeças ainda estão na Hungria.

Com efeito, as grandes esperanças húngaras no atletismo pouco produziram. Tabori obteve a quarta colocação nos 1.500 metros, prova em que Rozsavolgyi decepcionou inteiramente, e o sexto lugar nos 5.000 metros.

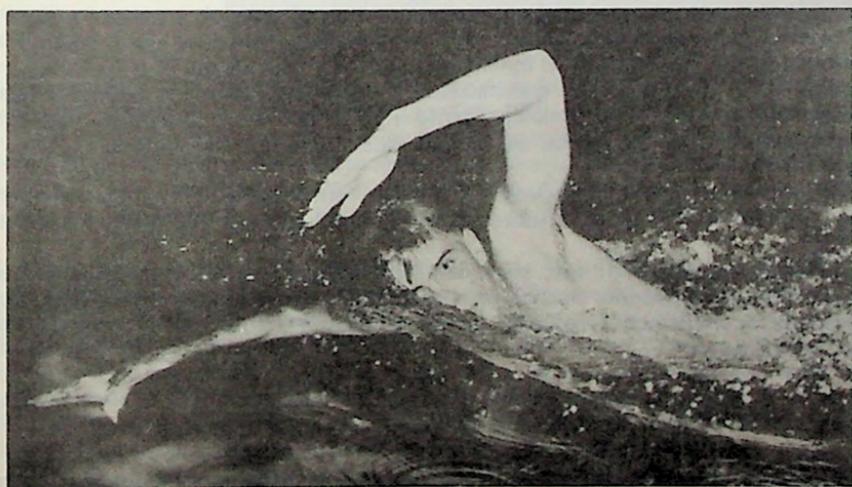
Após os Jogos, quarenta e cinco membros da delegação, inclusive o treinador Igloi, decidiram se desligar e permanecer no mundo ocidental.

Para protestar contra a invasão israelense do Egito, Líbano e Iraque abandonaram os Jogos. Em protesto à invasão da Hungria, três nações — Espanha, Suíça e Holanda — também se retiraram. Protestando contra o hasteamento, por engano, da bandeira da China Nacionalista no alojamento da China Comunista, este país também se retirou. Muitos achavam que, com o mundo em conflito, as Olimpíadas deveriam ser canceladas, mas Avery Brundage, o presidente do Comitê Olímpico Internacional, manteve sua determinação em contrário. “As Olimpíadas pertencem às pessoas”, argumentava Brundage. “Elas são uma competição entre indivíduos e não entre nações”. Havia um lado bom, contudo: as duas Alemanhas competiam como uma única equipe.

Pouco a pouco, a tensão diminuiu e, embora nunca tenha desaparecido completamente, os Jogos foram em frente. Russos e americanos se confraternizavam livremente nos centros sociais da Vila Olímpica (a União Soviética, desta vez, não tinha vila separada) e os australianos mostraram ser anfitriões cheios de consideração, boa vontade e entusiasmo.

103 mil espectadores compareceram à cerimônia de abertura, no Melbourne Cricket Ground, onde o australiano John Landy que era o recordista mundial de milha, pronunciou o juramento, em nome dos 3.500 atletas. A partir daí, em todos os dias do atletismo, os espectadores lotaram completamente o estádio.

Os australianos talvez sejam o povo do mundo mais voltado para os esportes. Com uma população pouco superior a dez milhões de pessoas, a Austrália sempre apresentou extraordinários tenistas, grandes nadadores, excelentes corredores,



Murray Rose, vencendo os 400 metros livres

*Dawn Frazer,
depois da vitória
nos 100 metros
livres*



excepcionais jogadores de cricket e fantásticos marinheiros. E o público teve amplas oportunidades para torcer por seus campeões durante os Jogos Olímpicos de 1956. Embora Landy, prejudicado por uma contusão na perna, tivesse que se contentar com um honroso terceiro lugar nos 1.500 metros rasos, vencido pelo irlandês Ron Delany, a Austrália produziu uma tríplice medalhista no atletismo feminino. Betty Cuthbert venceu os 100 e os 200 metros rasos e liderou sua equipe na vitória do revezamento 4 X 100.

A mais convincente demonstração de força dos australianos foi, entretanto, dentro da piscina. Seus nadadores capturaram cinco medalhas de ouro no campeonato masculino e três no feminino. O mais dotado dos australianos era Murray Rose, um prodígio de 17 anos de idade, que nadava desde os 3. Vegetariano rigoroso, Rose estabeleceu novas marcas olímpicas, tanto nos 400 como nos 1.500 metros livres. Quatro anos depois, em Roma, ele repetiria sua vitória nos 400 metros.

Dawn Frazer fez sua primeira aparição olímpica, vencendo os 100 metros livres e o revezamento 4 X 100 e, ainda, obtendo o segundo lugar nos 400 metros livres.

No total, a Austrália capturou, além das 8 medalhas de ouro, 4 de prata e 1 de bronze, resultado superior ao dos dois países que dominaram, no passado, esta parte dos Jogos: Estados Unidos (2 de ouro, 4 de prata e 5 de bronze) e Japão (1 de ouro e 4 de prata).

Em relação à sua população, a Austrália foi o país que mais impressionou nos Jogos de 1956. Naturalmente, entretanto, ela não pôde igualar a força absoluta da União Soviética e dos Estados Unidos. Um cartaz no estádio olímpico anunciava que

“Classificação por pontos em bases nacionais, não é reconhecida”. Mas ninguém prestou atenção, todos queriam saber, mais uma vez, como os americanos se sairiam na luta contra a Rússia.

Os russos, progredindo enormemente no atletismo, revelaram seu primeiro grande corredor, um oficial da Marinha Soviética, Vladimir Kuts, de 29 anos. O pequeno e musculoso ucraniano de cabelos louros participou dos 5.000 e dos 10.000 metros rasos.



Kuts, à frente de Pirie e Ibbotson, nos 5.000 metros

O evento mais longo veio primeiro e, embora Kuts fosse o favorito, ele sabia que o britânico Gordon Pirie, veterano dos Jogos de 1952, seria uma ameaça considerável. Kuts resolveu, por isso, estabelecer uma estratégia perigosa. Tomando a ponta, correu os primeiros 400 metros em 61,4 segundos, um ritmo extremamente veloz. Pirie, com medo de deixar seu rival abrir uma vantagem muito grande, se aproximou de Kuts e os dois homens se destacaram do resto do campo.

Kuts deu mais três voltas bruscas, de 68 segundos, levando Pirie com ele, cada vez mais destacados do pelotão. De repente, quando Pirie estava sentindo que somente ele seria capaz de acompanhar Kuts, o russo acelerou ainda mais e abriu uma diferença de dez metros. Nos 4.000 metros seguintes, Kuts manteve sua estratégia, forçando Pirie a um “train” violento e, ao mesmo tempo, mostrando ao inglês que poderia acelerar facilmente, quando quisesse. Na metade da corrida, incrivelmente, Vladimir Kuts havia igualado o recorde olímpico de Zátópek para os 5.000 metros. Ele e Pirie já estavam quase 100 metros à frente do terceiro colocado.

Depois dos 6.000 metros, Kuts diminuiu a marcha por várias vezes e acenou para Pirie, convidando-o para assumir a liderança; mas o inglês recusou-se. Nos 8.000



Vladimir Kuts, nos 10.000 metros rasos

metros, Kuts baixou seu ritmo quase para o passo e Pirie, relutantemente, tomou a ponta. Era o que o russo estava planejando; deixou Pirie liderar por 100 metros e, de repente, acelerando, passou zunindo pelo inglês e abriu uma vantagem apreciável. Pirie desmoronou. Estava completamente batido e sabia disso. Enquanto Kuts partia para a conquista da primeira medalha de ouro russa no atletismo, Pirie caiu para o oitavo lugar. Jozsef Novaks da Hungria, chegou em segundo e negou-se terminantemente a apertar a mão do seu conquistador russo.

Novaks, com sua medalha de prata, acabou sendo o grande destaque do atletismo magiar, em Melbourne. E restou aos húngaros o consolo de verificar que Kuts, mesmo vencendo brilhantemente não havia superado o recorde mundial de Sandor Iharos.

No momento em que Vladimir Kuts chegou à fita de chegada, seu rosto, normalmente sem expressão, transformou-se em amplo sorriso e ele deu uma volta extra pela pista, trotando alegremente e acenando para o público.

Enquanto isso, Gordon Pirie estava exaurido, física e mentalmente.

— Não foi o fato de ele me vencer — comentou o inglês — foi a maneira. Ele me trucidou. Espero nunca mais ter que correr contra um atleta como ele.

Infelizmente, contudo, Pirie teve que competir de novo contra Kuts, cinco dias depois, na final dos 5.000 metros. Desta vez, teve a ajuda de dois compatriotas, Derek Ibbotson e Chris Chattaway, e não teve que pressionar Kuts pessoalmente. Mas a presença dos três britânicos não pareceu perturbar Kuts que efetuou uma corrida sólida e uniforme, liderando durante quase todo o percurso e assegurando sua segunda medalha de ouro, de novo em recorde olímpico. Pirie, correndo cuidadosamente, atropelou na reta final e conquistou a medalha de prata. Também pôde se consolar com o fato de seu recorde mundial ter ficado intacto.

Com Leonid Spirine vencendo a marcha dos 20 quilômetros, a Rússia completou três medalhas de ouro no atletismo masculino, em Melbourne. Mas ainda não foi desta vez que a supremacia americana foi ameaçada.

— 5 —

A resposta norte-americana a Vladimir Kuts foi Bobby Morrow, velocista de 21 anos que dominou as provas curtas tão decisivamente como Kuts havia dominado as longas. Nos 100 metros rasos, Morrow suplantou o australiano Hector Hogan na metade do percurso e venceu facilmente. Apesar de uma noite em claro, Morrow prevaleceu também nos 200 metros, deixando o campeão de Helsinki, Andy Stanfield, em segundo lugar. Para finalizar, Morrow completou o revezamento 4 X 100 dos Estados Unidos, conquistando sua terceira medalha de ouro.

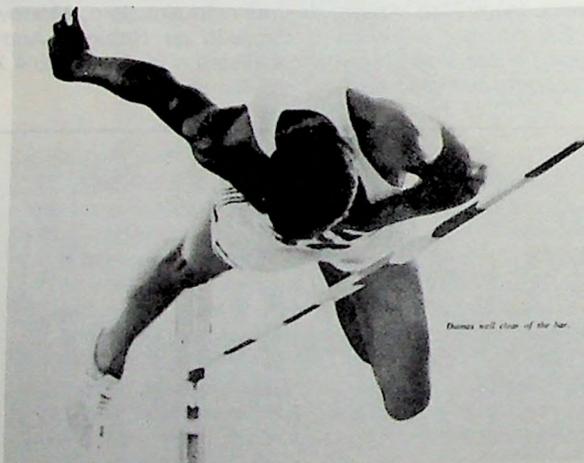


Final dos 100 metros rasos, vencidos por Bobby Morrow (número 55)

Morrow não foi o único herói americano. Quatro outros atletas daquele país chegaram à beira da derrota... mas reagiram. Bob Richards quase sofreu a decepção mais humilhante de sua carreira. Ele ainda era, sem dúvida, o melhor saltador de vara do mundo, tendo saltado 4m 50 tantas vezes e com tamanha

facilidade que qualquer altura menor deveria ser tirada "de letra". Mas no estágio inicial da competição, Richards falhou nas suas duas primeiras tentativas na altura de apenas 4 metros. Finalmente, obteve sucesso na última tentativa e daí partiu para a conquista do título, com 4m 56.

*O astro de 1936,
Jesse Owens,
"trotando" ao lado
do astro de
Melbourne, Bobby
Morrow. Nas
laterais, os alemães
Germer e Futterer*



Dumas will clear the bar.

*Charles Dumas,
campeão do salto em
altura*

No salto em altura, Charles Dumas também era considerado imbatível. Poucos meses antes dos Jogos, havia se constituído no primeiro homem a atingir 7 pés (2m 133). Em Melbourne, quando seu adversário mais perigoso — o sueco Bengt Nilsson — distendeu um músculo e não se classificou para as finais, Dumas parecia a "barbada do programa".

Mas Charles Porter, um australiano que nunca havia saltado mais que 2m 06, acompanhou Dumas — em igualdade de condições — até que o sarrafo chegou a 2m 12. Aí, ambos falharam nas duas primeiras tentativas; quando Dumas, finalmente obteve sucesso na terceira e última e Porter falhou, o americano acabou obtendo a medalha de ouro. Dumas confessou, depois, que havia passado a noite acordado, deitado na cama, pensando em seus adversários.

— Eu descansei direito — explicou calmamente — apenas não consegui dormir.

— 6 —

A final dos 800 metros rasos foi um dos momentos mais eletrizantes dos Jogos de Melbourne. O campo incluía, aparentemente, quatro homens capazes de vencer: Tom Courtney e Arnie Sowell, dos Estados Unidos; Anden Boysen, da Noruega; e Derek Johnson, da Grã-Bretanha.

Courtney tomou a ponta, mas foi ultrapassado por Sowell na reta oposta. Courtney se mantinha um passo atrás e, pouco depois, vinham Boysen e Johnson. Eles ainda estavam bastante “colados” quando completaram a primeira metade da prova, no fenomenal tempo parcial de 52,8 segundos.



Final dos 800 metros: Courtney bate Johnson por centímetros, com Boysen em terceiro.

Não mudaram de posição até a entrada da reta final. Aí, Courtney abriu e, com grande esforço, ultrapassou ligeiramente a Sowell. Os dois americanos se apressavam em direção à fita quando a multidão, subitamente, começou a gritar de

contentamento. Derek Johnson, com um violento "rush", havia se esgueirado por entre os americanos e assumiu a liderança, faltando 50 metros.

A maior decepção das Olimpíadas de Melbourne estava sendo armada. Todos sabiam que um corredor não pode dar dois "tiros" em uma reta final. Courtney já havia dado o seu, esgotando seu último cartucho. E a situação ficou mais óbvia quando Johnson abriu um metro de vantagem. Os aplausos explodiam das arquibancadas, com os australianos — na falta de um local — torcendo desesperadamente para seu colega de Império.

Mas, incrivelmente, Courtney conseguiu reagir e, com obstinação e força sobre-humanas, retomou a ponta e cortou a fita, antes de desmaiar.

Dan Ferris, um dirigente esportivo americano que havia assistido a todos os Jogos, desde 1912, considerou a vitória de Courtney um dos dois eventos mais dramáticos que já havia presenciado em Olimpíadas. "O único acontecimento que se iguala a este", registrou Ferris, "foi a vitória de Ted Meredith, nos 800 metros de 1912".

— 7 —

O arremesso do martelo apresentou o caso mais direto de confronto russo-americano. Mikhail Krivonosov, da União Soviética, havia dominado a prova no intervalo entre as duas Olimpíadas. Por várias vezes, havia aumentado o recorde mundial até que ninguém pudesse colocar em dúvida sua supremacia.

Mas Harold Connoly, dos Estados Unidos, professor de História na Nova Inglaterra, estava muito disposto a alterar este prognóstico. Tão disposto, que tinha sempre uma fotografia de Krivonosov no espelho retrovisor de seu carro, para mantê-lo sempre de olho no adversário.

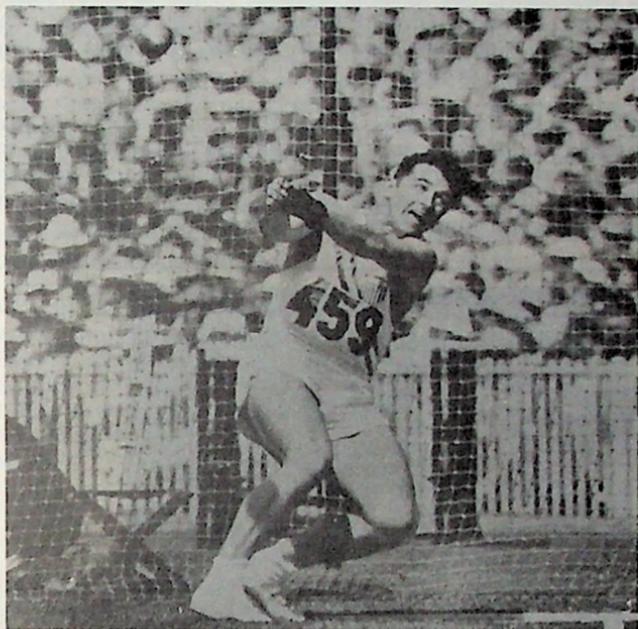
Cedo, eles começaram a ser alternar como recordistas mundiais. E em Melbourne, montou-se o palco para um grande último ato.

Krivonosov tomou a dianteira na segunda das seis rodadas. E a manteve até a quinta, quando Connoly ultrapassou em 16 centímetros a melhor marca do russo, quebrou o recorde olímpico e venceu a prova.

— Eu estava muito nervoso — Connoly confessou depois. Minhas mãos estavam tão suadas que eu mal conseguia segurar a corrente. A sorte é que Krivonosov também estava nervosíssimo.

Connoly capturou mais do que uma medalha de ouro dos países da Cortina de Ferro. Durante os Jogos de Melbourne, conheceu uma garota chamada Olga Fikotova que arremessava o disco pela Tcheco-Eslováquia, também obteve sua medalha de ouro e era particularmente atraente. Connoly se sentiu imediatamente envolvido pela moça e os dois começaram a ser vistos, sempre juntos, pela Vila Olímpica. Depois dos Jogos, quando Connoly voltou para Boston e Olga para Praga, o romance continuou a florescer por via postal. No ano seguinte, Connoly obteve um visto de dez dias para visitar a Tcheco-Eslováquia. Chegando lá, pediu

*Hal Connoly, no
arremesso do
martelo*



permissão ao Presidente Zapotocky para se casar com Olga e levá-la para os Estados Unidos. Inicialmente, o Presidente recusou-se a atender ao pedido. Afinal, seu pai não estava ganhando um arremessador de martelo, mas, sim perdendo uma discóbula.

— Nenhuma força, no mundo, poderá me separar da garota que eu amo — trovejou Connoly.

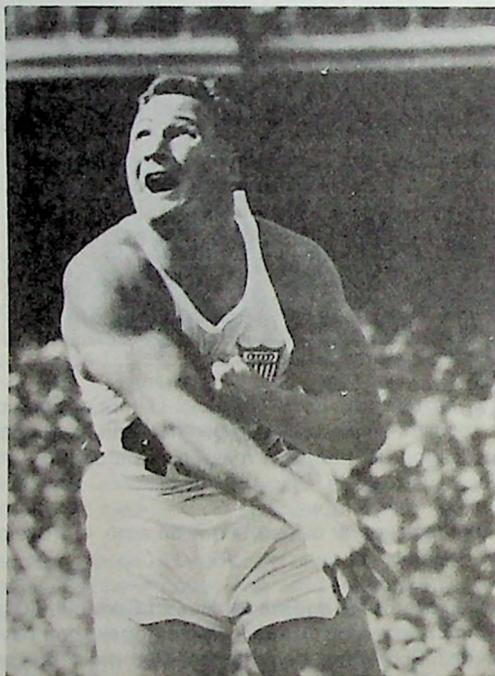
E ele estava certo. Com a ajuda do Departamento de Estado, Harold Connoly e Olga Fikotova se casaram em Praga, no dia 27 de março de 1957. Emil Zatopek, que havia chegado em sexto na Maratona de 1956, uma demonstração a mais do seu extraordinário espírito olímpico, foi padrinho. Três anos depois, ambos os Connoly representariam os Estados Unidos nas Olimpíadas de Roma.

— 8 —

Dois grandes campeões de Helsinki repetiram suas vitórias, em Melbourne, exemplo de Bob Richards. Adhemar Ferreira da Silva, do Brasil, manteve seu título no salto triplo, conforme esperado. Ninguém se surpreendeu quando êle superou seu próprio recorde olímpico e venceu com 16m 35. A surpresa, nesta prova, estava reservada para o segundo lugar, o islandês Einarsson — estudante na Universidade

de Dartmouth, nos Estados Unidos — que também superou o antigo recorde olímpico, saltando 16m26. E Parry O'Brien também melhorou sua marca olímpica, no arremesso do peso, ao obter 18m 57, quase 40 centímetros à frente de seu compatriota Bill Nieder.

No arremesso do disco, Al Oerter, de 20 anos, iniciou seu incrível reinado olímpico, obtendo a primeira de suas quatro vitórias consecutivas na modalidade. O favorito era o americano Fortune Gordien, que era o recordista mundial (59m 28), desde 1953. Mas Gordien teve que se contentar com a medalha de prata, tendo obtido apenas 54m 81 contra 56m 36 de Oerter.



Parry O'Brien, bi-campeão no arremesso do peso

— 9 —

Durante os primeiros dias de competição, quando as provas do Atletismo estavam sendo disputadas, os Estados Unidos estabeleceram uma margem confortável sobre a União Soviética, na contagem não-oficial dos pontos. Mas quando esta margem parecia insuperável — 262 X 150, em certo momento — os russos começaram a descontar. Mais uma vez, os soviéticos brilharam na Ginástica; sua grande estrela foi a encantadora Larissa Latynina, que obteve 4 medalhas de ouro. Na luta Greco-Romana, os russos conquistaram 5 vitórias; os americanos, nenhuma.

A rivalidade russo-americana se acentuou notavelmente no Halterofilismo e no Pugilismo. No primeiro, pela segunda vez consecutiva, os Estados Unidos conseguiram 4 medalhas de ouro, contra 3 da União Soviética. No lado americano, Tommy Kono — o astro de 1952 — e Paul Anderson, um peso pesado, apresentaram um caso curioso de contraste. Kono tinha que digerir seis refeições por dia, para chegar ao peso mínimo da categoria pesado-ligeiro; Anderson, por seu lado, era obrigado a se contentar com uma, para se manter dentro de um peso razoável para seu estado atlético. Kono venceu com sobras, em sua categoria, e Anderson terminou empatado com o gigante argentino Humberto Selvetti. Como em caso de empate, o regulamento dá vantagem ao competidor que pese menos, Anderson foi vencedor, já que pesava menos 5 quilos que o argentino.

No pugilismo, por seu lado, os russos obtiveram compensação, com 3 vitórias contra 2 dos americanos. Um dos campeões, o americano Pete Rademacher, campeão dos pesos pesados, tornou-se imediatamente profissional. Em sua primeira luta, enfrentou o campeão olímpico dos médios, em 1952, Floyd Patterson, pelo campeonato mundial dos pesos pesados. Patterson deu a Rademacher uma recepção violenta no mundo do esporte profissional, nocauteando seu companheiro olímpico no sexto round.

— 10 —

No basquetebol, os russos puderam exibir um gigante de 2m 20 — Yan Kruminsh — mas a altura adicional não foi suficiente para impressionar os americanos. Liderados por Bill Russell e K.C. Jones, os Estados Unidos venceram facilmente a final contra os soviéticos (89 X 55). Kruminsh, a propósito, era um jogador bastante limitado e que se equilibrava com dificuldade do alto de suas pernas imensas. "Ele deveria ser um poeta russo", sugeriu um repórter. "Sua face reflete a tristeza do solo".

*Ivanov,
recebendo
sua medalha
de uma das
mãos de
Avery
Brundage*

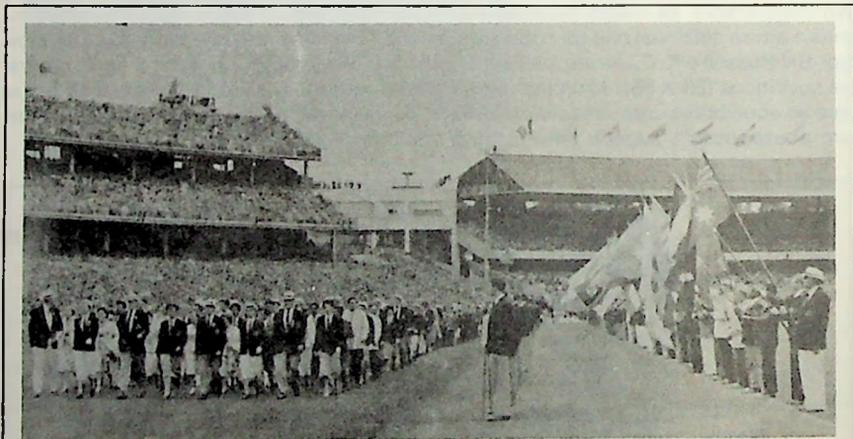


Outro calouro da Rússia, Vyacheslav Ivanov, bateu o americano Jack Kelly — filho do campeão de 1920 e irmão da princesa Grace, de Mônaco — no “skiff”. Mas os americanos puderam obter uma vitória, cheia de drama e “suspense”, no oito, onde a guarnição de Yale bateu com dificuldade o Canadá.

— 11 —

A batalha de Budapeste teve um prolongamento violento, no pólo aquático. E não inteiramente surpreendente. Nas semifinais, a Rússia enfrentou a Hungria. Incentivados pelos gritos de guerra de expatriados húngaros nas arquibancadas, a equipe da Hungria deu uma dimensão adicional à violência tradicional deste esporte. A dois minutos do fim, em uma disputa pela bola — quando a Hungria já ganhava por 4 X 0 — Valentin Prokopov rompeu o supercílio do húngaro Ervin Zadov.

“ — Eu acho que o russo tinha uma certa razão — comentou um jogador ocidental, posteriormente — os húngaros estavam provocando Prokopov durante toda a partida. Não foi um corte profundo, mas o sangue misturado com a água dava uma impressão terrível. Depois do incidente, os húngaros se juntaram em um canto da piscina, provavelmente decidindo quem eles iriam pegar para ir à forra. Mas os russos, em outro canto, decidiram sair da piscina e abandonar o jogo. Eles tiveram sorte de escapar do estádio com vida”.



O “climax” de dezesseis dias de camaradagem. Como uma entidade única, os atletas de todo o mundo em uma demonstração de amizade internacional

— 12 —

Lenta, mas inexoravelmente, os russos diminuíram a diferença de pontos em relação aos Estados Unidos. Finalmente, nos últimos dois dias, com um grande número de medalhas na Ginástica e na Luta, eles construíram a vantagem final —

722 X 593. A União Soviética havia se tornado a mais poderosa nação esportiva do mundo.

Na cerimônia de encerramento, com as lembranças de Budapeste e de Giza ainda no ar, aconteceu algo curioso. Pela primeira vez na história dos Jogos, os atletas não desfilaram agrupados por nação. Ao invés, passaram informalmente, russos com ingleses, franceses com australianos, americanos com tchecos, africanos com asiáticos, todos misturados. Foi um final agradável para duas semanas de tensão e um sinal de boa vontade para os Jogos de 1960.

A glória da Grécia, mais uma vez, estaria sendo ligada à grandeza de Roma.

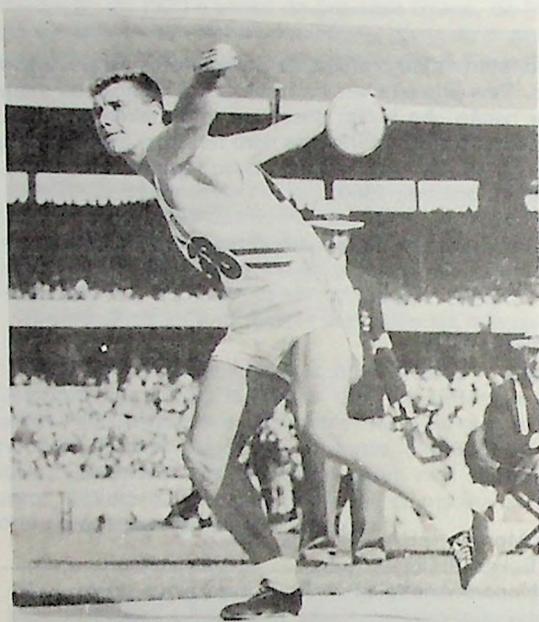
MELBOURNE — 1956 — RESULTADOS



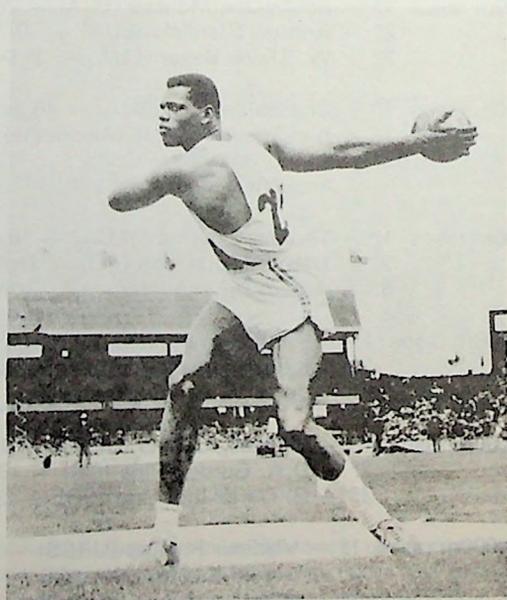
ATLETISMO

HOMENS

- 100m rasos 1º — Bobby-Joe Morrow (EUA) — 10,5s
2º — W. Thane Baker (EUA) — 10,5s
3º — Hector D. Hogan (Austrália) — 10,6s
- 200m rasos 1º — Bobby-Joe Morrow (EUA) — 20,6s
2º — Andrew Stanfield (EUA) — 20,7s
3º — W. Thane Baker (EUA) — 20,9s
- 400m rasos 1º — Charles Jenkins (EUA) — 46,7s
2º — Karl-Friedrich Haas (Alemanha) — 46,8s
3º — Voitto Hellsten (Finlândia)
Ardalion V. Ignatyev (URSS) — 47,0 (empate)
- 800m rasos 1º — Thomas Courtney (EUA) — 1min 47,7s
2º — Derek N. Johnson (GB) — 1min 47,8s
3º — Andun Boysen (Noruega) — 1min 48,1s
- 1.500m rasos 1º — Ron Delany (Irlanda) — 3min 41,2s
2º — Klaus Richtzenhain (Alemanha) — 3min 42,0s
3º — John M. Landy (Austrália) — 3min 42,0s
- 5.000m rasos 1º — Vladimir P. Kuts (URSS) — 13min 39,6s
2º — D.A. Gordon Pirie (GB) — 13min 50,6s
3º — G. Derek Ibbotson (GB) — 13min 54,4s
- 10.000m rasos 1º — Vladimir P. Kuts (URSS) — 28min 45,6s
2º — József Kovács (Hungria) — 28min 52,4s
3º — Allan Lawrence (Austrália) — 28min 53,6s



Al Oerter, na série final do arremesso do disco



Milton Campbell, campeão do Decatlo

- Maratona 1º — Alain Mimoun-o-Kacha (França) — 2h 25min 00,0s
 2º — Franjo Mihalic (Iugoslávia) — 2h 26min 32,0s
 3º — Veikko Karvonen (Finlândia) — 2h 27min 47,0s
- 110m c/barreiras 1º — Lee Q. Calhoun (EUA) — 13,5s
 2º — Jack W. Davis (EUA) — 13,5s
 3º — Joel W. Chankle (EUA) — 14,1s
- 400m c/barreiras 1º — Glenn A. Davis (EUA) — 50,1s
 2º — S. Eddie Southern (EUA) — 50,8s
 3º — Joshua Culbreath (EUA) — 51,6s
- 3.000m c/barreiras 1º — Christopher Brasher (GB) — 8min 41,2s
 2º — Sándor Rozsnyói (Hungria) — 8min 43,6s
 3º — Ernst Larsen (Noruega) — 8min 44,0s
- 20.000m marcha 1º — Leonid Spirin (URSS) — 1h 31min 27,4s
 2º — Antonas Mikenas (URSS) — 1h 32min 03,0s
 3º — Bruno Junk (URSS) — 1h 32min 12,0s
- Salto em altura 1º — Charles E. Dumas (EUA) — 2,12m
 2º — Charles Porter (Austrália) — 2,10m
 3º — Igor Kashkarov (URSS) — 2,08m
- Salto com vara 1º — Robert Richards (EUA) — 4,56m
 2º — Robert Gutowski (EUA) — 4,53m
 3º — Georgios Roubanis (Grécia) — 4,50m
- Salto em distância 1º — Gregory C. Bell (EUA) — 7,83m
 2º — John D. Bennett (EUA) — 7,68m
 3º — Jorma Valkama (Finlândia) — 7,48m
- Salto triplo 1º — Adhemar Ferreira da Silva (Brasil) — 16,35m
 2º — Vilhjálmur Einarson (Islândia) — 16,26m
 3º — Vitold Kreyer (URSS) — 16,02m
- Arremesso de peso 1º — W. Parry O'Brien (EUA) — 18,57m
 2º — William H. Nieder (EUA) — 18,18m
 3º — Jiri Skobla (T. Eslováquia) — 17,65m
- Arremesso de disco 1º — Alfred Oerter (EUA) — 56,36m
 2º — Fortune Gordien (EUA) — 54,81m
 3º — Desmond Koch (EUA) — 54,40m
- Arremesso do martelo 1º — Harold Connolly (EUA) — 63,19m
 2º — Mikhail Krivonosov (URSS) — 63,03m
 3º — Anatoliy Samostsvetov (URSS) — 62,56m
- Arremesso de dardo 1º — Egil Danielsen (Noruega) — 85,71m
 2º — Janusz Sidlo (Polônia) — 79,98m

3º — Viktor Tsubulenko (URSS) — 79,50m

Decatlo 1º — Milton G. Campbell (EUA) — 7.708 pts

2º — Rafer L. Johnson (EUA) — 7.568 pts

3º — Vasiliy Kuznetsov (URSS) — 7.461 pts

Revezamento 1º — EUA (Ira Murchison, Leamon King, W. Thane Baker,
4 X 100 Bobby-Joe Morrow) — 39,5s

2º — URSS — 39,8s

3º — Alemanha — 40,3s

Revezamento 1º — EUA (Lou Jones, Jesse Mashburn, Charles Jenkins,
4 X 400 Thomas W. Courtney) — 3min04,8s

2º — Austrália — 3min 06,2s

3º — GB — 3min 07,2s

MOÇAS

100m rasos 1º — Betty Cuthbert (Austrália) — 11,5s

2º — Christa Stubnick (Alemanha) — 11,7s

3º — Marlene Mathews (Austrália) — 11,7s

200m rasos 1º — Betty Cuthbert (Austrália) — 23,4s

2º — Christa Stubnick (Alemanha) — 23,7s

3º — Marlene Mathews (Austrália) — 23,8s



Shirley Strickland, vencedora da prova com barreiras

Salto em altura 1º — Mildred Mc Daniel (EUA) — 1,76m
2º — Thelma Hopkins (GB)
Maria Pissaryeva (URSS) — 1,67m (empate)

Salto em distância 1º — Elzbieta Krzesinska (Polônia) — 6,35m
2º — Willye D. White (EUA) — 6,09m
3º — Nadyezhda Dvalishvili (URSS) — 6,07m

Arremesso de peso 1º — Tamara Tyshkyevich (URSS) — 16,59m
2º — Galina Zybina (URSS) — 16,53m
3º — Marianne Werner (Alemanha) — 15,61m

Arremesso de disco 1º — Olga Fikotová (T.Eslováquia) — 53,69m
2º — Irina Beglyakova (URSS) — 52,54m
3º — Nina Ponomaryeva (URSS) — 52,02m

Arremesso do dardo 1º — Inese Jaunzeme (URSS) — 53,86m
2º — Marlene Ahrens (Chile) — 50,38m
3º — Nadyezhda Konyayeva (URSS) — 50,28m

80m c/barreiras 1º — Shirley Strickland (Austrália) — 10,7s
2º — G.I. Kohler (Alemanha) — 10,9s
3º — N.C. Thrower (Austrália) — 11,0s

Revezamento 1º — Austrália (S. Delahunty, N. Crocker, F. Mellor,
4 X 100 B. Cuthbert) — 44,5s
2º — GB — 44,7s
3º — USA — 44,9s



NATA ÇÃO

HOMENS

100m livres 1º — Jon Henricks (Austrália) — 55,4s
2º — John Devitt (Austrália) — 55,8s
3º — Gary Chapman (Austrália) — 56,7s

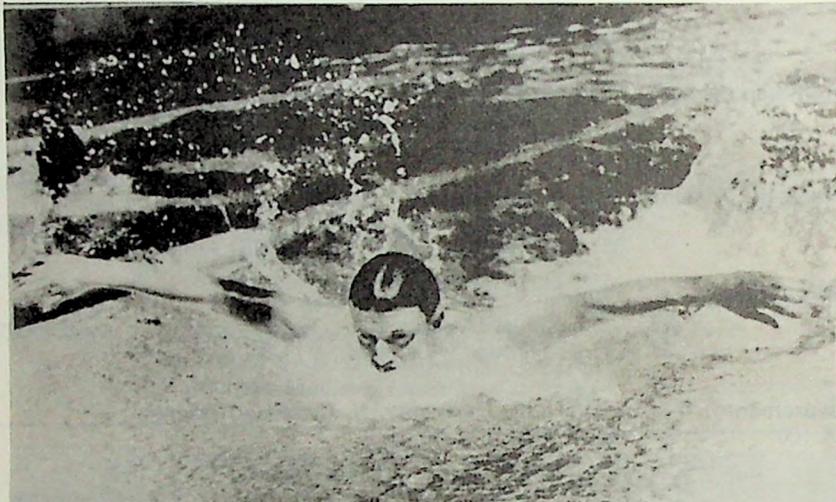
400m livres 1º — I. Murray Rose (Austrália) — 4min 27,3s
2º — Tsuyoshi Yamanaka (Japão) — 4min 30,4s
3º — George T. Breen (EUA) — 4min 32,5s

1.500 livres 1º — I Murray Rose (Austrália) — 17min 58,9s
2º — Tsuyoshi Yamanaka (Japão) — 18min 00,3s
3º — George T. Breen (EUA) — 18min 08,2s

100m costas 1º — David Thiele (Austrália) — 1min 02,2s
2º — John Monckton (Austrália) — 1min 03,2s
3º — Frank Mc Kinney (EUA) — 1min 04,5s

200m peito 1º — Masura Furukawa (Japão) — 2min 34,7s
2º — Masahiro Yoshimura (Japão) — 2min 36,7s
3º — Charis Yunitshev (URSS) — 2min 36,8s

200m borboleta 1º — William Yorzyk (EUA) — 2min 19,3s
2º — Takashi Ishimoto (Japão) — 2min 23,8s
3º — Gyorgy Tumpek (Hungria) — 2min 23,9s



William Yorsik, tranqüilo vencedor dos 200m. borboleta

Revezamento 1º — Austrália (K. O'Halloran, John Devitt, I. Murray
4 X 200 livres Rose, John Henricks) — 8min 23,6s
2º — EUA — 8min 31,5s
3º — URSS — 8min 34,7s

MOÇAS

100m livres 1º — Dawn Fraser (Austrália) — 1min 02,0s
2º — Lorraine Crapp (Austrália) — 1min 02,3s
3º — Faith Leech (Austrália) — 1min 05,1s

400m livres 1º — Lorraine Crapp (Austrália) — 4min 54,6s
2º — Dawn Fraser (Austrália) — 5min 02,5s
3º — Sylvia Ruuska (EUA) — 5min 07,1s

100m costas 1º — Judith Grinham (GB) — 1min 12,9s
2º — Carin Cone (EUA) — 1min 12,9s
3º — Margaret Edwards (GB) — 1min 13,1s

200m peito 1º — Ursula Happe (Alemanha) — 2min 53,1s
2º — Éva Székely (Hungria) — 2min 54,8s
3º — Eva-Maria Ten Elsen (Alemanha) — 2min 55,1s

100m borboleta 1º — Shelley Mann (EUA) — 1min 11,0s
2º — Nancy Ramey (EUA) — 1min 11,9s
3º — Mary J. Sears (EUA) — 1min 14,4s

Revezamento 1º — Austrália (Dawn Fraser, Faith Leech, Sandra
4 X 100 livres Morgan, Lorraine Crapp) — 4min 17,1s
2º — EUA — 4min 19,2s
3º — África do Sul — 4min 25,7s



SALTOS ORNAMENTAIS

HOMENS

Trampolim 1º — Robert Clotworthy (EUA) — 159,56
2º — Donald Harper (EUA) — 156,23
3º — Joaquin Pérez (México) — 150,69

Plataforma 1º — Joaquin Pérez (México) — 152,44
2º — Gary Tobian (EUA) — 152,41
3º — Richard Connor (EUA) — 149,79

MOÇAS

Trampolim 1º — Patricia Mc Cormick (EUA) — 142,36
2º — Jeanne Stunyo (EUA) — 125,89
3º — Irene Macdonald (Canadá) — 121,40

Plataforma 1º — Patricia Mc Cormick (EUA) — 84,85
2º — Juno Irwin (EUA) — 81,64
3º — Paula J. Myers (EUA) — 81,58



CICLISMO

1.000m velocidade 1º — Michel Rousseau (França) — 11,4
2º — Guglielmo Pesenti (Itália) —
3º — Richard Ploog (Austrália) —

1.000m contra-relógio 1º — Leandro Faggin (Itália) — 1min 09,8s
2º — Ladislav Foucek (T. Eslováquia) — 1min 11,4s
3º — J. Alfred Swift (África do Sul) — 1min 11,6s

4.000m perseguição 1º — Itália — 4min 37,4s

2º — França — 4min 39,4s

3º — GB — 4min 42,2s

Estrada (individual) 1º — Ercole Baldini (Itália) — 5h 21min 17,0s
187,73 km 2º — Arnaud Geyre (França) — 5h 23min 16,0s
3º — Alan Jackson (GB) — 5h 23min 16,0s



BASQUETE

1º — EUA

2º — URSS

3º — Uruguai



ESGRIMA

HOMENS

Florete (individual) 1º — Christian d'Oriola (França)
2º — Giancarlo Bergamini (Itália)
3º — Antonio Spallino (Itália)

Florete (equipes) 1º — Itália
2º — França
3º — Hungria

Espada (individual) 1º — Carlo Pavesi (França)
2º — Giuseppe Delfino (Itália)
3º — Edoardo Mangiarotti (Itália)

Espada (equipes) 1º — Itália
2º — Hungria
3º — França

Sabre (individual) 1º — Rudolf Kárpáti (Hungria)
2º — Jerzy Pawlowski (Polônia)
3º — Lev Kuznyetsov (URSS)

Sabre (equipes) 1º — Hungria
2º — Polônia
3º — URSS

MOÇAS

Florete (individual) 1º — Gilliam Sheem (GB)
2º — Olga Orban (Romênia)
3º — Renée Garilhe (França)



FUTEBOL

- 1º — URSS
- 2º — Iugoslávia
- 3º — Bulgária



GINÁSTICA

HOMENS

- Equipes
- 1º — URSS — 568,25 pts
 - 2º — Japão — 566,40 pts
 - 3º — Finlândia — 555,95 pts

- Exercícios Combinados (individual)
- 1º — Viktor Chukarin (URSS) — 114,25
 - 2º — Takashi Ono (Japão) — 114,20
 - 3º — Yuriy Titov (URSS) — 113,80

- Competição de Solo
- 1º — Valentin Muratov (URSS) — 19,20
 - 2º — Nobuyuki Aihara (Japão)
William Thoresson (Suécia)
Viktor Chukarin (URSS) — 19,10 (tríplice empate)

- Cavalo
- 1º — Boris Shakhlin (URSS) — 19,25
 - 2º — Takashi Ono (Japão) — 19,20
 - 3º — Viktor Chukarin (URSS) — 19,10

- Argolas
- 1º — Albert Azaryan (URSS) — 19,35
 - 2º — Valentin Muratov (URSS) — 19,15
 - 3º — Masao Takemoto (Japão)
Masami Kubota (Japão) — 19,10 (empate)

- Cavalo (salto)
- 1º — Helmuth Bantz (Alemanha)
Valentin Muratov (URSS) — 18,85 (empate)
 - 3º — Yuriy Titov (URSS) — 18,75

- Barras paralelas
- 1º — Viktor Chukarin (URSS) — 19,20
 - 2º — Masami Kubota (Japão) — 19,15
 - 3º — Takashi Ono (Japão)
Masao Takemoto (Japão) — 19,10 (empate)

- Barra Horizontal
- 1º — Takashi Ono (Japão) — 19,60
 - 3º — Yuriy Titov (URSS) — 19,40
 - 3º — Masao Takemoto (Japão) — 19,30

MOÇAS

Exercícios Combinados (individual) 1º — Larissa Latynina (URSS) — 74,933
2º — Ágnes Keleti (Hungria) — 74,633
3º — Sofia Muratova (URSS) — 74,466

Cavalo (salto) 1º — Larissa Latynina (URSS) — 18,833
2º — Tamara Manina (URSS) — 18,800
3º — Ann-Sofi Colling (Suécia)
Olga Tass (Hungria) — 18,733 (empate)

Barras Assimétricas 1º — Ágnes Keleti (Hungria) — 18,966
2º — Larissa Latynina (URSS) — 18,833
3º — Sofia Muratova (URSS) — 18,800

Trave 1º — Ágnes Keleti (Hungria) — 18,80
2º — Eva Bosáková (T.Eslováquia)
Tamara Manina (URSS) — 18,63 (empate)

Exercícios de Solo 1º — Larissa Latynina (URSS)
Ágnes Keleti (Hungria) — 18,733 (empate)
3º — Elena Leustean (Romênia) — 18,70



HIPISMO

Prêmio das Nações (individual) 1º — Hans Gunter-Winkler (Alemanha)
2º — Raimondo d'Inzeo (Itália)
3º — Piero d'Inzeo (Itália)

Prêmio das Nações (equipes) 1º — Alemanha
2º — Itália
3º — GB

Adestramento (individual) 1º — Henri St Cyr (Suécia)
2º — Lis Hartel (Dinamarca)
3º — Liselott Linsenhoff (Alemanha)

Adestramento (equipes) 1º — Suécia
2º — Alemanha
3º — Suíça

Evento dos 3 dias (individual) 1º — Petrus Kastenman (Suécia)
2º — August Lutke-Westhues (Alemanha)
3º — Francis Weldon (GB)

Evento dos 3 dias (equipes) 1º — GB
2º — Alemanha
3º — Canadá



HOCKEY NA GRAMA

- 1º — Índia
- 2º — Paquistão
- 3º — Alemanha



PENTATLO MODERNO

- Individual
- 1º — Lars Hall (Suécia)
 - 2º — Olavi Mannonen (Finlândia)
 - 3º — Vaino Korhonen (Finlândia)
- Equipes
- 1º — URSS (Novikov, Tarassov, Deryugin)
 - 2º — EUA
 - 3º — Finlândia



PUGILISMO

- Peso Mosca
- 1º — Terence Spinks (GB)
 - 2º — Mircea Dobrescu (Romênia)
 - 3º — John Caldwell (Irlanda)
René Libeer (França)
- Peso Galo
- 1º — Wolfgang Behrendt (Alemanha)
 - 2º — Soon-Chun Song (Coréia)
 - 3º — Frederick Gilroy (Irlanda)
Claudio Barrients (Chile) (empate)
- Peso Pena
- 1º — Vladimir Safronov (URSS)
 - 2º — Thomas Nicholls (GB)
 - 3º — Henryk Niedzwiedzki (Polônia)
Pentti Hamailainen (Finlândia) (empate)
- Peso Leve
- 1º — Richard Mc Taggart (GB)
 - 2º — Harry Kurschat (Alemanha)
 - 3º — Anthony Byrne (Irlanda)
Anatoliy Lagetko (URSS) (empate)
- Peso meio-médio ligeiro
- 1º — Vladimir Yengibaryan (URSS)
 - 2º — Franco Nenci (Itália)
 - 3º — Henry Loubser (África do Sul)
Constantin Dumistrescu (Romênia) (empate)
- Peso Médio Ligeiro
- 1º — Nicholae Linca (Romênia)

- 2º — Frederick Tiedt (Irlanda)
3º — Kevin Hoggart (Austrália)
Nicholas Gargano (GB) (empate)

- Peso Meio Médio 1º — László Papp (Hungria)
2º — José Torres (EUA)
3º — John Mc Cormack (GB)
Zbigniew Pietrzykowski (Polônia) (empate)

- Peso Médio 1º — Genadiy Schatkov (URSS)
2º — Ramón Tapia (Chile)
3º — Gilbert Chapron (França)
Victor Salazar (Argentina) (empate)

- Peso Meio-Pesado 1º — James F. Boyd (EUA)
2º — Gheorge Negrea (Romênia)
3º — Carlos Lucas (Chile)
Romualdas Murauskas (URSS) (empate)

- Peso Pesado 1º — T. Peter Rademacher (EUA)
2º — Lev Mukhin (URSS)
3º — Daniel Bekker (África do Sul)
Giacomo Bozzano (Itália) (empate)



TIRO

- Pistola Livre (50m) 1º — Pentti Linnosvuo (Finlândia) — 556
2º — Makhmud Oumarov (URSS) — 556
3º — Offutt Pinion (EUA) — 551

- Carabina (deitado) 1º — Gerald Rouellette (Canadá) — 600
2º — Vasiliy Borissov (URSS) — 599
3º — Gilmour S. Boa (Canadá) — 598

- Carabina (3 posições) 1º — Anatoliy Bogdanov (URSS) — 1.172
2º — Otakar Horinek (T. Eslováquia) — 1.117
3º — Nils Sundberg (Suécia) — 1.167

- Pistola (Tiro Rápido) 1º — Stefan Petrescu (Romênia) — 587
2º — Evgeniy Shcherkasov (URSS) — 585
3º — Gheorghe Lichiardopol (Romênia) — 581

- Fossa Olímpica 1º — Galliano Rossini (Itália) — 195
2º — Adam Smelczynski (Polônia) — 190
3º — Alessandro Ciceri (Itália) — 188



WATER—POLO

- 1º — Hungria
- 2º — Iugoslávia
- 3º — URSS



WATER—POLO

- Classe de 5,5 metros — 1º — L. Thorn (Suécia)
- Classe Dragão — 1º — F. Bohlin (Suécia)
- Classe Star — 1º — H.P. Williams (EUA)
- Classe de 12 metros — 1º — P.G. Mandert (N. Zelândia)
- Monotipo Finn — 1º — P.B. Elvstrom (Dinamarca)



REMO

- Single-Sculls 1º — Vyazheslav Ivanov (URSS)
2º — Stuart Mackenzie (Austrália)
3º — John B. Kelly (EUA)
- Double-Sculls 1º — URSS (A. Berkutov e Y. Tyukalov)
2º — EUA
3º — Austrália
- 2 sem patrão 1º — EUA (James Fifer e Duvall Hecht)
2º — URSS
3º — Áustria
- 2 com patrão 1º — EUA (A. Ayraut e F.C. Findlay)
2º — Alemanha
3º — URSS
- 4 sem patrão 1º — Canadá (A. Mc Kinnon, L. Loomer, I.W. d'Hondt e D. Arnold)
2º — EUA
3º — França
- 4 com patrão 1º — Itália (A. Winkler, R. Sgheiz, A. Vanzin e F. Trincavelli)
2º — Suécia
3º — Finlândia

- Oito 1º — EUA (T. Charlton, D. Wight, J. Cooke, D. Beer, C. Esselstyn,
C. Grimes, R. Wailes e R. Morey)
- 2º — Canadá
- 3º — Austrália



1º — [Illegible text]

2º — [Illegible text]

3º — [Illegible text]

1º — [Illegible text]

2º — [Illegible text]

3º — [Illegible text]

1º — [Illegible text]

2º — [Illegible text]

3º — [Illegible text]

1º — [Illegible text]

2º — [Illegible text]

3º — [Illegible text]

1º — [Illegible text]

2º — [Illegible text]

3º — [Illegible text]

1º — [Illegible text]

2º — [Illegible text]

3º — [Illegible text]

A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS

(2.ª PARTE — 1948/1956)

O Brasil tomou parte nos três Jogos Olímpicos realizados dentro do período 1948/1956, com resultados bastante discretos, embora melhores que os obtidos antes da 2.ª Guerra.

Não fosse o talento excepcional de Adhemar Ferreira da Silva, que nos proporcionou duas medalhas de ouro, restariam ao Brasil apenas três medalhas de bronze, com José Telles da Conceição (salto em altura, 1952), Tetzuo Okamoto (1500 metros nado livre, 1952) e a equipe de basquetebol de 1948.

A Argentina, durante o mesmo período, obteve 4 medalhas de ouro, com Cabrera, na Maratona de 1948; com os pugilistas Pascual Perez e Rafael Iglesias, também em 1948; e com o "double-sculls", em 1952. Além disso, acrescentou ao seu acervo mais 5 medalhas de prata e 4 de bronze.

O México obteve 3 medalhas de ouro: 2 no Hipismo, em 1948 (Humberto M. Cortés e equipe no G.P das Nações) e a terceira com Joaquin Capilla Pérez, no salto de plataforma, em 1952. Os mexicanos capturaram, ainda, 2 medalhas de prata e 2 de bronze, no período considerado.

O Peru também obteve sua medalha de ouro, com Edwin V. Cam, no Tiro, em Londres. O Uruguai conseguiu 1 medalha de prata e 4 de bronze; o Chile, 4 medalhas de prata e 2 de bronze; Cuba, 1 medalha de prata; o Panamá, 2 medalhas de bronze; e a Venezuela e Porto Rico 1 medalha de bronze, cada um.

Mesmo no cenário latino-americano, portanto, os resultados da participação do Brasil eram sensivelmente inferiores ao dos argentinos e mexicanos. E, não é demais repetir, graças ao exemplo isolado de Adhemar Ferreira da Silva é que conseguimos resultados pouco superiores ao dos chilenos e uruguaios

1 — 1948: O BASQUETEBOL E OUTRAS AVENTURAS

Superada a guerra, que impediu a realização das Olimpíadas de 1940 e de 1944, o esporte do Brasil concorreu aos Jogos de Londres com representação formada de 74 atletas para competir em atletismo, natação, basquete, iatismo, box, hipismo, esgrima, pentatlo moderno, remo e tiro.

Flagrante da vitória do Brasil sobre os vice-campeões europeus, os húngaros.



Felizmente, a imagem esportiva brasileira melhorava substancialmente no cenário internacional, motivada, de um lado, pelo fato de o futebol classificar-se em 3.º lugar no Campeonato Mundial, realizado na França em 1938, e ao conquistar, em atletismo, na cidade de Lima, em 1939, o título de campeão sul-americano. Devem ser somados a esses feitos a criação, em 1939, da Escola Nacional de Educação Física e Desportos e a criação do Conselho Nacional de Desportos, em 1941.

Como conseqüência, a delegação brasileira compareceu em Londres apoiada em bases mais organizadas, daí a obtenção de resultados relativamente animadores: 3.º lugar em basquete; 5.º lugar no salto triplo; 6.º lugar nos 200 metros nado de peito, masculino; 5.º lugar nos 400 metros nado livre, feminino; 6.º lugar no revezamento de 4 X 100 metros - nado livre - feminino e 8.º lugar no revezamento de 4 X 200 metros - nado livre - masculino.

Pondo por terra as opiniões desfavoráveis, surpreendendo mesmo os mais otimistas, a representação de basquetebol do Brasil foi a que maior destaque teve na equipe nacional, motivando as mais favoráveis apreciações da imprensa e dos observadores de todo o mundo. Vencendo, uma a uma, as equipes adversárias, chegou à final para, finalmente, conquistar a medalha de bronze.

A conduta da equipe brasileira, possivelmente, teria sido melhor ainda, se o conjunto dispusesse de reservas suficientes para compensar o desgaste dos jogos que se realizaram sucessivamente. Apenas dez elementos integravam a equipe: Evora, Marson, Alexandre, Marcos, Massenet, Pacheco, Alfredo, Brás, Ruy e Algodão.

São interessantes as observações publicadas em jornais e revistas da época, a respeito da equipe brasileira de basquetebol. O Esporte Ilustrado, por exemplo, assim noticiou o embarque da delegação:

“Embarcaram sábado último com destino à Londres, os “scratchmen” olímpicos de basquetebol.

Sabemos perfeitamente que os elementos que integram a nossa seleção não representam, em absoluto, a força máxima do basquetebol nacional. Todos aqueles ligados ao esporte da cesta não desconhecem que, se os nossos dirigentes quizessem, poderíamos levar algo de melhor.

Infelizmente, este ritmo de acomodações e preferências já não pode ser abandonado, porque representa uma tradição...

Todavia, o nosso feito de brasileiro — cordato e unido em todo o caráter de competição internacional — não permitirá, sobretudo, que desprezemos espiritualmente os nossos irmãos que, em terras estranhas, neste grande campo de observação que é a XIV Olimpíada, buscando a experiência e a aprendizagem para as nossas cores em competições futuras...”

Até depois do resultado, a mesma revista publicou um artigo do jornalista Saldanha Marinho, sob o título “A Verdadeira História dos Triunfos Cestobolísticos”, onde uma tese curiosa é defendida:

“Vamos contar uma história curta, que não chega a cacetear e que reúne toda a expressão e o mais alto grau atingido pelo nosso basquetebol.

É simples. Muito simples mesmo. Vejamos. Não há um brasileiro que desconheça os feitos meritórios que a rapaziada do nosso basquetebol vem realizando em Londres. Sim. 6 jogos (até quando escrevemos) e 6 expressivas vitórias. Uma contra os campeões da Europa, a Hungria; outra contra os campeões invictos sul-americanos, os uruguaios; outra contra o país-sede das Olimpíadas, a Inglaterra; outra contra o vice-campeão olímpico, o Canadá; outra contra a Itália, e outra contra os tcheco-eslovacos, vice-campeões europeus. Mas existem, igualmente outros brasileiros que estão intrigados com esta série de vitórias no estrangeiro, numa competição de tamanha envergadura.

Não é difícil se ouvir, a cada momento, um diálogo na rua, mais ou dessa natureza: “Como se explica a derrota desses mesmos homens, em nossa casa, no último Sul-Americano, diante desta brilhante jornada na casa dos outros?”.

Alguém, procurando justificar, responde: É que no Sul-Americano não contamos com o concurso dos paulistas. Sem dúvida que os bandeirantes vêm cooperando eficientemente para a vitória do Brasil em Londres, nesta modalidade de esporte. Mas a verdade manda que se diga que a história é muito outra. Sim, a história, a velha História de tudo e de todos.

Como está provado, o nosso basquetebol atingiu um nível técnico dos mais elevados. Todavia, os seus integrantes — aí começa a história — só jogam

desmascarados. Se atarracharem a máscara, pronto! Quebra todo o maquinismo do nosso jogo.

Em 1939, os brasileiros levantaram o título de campeões sul-americanos. Em Montevidéu, com a máscara de campeões, nada fizeram. Nem formaram. Aí, então, perderam a máscara. Sem máscara, foram para Guayaquil e, quando menos se esperava, eis que conseguem o título de campeões sul-americanos invictos, até então inédito.

Veio o Sul-Americano do Rio de Janeiro, de tristes recordações. E com a máscara de invictos e com o "handicap" de jogarem em casa, perderam o título — o título que até então era inédito. E com o título perderam também a máscara.

Seguiram, portanto, desmascarados para Londres. Dando um colorido real à nossa história, eis a significativa campanha que eles vêm cumprindo, apesar da confiança que lhes faltava. Eis, portanto, a demonstração do nosso ótimo índice técnico. Eis a prova cabal de que a máscara era o nosso mais sério adversário".

A. A COMPETIÇÃO DE BASQUETEBOL

Os vintes e três países competidores foram divididos em quatro grupos preliminares.

Incluída no Grupo "A", a equipe do Brasil enfrentou inicialmente a da Hungria, vencendo por 45 X 41, com Algodão marcando 15 pontos.

O segundo jogo deu-se contra o Uruguai. Os orientais apresentavam-se como os campeões sul-americanos do ano anterior, em cujo certame haviam derrotado os brasileiros. Apesar da luta transcorrer extremamente movimentada, os brasileiros triunfaram marcando 36 pontos contra 32.

Era o segundo triunfo nacional e a atmosfera de desconfiança começava a modificar-se para dar lugar a uma sensação de expectativa.

A terceira partida deu-se contra a representação da Inglaterra que foi vencida com grande facilidade por 76 contra 11.

Já então o quadro pessimista modificara-se e o entusiasmo dos esportistas brasileiros era revelado através do noticiário dos jornais que exaltavam a atuação dos nossos jogadores. Este entusiasmo se acentuou após a quarta partida, contra o Canadá, cuja equipe fora vice-campeã dos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim. O Brasil triunfou, marcando 57 pontos a 35.

Realizando seu último jogo entre os concorrentes do Grupo "A", o Brasil derrotou a Itália por 47 X 31, terminando invicto na liderança de sua chave.

Os dois primeiros colocados de cada conjunto formaram um grupo de finalistas, onde as oito equipes disputaram uma série de partidas eliminatórias.

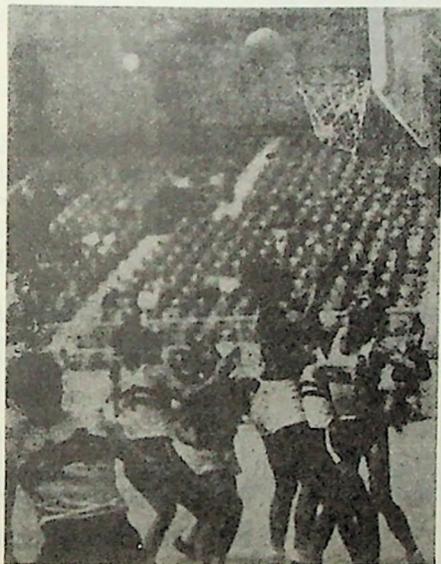
Na primeira série, correspondente às quartas-de-final, os Estados Unidos derrotaram o Uruguai (63 X 28), o México bateu na Coréia (43 X 32) e a França prevaleceu,

após uma partida difícil contra o Chile (53 X 52).

Enfrentando a representação da Tcheco-Eslováquia que concorria prestigiada pelo título de campeã da Europa, a equipe brasileira encontrou muita facilidade para finalizar com a vitória de 28 pontos contra 23. Esse êxito foi o produto da soma de grandes esforços, pois o primeiro tempo havia terminado a favor da Tcheco-Eslováquia, por 13 pontos contra 10. Nossa vitória foi acolhida com justificado entusiasmo, já que chegávamos invictos à fase semi-final do certame olímpico.

Nas semi-finais, o Brasil enfrentou a França, sendo vencido por 43 X 33, enquanto os Estados Unidos batiam o México marcando 71 pontos contra 40.

A final foi realizada, portanto, entre Estados Unidos e França, cabendo à representação do primeiro daqueles países a vitória e, conseqüentemente, o título de campeão olímpico, graças ao resultado final 65 a 21.



Cesta do Brasil em sua vitória mais expressiva: 76 X 11 sobre a Inglaterra.

O terceiro posto, correspondente à medalha de bronze, foi disputado entre o Brasil e o México, cabendo a vitória aos nossos, por 52 X 47.

Foi, sem nenhum favor, uma jornada gloriosa do basquetebol brasileiro que terminou o certame com o saldo de 7 vitórias contra apenas uma derrota.

O cestinha da equipe brasileira foi Alfredo da Mota, que participou de todas as partidas e marcou 115 pontos. Seguiram-se Algodão, com 65 pontos, Brás (44), Massenet (44) e Pacheco (38).

B. ATLETISMO

100 METROS RASOS — HOMENS

Participaram 66 atletas de 34 nações e, entre eles, estavam 3 brasileiros. Hêlio Coutinho da Silva foi desclassificado nas eliminatórias, mas Ivan Zanoni Hauser (10,9s) e Haroldo Pereira da Silva (10,6s) passaram para as quartas-de-final. Ai, onde já participavam apenas 24 competidores, ambos chegaram em 4.º lugar em suas respectivas séries.

200 METROS RASOS — HOMENS

Mais uma vez o Brasil inscreveu 3 atletas, entre os 50 participantes. Todos eles ultrapassaram as eliminatórias: Haroldo Pereira da Silva (21,9s), Rosalvo da Costa Ramos (22,2s) e Ivan Zanoni Hausen (23,2s). Nas quartas-de-final, os 24 competidores foram divididos em 4 séries de 6 atletas, com os 3 primeiros de cada série se classificando. Costa Ramos (6.º na 1.ª série) e Zanoni Hausen (4.º na 4.ª série) não se classificaram, mas Haroldo Pereira da Silva (3.º na 3.ª série, com 22,0s) passou às semi-finais, onde chegou em 4.º lugar na 1.ª das duas séries.

400 METROS RASOS — HOMENS

Rosalvo da Costa Ramos foi o representante brasileiro nesta prova, que teve 53 participantes. Ultrapassou a fase eliminatória (49,2s) e a quarta-de-final (48,7s). Na semi-final, registrou 49,1s, tendo ficado em 10.º lugar na classificação geral. Bom resultado.

SALTO TRIPLO — HOMENS

29 atletas participaram, dos quais 13 ultrapassaram o índice mínimo de 14m50. Na final, o Brasil obteve a 5.ª colocação, com Geraldo de Oliveira (14m82) e a 11.ª, com Hêlio Coutinho da Silva (14m31). Nossos dias no salto triplo estavam começando...

REVEZAMENTO 4 X 100 — HOMENS

A equipe do Brasil formada por Costa Ramos, Coutinho da Silva, Zanoni Hausen e Pereira da Silva — chegou em 3.º em sua série, com 42,4s, não se classificando para a final.

100 METROS RASOS — MOÇAS

Benedita de Souza Oliveira, Elizabeth Clara Müeller e Helena Cardoso de Menezes estavam entre as 38 participantes, mas nenhuma se classificou para as semi-finais. O único tempo registrado foi o de Helena Cardoso de Menezes (13,2s).

200 METROS RASOS — MOÇAS

Nenhuma das 3 brasileiras inscritas se classificou. Lucila Pini registrou o melhor tempo das brasileiras (27,6s), que incluíam, ainda, Helena Cardoso de Menezes e Melânia Luz.



*Geraldo de Oliveira,
precursor dos
nossos grandes
saltadores.*

SALTO EM ALTURA — MOÇAS

Elizabeth Clara Müller, com 1m40, colocou-se em 17º lugar, entre 19 competidoras.

SALTO EM DISTÂNCIA — MOÇAS

Gertrudes Morg não conseguiu atingir o índice mínimo de 5m30, sendo desclassificada.

ARREMESSO DE PESO — MOÇAS

Elizabeth Clara Müller também não ultrapassou o índice mínimo de 12m30.

REVEZAMENTO 4 X 100 — MOÇAS

O Brasil com Benedita de Souza Oliveira, Lucila Pini, Melânia Luz e Gertrudes Morg, tendo obtido o tempo de 49,0s, não se classificou para a final. Havia 10 equipes participantes e o tempo brasileiro foi superior ao das equipes da Áustria e do Chile.

C. PUGILISMO

O Brasil competiu com 3 boxeadores. Manoel Francisco do Nascimento foi eliminado na 1ª rodada dos pesos-galo, pelo húngaro T. Csik, que acabaria obtendo a medalha de ouro. Nos pesos leves Ralf Benedito Zumbano derrotou, na 1ª rodada, o luxemburguês Elminger, por nocaute; na 2ª rodada, bateu o francês Caulet, por

pontos; mas na 3ª rodada foi nocauteado pelo americano W. Smith. Vicente Antônio dos Santos, competindo no peso pesado, perdeu por pontos para o americano E. Lambert, ainda na 1ª rodada.

D. HIPISMO

A equipe brasileira, chefiada pelo, na época, Coronel Amaury Krueel, obteve um excelente resultado no Evento de Três Dias, com a sétima colocação alcançada pelo Capitão Aécio Morrot Coelho, montando Guapo. No Prêmio das Nações, obtivemos a 10ª colocação, com o Tte. Coronel João Francisco Pontes, montando Itaguaí.

E. ESGRIMA

Na prova individual de florete, Omino Scianaméa foi facilmente desclassificado na 1ª rodada, mas Ferdinando Ludovico Alessandri ultrapassou esta etapa, ao se colocar em 3º na 4ª série, com 5 vitórias. Na 2ª rodada, Alessandri foi desclassificado, com 6 derrotas em 6 lutas.

Na prova individual de espada, Miguel Biancalana classificou-se na 2ª série da 1ª rodada. Fortunato de Barros Camargo e Henrique de Aguiar Valim não obtiveram classificação. Biancalana ultrapassou, também, a 2ª rodada, só sendo desclassificado nas semi-finais. Seu resultado final equivaleu ao 14º lugar, entre 66 competidores. Na prova por equipes, o Brasil perdeu para a Itália (2 X 14) e para Grã-Bretanha (6 X 8), sendo desclassificado na 1ª rodada.

No sabre, competiu Estevam Molnar, que ultrapassou a 1ª rodada, mas foi eliminado na 2ª.

F. PENTATLO MODERNO

O Brasil participou com 3 atletas, em um campo de 45 competidores. Nosso melhor representante foi o 1º Tenente Acélio Morrot Coelho, que se classificou em 30º lugar, embora tenha obtido a primeira colocação na prova de esgrima. O Capitão Aloysio Alves Borges terminou em 38º e o Capitão Hamilton Soares Berford em 43º.

G. REMO

O Brasil inscreveu um 2 sem patrão, com Percio Zancani e Paulo Diebold. Este barco venceu a 4ª série eliminatória, sobre a Bélgica e a França, em 7min 33,1s; na semi-final, entretanto, fracassou (8min 18,6s), tendo ficado em 7º lugar na classificação geral, entre 24 participantes.

H. TIRO

As publicações oficiais brasileiras não fazem menção à participação do Brasil nos

campeonatos de tiro. Os registros oficiais publicados pelos organizadores do evento, entretanto, assinalam a presença dos atiradores brasileiros.

Na prova de carabina — 50 metros — onde participaram 71 atiradores, A. Guimarães obteve a 13.^a colocação; A. Braga colocou-se em 28.^o e J. Pinto de Faria em 45.^o.

Já no campeonato de pistola, S. Ferreira e A.J. dos Santos finalizaram na 28.^a e na 31.^a posições, respectivamente, entre 50 competidores.

No Tiro Rápido, finalmente, entre 59 participantes, R. Simão colocou-se em 30.^o lugar, A.J. dos Santos em 34.^o e A. Sobocinsky em 56.^o.

I. NATAÇÃO

100 METROS, NADO LIVRE — HOMENS

41 nadadores tomaram parte e, entre eles, 3 brasileiros: Plauto de Barros Guimarães (1min. 03,75s) e Sérgio de Alencar Rodrigues (1min. 01,6s), que não se classificaram para as semi-finais; e Aram Boghossian (1min. 00,9s) que se classificou. Este último, obteve 1min 01,0s na 1.^a série semi-final, tendo terminado em 14.^o lugar na classificação geral.

1.500 METROS, NADO LIVRE — HOMENS

Rolf Egon Kestener estava entre os 39 participantes, tendo se classificado para as semi-finais com 20min 36,3s. Nesta etapa, entretanto, piorou seu tempo para 20min 44,6s, e teve se contentar com a 14.^a colocação.

200 METROS, NADO DE PEITO — HOMENS

Nesta prova, pela primeira vez, um nadador brasileiro conseguiu se classificar para uma final olímpica. Willy Otto Jordan venceu a 3.^a série classificatória (2min 46,4s) e chegou em 2.^o na 1.^a série semi-final (2min 43,9s). Na final, registrou 2min 46,4s e terminou em 6.^o lugar, excelente resultado.

100 METROS, NADO DE COSTAS — HOMENS

Três brasileiros faziam parte do campo formado por 39 competidores, e todos passaram para a fase semi-final: Paulo W. da Fonseca e Silva (1min 10,0s), Hélio de Oliveira e Silva (1min 10,5s) e Ilo Monteiro da Fonseca (1min 11,9s). Nas semi-finais, todos eles foram eliminados, tendo Paulo W. da Fonseca e Silva ficado em 9.^o na classificação geral (1min 10,1s) e Ilo Monteiro da Fonseca em 15.^o (1min 11,6s).

REVEZAMENTO 4 X 200m, NADO LIVRE — HOMENS

A equipe brasileira foi formada por Sérgio de Alencar Rodrigues, Willy Otto Jordan, Aram Boghossian e Rolf Egon Kestener. Ela classificou-se para a final, ao obter 9min 19,9s; ali, entretanto, esmoreceu e ficou com a 8.^a colocação (9min 31,0s).

100 METROS LIVRES — MOÇAS

Eleonora M.J. Schmidt (1min 10,8s) e Maria Angélica Leão da Costa (1min 16,0s) foram desclassificadas nas séries eliminatórias. Piedade Coutinho, entretanto, ainda em forma 12 anos depois de sua brilhante atuação em Berlim, registrou 1min 08,5s, e progrediu para as semi-finais. Ali, tendo registrado 1min 09,5s, foi desclassificada, tendo se colocado, na classificação geral, em 13º lugar.

400 METROS LIVRES — MOÇAS

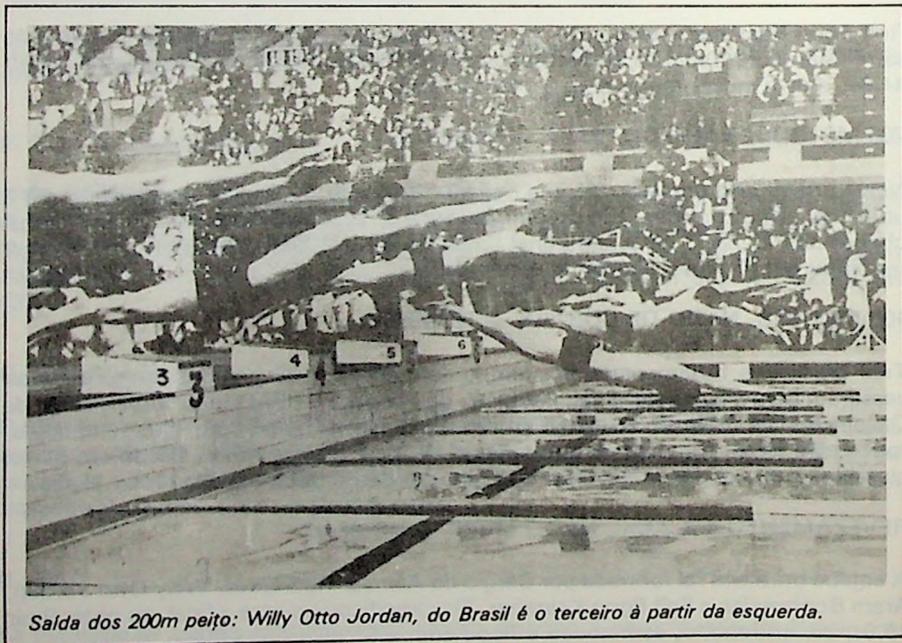
Piedade Coutinho foi a única competidora brasileira, entre as 19 inscritas. Venceu a 3ª série eliminatória (5min 30,2s); colocou-se em 3º na 1ª série semi-final (5min 31,1s) e, na final, classificou-se em 5º, com 5min 29,4s. Ela havia repetido sua classificação de Berlim 12 anos depois!

100 METROS DE COSTAS — MOÇAS

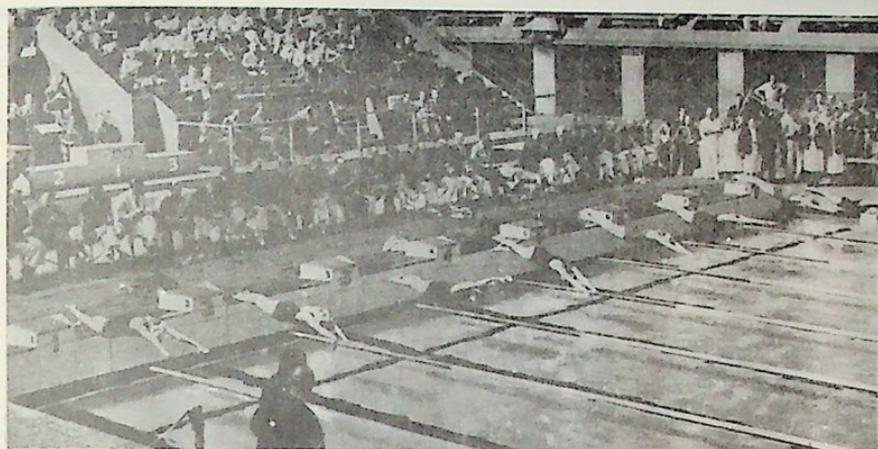
Edith Groba foi a representante do Brasil. Registrou 1min 22,5s., na 4ª série eliminatória, não conseguindo se classificar.

REVEZAMENTO 4 X 100 METROS, LIVRES — MOÇAS

A equipe do Brasil formou com Eleonora Schmidt, Maria Angélica Leão da Costa, Talita Rodrigues e Piedade Coutinho, Classificando-se para a final, terminou obtendo a 6ª colocação, com o tempo de 4min 49,1s.



Salda dos 200m peito: Willy Otto Jordan, do Brasil é o terceiro à partir da esquerda.



Partida dos 400m livres, moças: a brasileira Piedade Coutinho é a última à direita.

J. SALTOS ORNAMENTAIS

Na prova de trampolim, que contou com 26 participantes, Milton Busin colocou-se em 11º lugar e Gunnar Kemnitz em 21º.

Na competição de plataforma, Haroldo Mariano ficou com o 16º posto, entre 25 competidores.

K. IATISMO

O Brasil participou em 3 classes.

No Star, o barco brasileiro foi o Buscapé II, liderado por João José Bracony e com a tripulação selecionada a partir de Carlos de Melo Bittencourt Filho, Ernani Rocco de Paula Simões e Mario Rocco de Paula Simões. A colocação final da equipe foi a 14ª, à frente da Suíça, da Argentina e da Suécia.

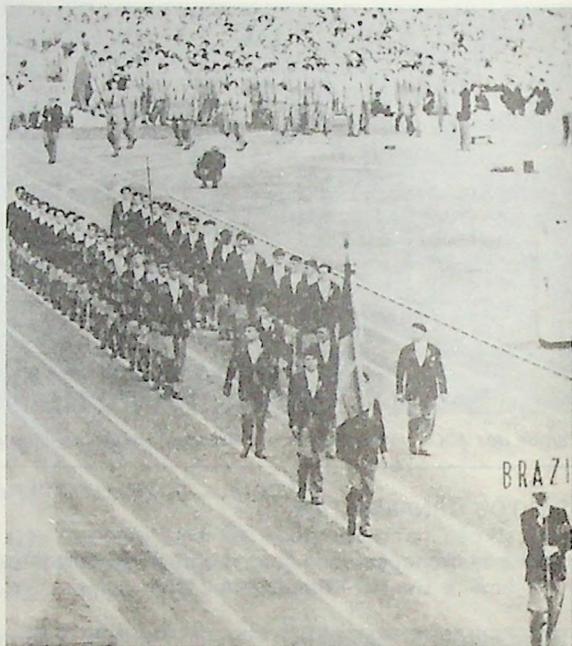
Na classe Swallow, o Brasil obteve o 10º lugar, entre 14 competidores, com o barco Andorinha, de Victório dos Reis Ferraz e Carlos Borchers.

Na classe Firefly, finalmente, Walter Von Hutschler obteve a 11ª colocação, entre 21 países.

2. GATO PRETO EM CAMPO DE NEVE

Pela primeira vez na história do esporte brasileiro, foi possível a constituição de uma delegação representativa de nosso País com antecedência, circunstância que facilitou a complementação de todas as providências de ordem geral.

A delegação brasileira desfilando.



O certame que se realizou na Capital da Finlândia, caracterizou-se pelo alto rendimento técnico registrado, permitindo assinalar a superação de inúmeros recordes olímpicos e mundiais, inclusive quanto ao número de participantes que alcançou o expressivo índice de 4.925 atletas, representando 69 países.

A equipe brasileira foi a maior até então registrada nos Jogos Olímpicos: 105 atletas distribuídos em 14 modalidades esportivas.

Ausente do "podium" dos campeões desde 1920, em Antuérpia, devido à atuação brilhante da representação de tiro, nosso País volta a ocupá-lo no atletismo, graças ao resultado obtido por Adhemar Ferreira da Silva na prova do salto triplo, assinalando, além da vitória em si, os recordes olímpico e mundial.

A presença brasileira não ficou restrita à extraordinária conquista do salto triplo. Numerosas classificações secundárias, entre os 10 melhores do mundo, serviram para evidenciar o esforço de nosso País no sentido de uma evolução em favor da qual vinham somar-se o entusiasmo e a dedicação de esportistas devotados.

Destaques especiais foram os medalhistas de bronze; José Telles da Conceição (salto em altura) e Tetzuo Okamoto (1.500 metros, nado livre); mas devem ser citados, também especialmente, Ary Façanha de Sá (4º lugar na Prova das Nações — Hipismo) e Milton Busin (6º lugar, nos saltos ornamentais).

Outros resultados salientes foram obtidos por Geraldo de Oliveira (7º lugar no salto triplo); por Wanda dos Santos (10º lugar, com excelente índice, nos 80 metros com barreiras); pela equipe de Hipismo (4º lugar, por equipes, na Prova das Nações); por Severino Moreira (7º lugar, no Tiro); pelos nossos iatistas (7º lugar na classe Dragão e 9º na classe Finn); pela equipe de Futebol (classificada entre as 8 finalistas) e pela equipe de Basquetebol, 6ª do mundo.

A seguir, serão apresentados os resultados discriminados por esporte.

A. ATLETISMO

400 METROS RASOS

Argemiro Roque não consegue passar das eliminatórias, onde registra o tempo de 48,9 segundos, equivalente a uma 32ª colocação, entre 71 competidores.

800 METROS RASOS

Argemiro Roque obtém o tempo de 1min 54,1s, sendo desclassificado na 1ª rodada.



Adhemar Ferreira da Silva junto à marca de seu recorde mundial.

400 METROS COM BARREIRAS

Wilson Gomes Carneiro classifica-se na 1.^a rodada, com um 2.^o lugar na 7.^a série (56,0s). Na 2.^a rodada, fracassa e tirá último na 3.^a série (59,4s).

SALTO EM ALTURA

José Telles da Conceição obtém a primeira medalha de bronze do atletismo brasileiro, em todos os tempos com a marca de 1m 98s.

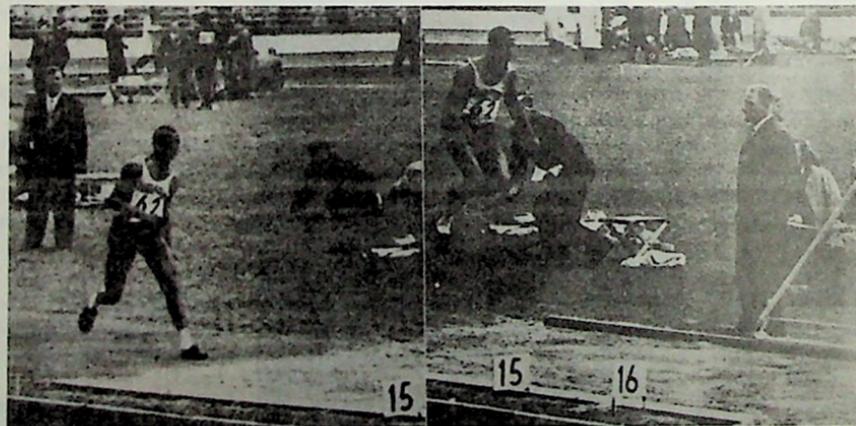
SALTO EM DISTÂNCIA

Ary Façanha de Sá, com 7m23, obtém um extraordinário 4.^o lugar, a 7cm do terceiro, o húngaro Foldesi. Geraldo de Oliveira, também inscrito, não obtém classificação para a final. Sua marca de 6m71 equivaleria a uma 23.^a colocação, entre 27 competidores.

SALTO TRIPLO

Adhemar Ferreira da Silva havia se iniciado no salto triplo em 1946. Na época, ele tinha 18 anos e praticava sem maior sucesso várias modalidades de atletismo no São Paulo Futebol Clube — sua melhor colocação em competições havia sido um sexto lugar no salto em distância. Na nova modalidade, que lhe foi introduzida por Ewald Gomes da Silva, ele começaria a carreira de um dos maiores campeões olímpicos que o mundo já viu.

Três dias depois de seu primeiro treinamento, ganhou uma competição entre São Paulo e Floresta. Saltou 13m05, uma marca espantosa, já que nenhum estreante brasileiro conseguira ultrapassar 11 metros na tentativa inicial.



Adhemar Ferreira da Silva em dois momentos do seu salto recorde.



O brasileiro José Telles da Conceição sendo cumprimentado por um dirigente, após receber a medalha de bronze no salto em altura.

Mais 15 dias e Adhemar chegaria a 13m98. E atingiria 14m22 em menos de um mês.

Após uma participação discreta nos Jogos Olímpicos de Londres, Adhemar continuou a evoluir, sempre treinado pelo técnico Dietrich Gerner — um alemão naturalizado brasileiro que sempre o orientou dentro e fora da pista — Adhemar conseguiu saltar 15m51, em 1949. Bateu o recorde brasileiro e o recorde sul-americano — que fora alcançado por um argentino quatro anos antes de seu nascimento. Foi a melhor marca obtida no mundo inteiro, naquele ano.

Ele estava pronto para saltos maiores. Em 1950, igualou o recorde mundial (16m00) e em 1951, superou-o (16m01) no campo do Fluminense. Só lhe faltava a medalha de ouro.

Esta, finalmente, foi colocada no seu peito na tarde de 23 de julho de 1952, em Heksinki. Naquele dia, Adhemar bateu o quatro vezes o recorde olímpico e mundial: 16m05, 16m09, 16m12 e 16m22.

Nesta mesma prova, Geraldo de Oliveira classificou-se em 7º lugar — outro excelente resultado — com 14m95 — e José Telles da Conceição ficou no 17º posto (eram 35 participantes), com 14m46.

MULHERES

100 METROS RASOS

Helena Cardoso de Menezes é eliminada na 1.^a rodada (12,5s).

200 METROS RASOS

Deise Jurdelina de Castro também não ultrapassa a 1.^a rodada, mas seu tempo de 25,0s. é o décimo melhor entre as 38 participantes da rodada.

80 METROS COM BARREIRAS

Wanda dos Santos classifica-se em 2.^o na 6.^a série eliminatória (11,3s). Na semi-final, obtém 11,4s. e se desclassifica. Apesar de tirar 10.^o na prova, seu tempo é excelente e, de fato, seria suficiente para a quinta colocação, na final.

SALTO EM DISTÂNCIA

Duas brasileiras estão inscritas entre as 34 participantes; ambas ultrapassam o índice mínimo de 5m30 e se classificam para a final. Ali, Wanda dos Santos obtém a 21.^a colocação (5m36) e Helena Cardoso de Menezes a 24.^a.

SALTO EM ALTURA

Deise Jurdelina de Castro classifica-se em 12.^o lugar (17 participantes) com 1m50.

B. PUGILISMO

PESO—PENA

Pedro Galasso bate o japonês Ishimaro (3 X 0), mas na 2.^a rodada é derrotado pelo polonês Drogosz (3 X 0).

PESO—MEIO—MÉDIO LIGEIRO

Celestino Pinto é eliminado na 1.^a rodada pelo venezuelano Carrizales (2 X 1).

PESO MÉDIO LIGEIRO

Alexandre Dib é nocauteado pelo dinamarquês Jorgensen — que seria semifinalista — no 2.^o round da 1.^a rodada.

PESO MEIO—MÉDIO

Paulo de Jesus Cavalheiro estréia já na 2.^a rodada e vence o sueco Danielsson por K.O no 2.^o round. Na terceira rodada, ele perde por pontos (3 X 0) para o russo Tishin.

PESO MÉDIO

Nelson Paulo Andrade vence o húngaro Plachy na 1ª rodada (2 X 1), mas é derrotado, por desclassificação, para o rumeno Tita, na 2ª rodada.

PESO MEIO—PESADO

Lúcio Grotone bate, por pontos, o norueguês Lingas (2 X 1) e é derrotado, na 2ª rodada, pelo argentino Pacenze (3 X 0), que seria o medalhista de prata.

C. ESGRIMA

ESPADA — Equipes: O Brasil (Dario Marcondes do Amaral, Cesar Pekelman, Walter Augusto Cesar de Paula e Hélio de Araújo Vieira) é derrotado pela Hungria (14 X 1) e pela Suíça (8 X 2). Na competição individual, Marcondes do Amaral (4 vitórias) e de Paula (3 vitórias) são eliminados na 1ª rodada, mas Cesar Pekelman (4 vitórias) classifica-se para a 2ª. Ali, com 3 vitórias, fica em 6º na sua série e não passa às semi-finais.

SABRE — Etienne Molnar (4 vitórias) é desclassificado na 1ª rodada.

D. HALTEROFILISMO

Silvino Robin, competindo na categoria meio-pesado, obtém a 16ª colocação, entre 22 participantes, com 345kg.

No campeonato dos pesos pesados, Bruno Barabani fica em 14º lugar (20 concorrentes), com 355kg.

E. HIPISMO



*Eloy de Oliveira Meneses
ultrapassa um obstáculo,
montando Biguá.*

No Evento dos Três Dias, Péricles de Souza Cavalcanti (Destino) não se classifica. Mas o Brasil obtém uma grande colocação na Prova das Nações, com o 4.º lugar de Eloy Massey de Oliveira Menezes, montando Biguá. Reynildo Ferreira (Bibelot) e Álvaro Dias de Toledo (Eldorado) classificaram-se em 23.º e 32.º respectivamente, obtendo o Brasil — com estes 3 cavaleiros — a 4.ª colocação na competição por equipes, em notável desempenho.

F. PENTATLO MODERNO

Participam 51 competidores, de 19 nações. Eduardo Leal de Medeiros classifica-se em 10.º lugar, com uma notável atuação na natação (2.º lugar) e no tiro (5.º). Aloysio Alves Borges coloca-se no 21.º posto e Eric Tinoco Marques no 29.º.

G. REMO

O Brasil participou apenas da prova de Dois com patrão, com João Arruela Maio, Harry Mosé e F. Furtado (patrão). Na eliminatória, este barco tirou último na sua série (8min. 19,0s.). Na repescagem, fracassou novamente, apesar de ter melhorado seu tempo para 8min. 05,5s.

H. TIRO

PISTOLA LIVRE — 48 participantes, de 28 nações.

Jorge Mesquita de Oliveira: 19.º lugar; 522 pontos

Álvaro José dos Santos Jr.: 33.º lugar; 513 pontos.

SILHUETA (pistola de tiro rápido, a 25 metros): 53 participantes.

Guilherme Vieira Cavalcanti: 28.º lugar; 547 pontos.

Pedro Simão: 38.º lugar; 543 pontos.

CARABINA: 32 participantes de 18 nações.

Alberto Pereira Braga: 27.º lugar; 962 pontos.

Antonio Martins Guimarães: 31.º lugar; 932 pontos.

CARABINA DE PEQUENO CALIBRE: 58 participantes de 32 nações.

Severino Moreira: 8.º lugar; 398 pontos.

Harvey Dias Villela: 48.º lugar; 385 pontos.

CARABINA DE PEQUENO CALIBRE: 3 POSIÇÕES: 44 participantes.

Severino Moreira: 27.º lugar; 1122 pontos.

Harvey Dias Villela: 32.º; 1113 pontos.

I. VELA

CLASSE DRAGÃO: 17 países competiram; o barco brasileiro foi o Escapade tripulado por Wolfgang E. Richter, Peter Mangels e Francisco A. Felice, que obteve a 7.ª colocação.

CLASSE STAR: 21 países competidores. O Brasil concorreu com o barco BU III, tripulado por Tacariju Thomé de Paula e Cid de Oliveira Nascimento, que terminou

no 12º posto.

CLASSE FINN: Alfredo Jorge Ebling Bercllet estava entre os 28 participantes, tendo se classificado em 9º lugar.

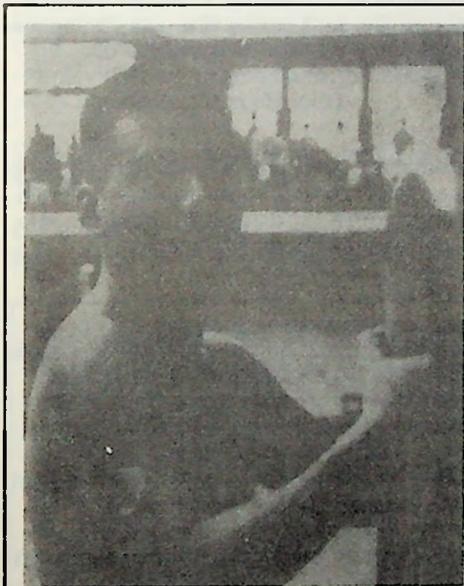
J. NATAÇÃO

100 METROS, NADO LIVRE — HOMENS

61 participantes, de 33 países. Haroldo Melo Lara (1min. 01,2s) e Aram Boghossiam (1min. 02,0s) não se classificaram para as semifinais.

400 METROS, NADO LIVRE — HOMENS

51 participantes, de 29 países. Ricardo Capanema é eliminado nas séries de classificação (5min. 09,5s.), mas Tetzuo Okamoto (4min. 46,1s.) passa para as semifinais — onde, na 3ª série, fica em 4º lugar. Seu tempo de 4min. 46,2s. equivale ao 11º lugar, nesta prova.



Tetzuo Okamoto, o único a conseguir medalha para o Brasil na natação, com o 3º posto nos 1.500 metros.

1.500 METROS, NADO LIVRE — HOMENS

37 participantes, de 22 países Sylvio Kelly dos Santos (19min. 26,8s) não se classifica, ficando em 15º lugar. Tetzuo Okamoto, depois de se classificar com 19min. 05,6s., obtém a medalha de bronze, na final, com 18min. 51,3s. É a primeira medalha da natação brasileira.

100 METROS, NADO DE COSTA — HOMENS

38 participantes, de 25 países. Dois brasileiros inscritos passam às semifinais. Fernando Pavan (1min. 09,1s.) e João Gonçalves Filho (1min. 09,7s.), enquanto o terceiro, Ilo Monteiro da Fonseca perde sua chance. Depois de obter 1min. 09,9s. na sua série, ele é batido, no desempate para a última vaga, pelo britânico Wardrop, apesar do seu tempo de 1min. 09,5s. Nas semifinais, ambos os brasileiros são eliminados. João Gonçalves Filho, com 1min. 09,7s., fica com a 11ª colocação; Fernando Pavan com 1min. 10,2s., com a 13ª.

200 METROS, NADO DE PEITO — HOMENS

40 participantes, de 27 nações. Octávio Mobiglia (2min. 46,1s.) e Ademar Grijó Filho (2min. 47,6s.) não se classificam para as semifinais.

REVEZAMENTO 4 X 200M, NADO LIVRE — HOMENS

A equipe do Brasil — formada por Haroldo Lara, Sylvio Kelly dos Santos, Aram Boghossian e João Gonçalves Filho — está entre as 17 inscritas. O tempo obtido na eliminatória (9min. 09,0s.) é superior, apenas, ao de 3 países (Canadá, Polônia e México).

400 METROS, NADO LIVRE — MOÇAS

A eterna Piedade Coutinho participa mais uma vez, após brilhar em Berlim (1936) e Londres (1948). Desta vez, ela se classifica (5min. 26,9s.), mas, ao registrar 5min. 28,5s. nas semifinais, não passa à final, ficando com a 13ª colocação. Ironicamente, suas marcas foram superiores às obtidas por ela nas outras Olimpíadas!

100 METROS, NADO DE COSTAS — MOÇAS

Edith Groba de Oliveira participa, junto com outras 19 competidoras. Ela não se classifica para a final, tendo obtido 1min. 20,0s., equivalente ao 13º lugar.

K. SALTOS ORNAMENTAIS

Milton Busin obtém, no trampolim, a 6ª colocação, com 155,91 pontos, em excelente atuação.

Na prova de plataforma, Arie Richard Hanitzsch coloca-se em 28º entre 31 competidores.

L. POLO AQUÁTICO

21 países participam da competição. A Argentina, no sorteio ganha um "bye" e os outros 20 países jogam uma dupla eliminatória. O Brasil perde da Espanha por 3 X 2, mas, ao vencer Portugal, na 2ª rodada por 6 X 2, assegura sua inclusão entre os 16 classificados.

Estes são divididos em 4 chaves. Ao Brasil cabe o Grupo D, juntamente com Bélgica, Espanha e África do Sul. Nos jogos deste grupo, perdemos todos os jogos: para a Bélgica, por 3 X 1; para a Espanha, por 6 X 4 e para África do Sul, por 9 X 2.

Participam da equipe brasileira: José Roberto Haddock Lobo (técnico), Samuel Scheimberg, Sérgio de Alencar Rodrigues, Mârvio Kelly dos Santos, Claudino Caiado de Castro, Daniel José Silli, Douglas de Souza Lima, Edson Perri, Henrique Melman, Leo Rossi, Jean Havelange e Lúcio Figueiredo.

M. BASQUETEBOL

23 países tomam parte: 10 (inclusive o Brasil) são pré-classificados e os outros jogam um torneio preliminar para classificar 6.

Os 16 países assim classificados são divididos em 4 grupos, para classificar 2 em cada grupo. O Brasil, no grupo 3, tem duas vitórias contra o Canadá (57 X 55) e contra as Filipinas (71 X 52) — e uma derrota, contra a Argentina (72 X 56), classificando-se.

Nas semifinais, o Brasil vai para o Grupo B, com Estados Unidos, União Soviética e Chile. O primeiro jogo, contra o Chile, é vencido facilmente (75 X 44), mas é a nossa última vitória no campeonato. Somos derrotados pela União Soviética (54 X 49) e pelos Estados Unidos (57 X 53).

Com a moral baixa, perdemos também para o Chile, na disputa pelo 5º lugar (58 X 49).

O Campeonato termina com a vitória americana, com a União Soviética em segundo. Depois, 4 sul-americanos: Uruguai, Argentina, Chile e Brasil.



*Basquete: cena do jogo
Brasil X Chile.*



O quadro de futebol brasileiro que disputou a Olimpíada, destacando-se os futuros campeões mundiais Vava (4.º da esquerda, agachado) e Zózimo (4.º da esquerda, em pé).

N. FUTEBOL

Dos 27 países inscritos, 5 são sorteados com "byes" na 1.ª rodada; os demais jogam uma partida eliminatória. Ao Brasil, cabe a Holanda, que vencemos facilmente por 5 X 1.

Nas oitavas-de-final, jogamos contra Luxemburgo, e vencemos de novo, por 2 X 1.

Nas quartas-de-final, com apenas 8 equipes restando, somos eliminados pela Alemanha, por 4 X 2. O campeonato será vencido pela extraordinária equipe húngara, que empolgou o mundo na Copa de 1954. Entre os seus "amadores", muitos nomes conhecidos, Grosits, Buzansky, Bozsik, Zakarias, Hidegkuti, Kocsis, Puskas, Czibor...

3. ADHEMAR, OUTRA VEZ!

O Brasil compareceu a Melbourne com uma representação reduzida, chefiada pelo Major Sylvio de Magalhães Padilha.

O grande destaque da equipe, mais uma vez, foi Adhemar Ferreira da Silva que, mantendo sua hegemonia mundial no salto triplo, conquistou sua segunda medalha de ouro.

Abstraindo este resultado, nossa atuação foi discreta, destacando-se, apenas, o 6º lugar de José Telles da Conceição, nos 200 metros rasos; o 6º lugar da equipe de basquetebol; o 7º lugar de Anésio Argenton, no ciclismo; e a 8ª colocação de Severino Moreira, no tiro.

Os resultados da participação brasileira são apresentados a seguir:

A. ATLETISMO

100 METROS RASOS — HOMENS

Participaram, pelo Brasil, Jorge Machado de Barros e João Pires Sobrinho que obtendo, respectivamente, 10s9 e 11s0 nas séries eliminatórias, não se classificaram para as quartas-de-final.



Final dos 200m rasos, aparecendo José Telles da Conceição (n.º 62).

200 METROS RASOS — HOMENS

João Pires Sobrinho, apesar do bom resultado de 21s6, foi eliminado. Passaram às quartas-de-final Machado de Barros (que correu um mano a mano com o japonês Akagi em que ambos se classificaram automaticamente, e marcou 22s2) e José Telles da Conceição que venceu sua série com 21s5. Nas quartas-de-final, Machado de Barros foi eliminado na 4ª série (23s7), mas Telles da Conceição, com 21s3, classificou-se para as semifinais. Esse grande atleta brasileiro, que já havia obtido a medalha de bronze em Helsinki, no salto em altura, e que sempre foi de grande versatilidade, ultrapassou as semifinais (21s3) e, na final, colocou-se em um muito honroso 6º lugar, com o tempo de 21s3.

400 METROS COM BARREIRAS — HOMENS

Ulysses Laurindo dos Santos obteve o tempo de 53s8 na 6ª série eliminatória e não logrou classificação para as semifinais.

REVEZAMENTO 4 X 100 — HOMENS

O Brasil participa com Ary Façanha de Sá, Jorge Machado de Barros, João Pires Sobrinho e José Telles da Conceição. Depois de ter passado às semifinais, com o tempo de 41s6, a equipe fracassou, tendo piorado o seu tempo para 43s8 e ficado em 12º lugar, no geral.

SALTO EM ALTURA — HOMENS

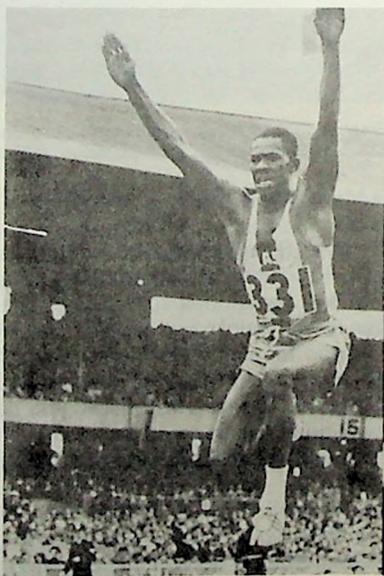
Dos 28 competidores, apenas 22 ultrapassaram o índice mínimo de 1m92 e se classificaram para as finais, na parte da tarde. José Telles da Conceição estava entre eles, mas, na final, conseguiu registrar apenas 1m86 e ficou em 21º lugar.

SALTO EM DISTÂNCIA — HOMENS

Apenas 12 dos 32 participantes ultrapassaram o índice mínimo de 7m15. Ary Façanha de Sá estava entre os eliminados, não tendo repetido sua ótima atuação de Helsinki.

SALTO TRIPLO — HOMENS

Adhemar Ferreira da Silva se firmou como um dos maiores atletas do mundo, ao repetir sua vitória de Helsinki. Desta vez ele salta 16m35, novo recorde olímpico, mas inferior à marca mundial, do próprio Adhemar (16m56, conquistado nos Jogos Pan-Americanos do México, em 1955).



Adhemar Ferreira da Silva, ao conseguir sua segunda medalha de ouro no salto triplo.



Adhemar Ferreira da Silva, ladeado por Kreer e Einarsson.

B. PUGILISMO

PESO GALO — Eder Jofre que seria posteriormente campeão mundial dos galos e, depois, dos penas, representou o Brasil neste campeonato. O nosso "Galo de Ouro" estreou na 2.^a rodada contra Theinmyint, de Burma, tendo vencido por pontos. Na 3.^a rodada, contudo, ele foi derrotado, também por pontos, pelo chileno Barrientos, que acabaria obtendo a medalha de bronze.

PESO MEIO—MÉDIO LIGEIRO — Celestino Pinto, tal como havia acontecido com Helsinki, é eliminado na 1.^a rodada. Desta vez ele perdeu, por pontos, para o austríaco Potesil.

C. CICLISMO

O único representante do Brasil foi Anésio Argenton. Ele fracassou inteiramente na prova de 1.000 metros "scratch", mas nos 1.000 metros contra o relógio, terminou em um honroso 7.^o lugar (1min. 12s7).

D. HALTEROFILISMO

Américo Ayala Ferreira competiu nos pesos leves e obteve a 14.^a colocação, entre 18 participantes, com 335 quilos.

Nos meios-pesados, Bruno Barabani ficou em 12.^o lugar (15 competidores), com 367,5 quilos.



Hasteamento da bandeira brasileira na Vila Olímpica.

E. PENTATLO MODERNO

Participaram 54 competidores, de 18 países. A melhor colocação, entre os brasileiros, foi obtida por Sávio da Costa Lemos (27º lugar, com 3.286 pontos). Wenceslau Malta ficou no 31º posto (3.133 pontos) e Nilo Jayme Ferreira da Silva teve que abandonar a competição, após a prova de Hipismo.

F. REMO

O Brasil participa da prova de 4 com patrão, com um barco formado por André Gustavo Richer, Ruy Kopper, Nelson Guarda, José de Carvalho Filho e Silvío Augusto de Souza (patrão). Os dez participantes são divididos em 3 séries e o Brasil se coloca em 3º na terceira série (7min. 13s9), à frente de Cuba. Na repescagem, fomos eliminados pela Finlândia que, na final, obterá a medalha de bronze.

G. TIRO

SILHUETA — 35 participantes, de 22 nações. Pedro Simão colocou-se em 16º lugar, com 561 pontos e Adhaurly da Costa Rocha obteve o 18º posto (556 pontos).

CARABINA DE PEQUENO CALIBRE — 3 POSIÇÕES: 44 participantes, de 28 nações.

Milton Sobocinski: 33º lugar; 1.115 pontos.

Severino Moreira: 37º lugar; 1.102 pontos.

CARABINA DE PEQUENO CALIBRE

Severino Moreira repetiu sua colocação de Helsink, ao se colocar em 8.º lugar, com 597 pontos.

Milton Sobocinski, com 594 pontos, ficou com o 20.º lugar, entre 44 participantes de 25 nações.

H. VELA

CLASSE DE 12 METROS — Nesta classe, que era incluída pela primeira vez no programa olímpico, o Brasil participou com o barco INCA, tripulado por Alfredo Jorge Ebling Bercht (timoneiro) e Rolf Fernando Bercht. O barco brasileiro terminou a série de 7 regatas no 10.º lugar, entre 13 participantes.

CLASSE FINN — Joaquim Roderbourg era um dos 20 participantes e se classificou em 17.º lugar.

I. NATAÇÃO

100 METROS, NADO LIVRE — HOMENS

Haroldo Lara competiu na 4.ª série eliminatória, onde ficou em 4.º lugar com 59s9, sendo desclassificado. Seu tempo equivale à 25.ª colocação, entre 34 participantes.

400 METROS, NADO LIVRE — HOMENS

Sylvio Kelly dos Santos fica em 5.º lugar, na 1.ª série eliminatória, com 4min. 38,8s, tempo insuficiente para passar à final e que significa o 23.º posto, entre 32 competidores.

100 METROS, NADO DE COSTAS — HOMENS

João Gonçalves Filho, com 1min. 07,9s, não consegue passar às semifinais, tendo ficado em 20.º lugar, entre 20 concorrentes.

200 METROS, NADO DE PEITO — HOMENS

Octavio Mobiglia foi desclassificado, por erro na virada, na 1.ª série eliminatória.

J. SALTOS ORNAMENTAIS

Fernando Telles Ribeiro participou da prova de trampolim, para homens, tendo se colocado em 23.º lugar, entre 24 competidores. Na prova de plataforma, para moças, Mary D. Proença obteve a 16.ª colocação, entre 18 participantes.

K. BASQUETEBOL

Como apenas 15 países participaram, não houve necessidade de se efetuar eliminatórias. As equipes foram divididas em 4 grupos, com o objetivo de classificar os dois primeiros de cada grupo.

Ao Brasil coube o grupo D, o único com apenas 3 países. Após vencer suas partidas contra o Chile (78 X 59) e Austrália (89 X 66), a equipe brasileira passou às quartas-de-final.

Nesta fase, as 8 equipes remanescentes foram divididas em dois grupos. Por infelicidade, o Brasil caiu no mesmo grupo que os Estados Unidos, a União Soviética e a Bulgária, tendo perdido seus três jogos (51 X 113, 68 X 87, e 73 X 82, respectivamente).

Restou a possibilidade de lutar pela 5.^a colocação. No dia 30 de novembro, o Brasil venceu o Chile (89 X 64), mas foi derrotado novamente, no dia seguinte, pela Bulgária (64 X 52).

No final, a equipe brasileira repetiu sua colocação de Helsinki, 6.^o lugar, atrás de Estados Unidos, União Soviética, Uruguai, França e Bulgária.



O extraordinário Wlamir Marques, preparando-se para marcar mais dois pontos para o Brasil.



Flagrantes na Vila Olímpica, aparecendo no grupo de baixo os brasileiros Sávio Costa Lemos, Nilo Ferreira da Silva e Wenceslau Malta, participantes do Pentatlo Moderno.

L. O HIPISMO

As competições de hipismo não puderam ser realizadas na Austrália, por problemas ligados à saúde dos animais. O COI marcou-as para Estocolmo e a equipe brasileira ficou constituída pelos seguintes cavaleiros: Tte. Coronel Eloy Massey Oliveira de Menezes, Major Renildo Pedro Guimarães Ferreira, Sr. Nelson Pessoa Filho e Sr. Pedro Corvello, todos finalistas no Campeonato Brasileiro de Salto (dezembro de 1955).

Esta indicação pode ser dita quase perfeita, pois naquele momento, na opinião geral, os três primeiros cavaleiros não podiam deixar de fazer parte de qualquer equipe que fosse competir no exterior, tal a forma técnica que apresentavam.

Um mês apenas de treinamento dispôs esta equipe, sendo a direção deste treinamento entregue ao General Osvaldo Antonio Borba, que foi designado chefe de equipe.

Foram concentrados os cavaleiros e mais os seguintes animais: Biguá, Rio, Bibelot, Selvático, Caramelo, Travessura, Relincho, Portenho, Diablito, Assalto e Flyer.

A assistência médico-veterinária destes animais foi entregue ao 1º Tenente Dr. Nylton Georges Netto dos Reys.

Os trabalhos realizados durante o escasso mês de treinamento foram muito bons, podendo-se, em face do rendimento verificado, prever futuras possibilidades de êxito, que nos permitissem repetir o brilhante feito de 1952.

Somente no dia 1º de julho, pôde realizar-se o embarque dos cavalos e, dois dias depois, o dos cavaleiros, todos por via aérea. Seguiram os cavaleiros concentrados e os seguintes animais: Biguá, Bibelot, Selvático, Caramelo, Travessura, Relincho e Assalto.

Os animais chegaram a Estocolmo cerca de dez dias antes da abertura dos Jogos Equestres não lhes sendo possível adaptar-se e aclimatar-se.

Apesar disso e, ainda, das condições climáticas reinantes em Estocolmo, nossos cavaleiros conseguiram, mesmo assim, um honroso décimo lugar entre vinte e nove equipes concorrentes, sendo a última das que conseguiram classificação no Prêmio das Nações dos Jogos Olímpicos.

PROGRAMAÇÃO VISUAL
GECOM/SEARG

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Alfredo Fontes

ARTE FINAL
Netto

REPRODUÇÕES FOTOGRÁFICAS
Hélio Martins

COLABORAÇÃO
J. Pedro Ramalho

Impresso na GERAP/SEGRA